

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UERJ  
CENTRO DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES  
FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE SÃO GONÇALO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
CURSO DE MESTRADO ACADÊMICO**

**“ECOS DO PROGRESSO: A TRAJETÓRIA DO GRUPO ESCOLAR DOMÍCIO  
DA GAMA NA CIDADE DE MARICÁ NA DÉCADA DE 1950”**



**MILENA DE MELO SILVA**

**ORIENTADORA: PROF<sup>a</sup> DR<sup>a</sup> SÔNIA CAMARA**

**SÃO GONÇALO,**

**2012.**

**MILENA DE MELO SILVA**

**“ECOS DO PROGRESSO: A TRAJETÓRIA DO GRUPO ESCOLAR DOMÍCIO  
DA GAMA NA CIDADE DE MARICÁ NA DÉCADA DE 1950”**

**Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado  
em Educação da Faculdade de Formação de  
Professores- PPG-EDU, como requisito para  
obtenção do grau de mestre. Sob a orientação da  
Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Sônia Camara.**

**SÃO GONÇALO,  
2012.**

**MILENA DE MELO SILVA**

**“ECOS DO PROGRESSO: A TRAJETÓRIA DO GRUPO ESCOLAR DOMÍCIO  
DA GAMA NA CIDADE DE MARICÁ NA DÉCADA DE 1950”**

**BANCA EXAMINADORA**

---

**Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Sonia Camara (Orientadora) – UERJ FFP.**

---

**Prof. Dr. Jorge Rangel (Fidel) – UERJ FFP.**

---

**Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Nailda Bonato – UNIRIO.**

---

**Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Glaucia Guimarães – UERJ FFP.**

**EPÍGRAFE**

Minha escola primária...  
Escola antiga de antiga mestra.  
Repartida em dois períodos  
para a mesma meninada,  
das 8 às 11, da 1 às 4.  
Nem recreio, nem exames.  
Nem notas, nem férias.  
Sem cânticos, sem merenda...  
Digo mal – sempre havia  
distribuídos  
alguns bolos de palmatória...  
A granel?  
Não, que a Mestra  
era boa, velha, cansada, aposentada.  
Tinha já ensinado a uma geração  
antes da minha.  
[...]  
A casa da escola inda é a mesma.  
– Quanta saudade quando passo ali!  
Rua Direita, nº 13.  
Porta pesada,  
escorada com a mesma pedra  
da nossa infância.

Cora Coralina (1997)

## AGRADECIMENTOS

Escrever essa dissertação foi uma tarefa árdua, permeada por momentos de alegria e de desespero. Durante todo o percurso do mestrado, muitas foram as pessoas que fizeram parte da construção deste trabalho nesse sentido agradecer é uma tarefa nobre e eu tenho real prazer em agradecer as pessoas que me auxiliaram nessa trajetória povoada por dificuldades, alegrias, inseguranças e medos.

Em primeiro lugar eu faço uma prece de agradecimento a Deus pela sua infinita bondade que me sustentou nesse período.

Em seguida agradeço a parceria com a professora Sonia Camara que como uma mãe soube, incentivar, soube silenciar e ainda dar seguidos “puxões de orelha” quando eu como uma filha um tanto desobediente insistia em opções sinuosas.

À Sônia, meu eterno agradecimento, respeito e admiração!

À banca de qualificação que em muito contribuiu para a construção desse trabalho.

Ao Fidel pela imensidão de carinho, de ensinamentos que a sua figura proporciona á todos que estão à sua volta.

À professora Naílda Bonatto pelas contribuições realizadas no exame de qualificação.

À Gláucia Guimarães pelas contribuições e pelo apoio ofertado nessa caminhada.

Aos professores do Curso de Mestrado da Faculdade de Formação de Professores, em especial a Helena Fontoura por todo carinho ofertado.

À Marquinhos , secretário do Programa de Pós-graduação em Educação, seu sorriso e sua ajuda desmedida foram fundamentais!

À turma de 2010 meus colegas queridos sempre lembrarei das aulas, das lágrimas, dos trabalhos e dos laços fraternos de amizade construídos nessa jornada.

À Renato Poubel meu agradecimento por toda solidariedade e por todo carinho ofertado.

À Paula Moraes meu agradecimento pela companhia, pelas risadas, pelas tristezas e angústias compartilhadas e agora pela alegria em finalizar essa etapa.

À Marcela Cockell agradeço pela parceria nas leituras dos capítulos dessa dissertação.

Aos companheiros do NIPHEI agradeço não só as contribuições acadêmicas, mas principalmente, a amizade e o respeito.

Por último, reservei o agradecimento mais importante: à minha família que caminhou ao meu lado em todo percurso do mestrado.

Aos meus pais Fatima e Sebastião alicerce firme presente em todos os momentos da minha vida.

À minha avó Leda pelas orações diárias que me sustentaram me dando garra e energia para alcançar o sonho do mestrado.

À minha tia Marilda pelo ombro amigo em todas as horas.

À Alê que só veio somar na minha vida e que com amor me deu força para continuar essa empreitada.

À Michelle pela amizade e pelas contribuições com esse trabalho.

Aos amigos, que me ajudaram a levar adiante esse meu sonho recheando os meus dias com sorrisos, incentivos e palavras de encorajamento.

Agradeço aos alunos do Grupo Escolar Domício da Gama que contribuíram diretamente com a realização deste trabalho: Maria Penha, Marli Santos, Cláudio Boechat, Clério Boechat, Dirce, Maria Amélia, Dona Conceição, Dona Ana e Eunice Coelho e a todos os alunos que passaram pelos bancos do Grupo Escolar Domício da Gama.

A todos vocês, o meu carinho e a certeza de que todo trabalho se torna mais fácil quando somos rodeados por pessoas queridas!

## DEDICATÓRIA

A Deus pela sua infinita bondade;  
A minha mãe pela ajuda e pelas constantes orações;  
A Sônia Camara por acreditar no meu trabalho;  
A Jorge da Capadócia meu amigo de todas as horas.

## RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo investigar a trajetória histórica do Grupo Escolar Domício da Gama destacando o seu papel no que se refere à expansão da escolarização da infância na cidade de Maricá na década de 1950. Interessa-nos pensar a constituição do Grupo Escolar como espaço de disseminação da instrução popular, alavancando novas relações entre a escola e a cidade viabilizadas a partir das práticas pedagógicas e sociais organizadas pela instituição. Para realização desse trabalho utilizamos a metodologia de pesquisa histórica, onde recorreremos às fontes primárias constituídas por livros de registro, livros de frequência, fontes iconográficas e entrevistas na tentativa de refletir acerca das práticas escolares e das representações produzidas no espaço escolar do Grupo Domício da Gama. Para tanto, buscamos aportes teóricos nas contribuições de Benjamim (1994), Elias (1997), Chartier (1990), Certeau (2007), Werle (2004) Ginzburg (1989), Geremek (1997), Foucault (1987), Faria Filho (2000,2007), Camara (2010), Souza (1998, 2006), Vidal (2003, 2006, 2008), Veiga (2000, 2003, 2005), entre outros.

Palavras-chave – Expansão Escolar, Grupo Escolar, Cultura Escolar.

## **ABSTRACT**

The present study aims to investigate the historical trajectory of the primary school Domício da Gama highlighting its role as regards the expansion of schooling of children in the town Marica in the 1950. We are interested in thinking about the constitution of the primary school as an area of spread of popular education, leveraging new relationship between the school and the city made possible from the pedagogical and social practices organized by the institution. To perform this study we used the methodology of historical research, where we use the primary sources consist of log books, attendance books, iconographic sources and interviews in an attempt to reflect on school practices and representations made in the school of Gama Goup Domício. To this end, we seek theoretical contributions of: Benjamim (1994), Elias(1997), Chartier (1990), Certeau (2007), Ginzburg (1989), Geremeck (1997), Foucault (1987), Faria Filho (2000,2007), Camara (2010), Souza (1998,2006), Vidal (2003,2006,2008), Veiga (2008), among others.

Keywords- Expanding School, Elementary School, School Culture.

**LISTA DE GRÁFICOS**

<b>GRÁFICO- I</b> RELAÇÃO DE APROVADOS E REPROVADOS	
1950 - 1959.....	56
<b>GRÁFICO- II</b> NÚMERO DE MATRÍCULAS POR ANO	
1950 - 1959.....	70
<b>GRÁFICO- III</b> DIVISÃO ALUNOS POR SEXO	
1950 - 1959.....	73
<b>GRÁFICO- IV</b> INDICE DE ESCOLARIDADE	
DOS PAIS.....	87
<b>GRÁFICO- V</b> RELIGIÃO EVANGÉLICA E CATÓLICA	
1950 – 1959.....	94

## LISTA DE TABELAS

<b>TABELA-I</b> POPULAÇÃO RESIDENTE/SEXO E NÃO ALFABETIZADO BRASIL 1890 – 1920.....	20
<b>TABELA-II</b> POPULAÇÃO LIVRE ( SEXO MASCULINO).....	29
<b>TABELA-III</b> POPULAÇÃO LIVRE ( SEXO FEMININO).....	29
<b>TABELA-IV</b> RESULTADOS CENSITÁRIOS DE SETEMBRO DE 1940.....	30
<b>TABELA-V</b> PRODUÇÃO DE LEGUMES E HORTALIÇAS ANO DE 1950.....	33
<b>TABELA-VI</b> CRIAÇÃO DAS ESCOLAS NO MUNICÍPIO DE MARICÁ 1890 -1954.....	40
<b>TABELA-VII</b> CONTEÚDOS ESCOLARES.....	64
<b>TABELA-VIII</b> RECENSEAMENTO DO BRASIL ANOS DE 1920.....	68
<b>TABELA-IX</b> BAIRROS DE ORIGEM DOS ALUNOS.....	85
<b>TABELA -X</b> DATAS CÍVICAS E FESTEJOS DO GRUPO ESCOLAR DOMÍCIO DA GAMA.....	91

## LISTA DE IMAGENS

<b>IMAGEM-I</b> ESTAÇÃO FERROVIÁRIA DE MARICÁ.....	30
<b>IMAGEM-II</b> MUNICÍPIOS INFLUENCIADOS PELA ESTRADA DE FERRO MARICÁ.....	31
<b>IMAGEM-III</b> CIDADE DE MARICÁ.....	35
<b>IMAGEM-IV</b> VIAÇÃO NOSSA SENHORA DO AMPARO.....	41
<b>IMAGEM-V</b> FACHADA PRÉDIO DO CINEMA DE MARICÁ.....	41
<b>IMAGEM-VI</b> DIRETORA LEONOR LEITE - FOTO DA ANTIGA ESCOLA ISOLADA DO FLAMENGO - TURMA 1932 .....	45
<b>IMAGEM-VII</b> NOVA FACHADA DO GRUPO ESCOLAR DOMÍCIO DA GAMA .....	50
<b>IMAGEM-VIII</b> ENTRADA DOS ALUNOS DO GRUPO ESCOLAR: ALUNOS PERFILADOS.....	57
<b>IMAGEM-XI</b> ALUNOS DO GRUPO ESCOLAR COM O PADRE PAULO MACHADO 1959.....	61
<b>IMAGEM-X</b> DESFILE DE 26 DE MAIO.....	62
<b>IMAGEM-XI</b> PROVA ESCOLAR.....	65
<b>IMAGEM- XII</b> FOTOGRAFIA EX-ALUNA MARIA PENHA DE ANDRADE.....	76
<b>IMAGEM-XIII</b> FOTOGRAFIA EX-ALUNA ANA MARIA SOUZA.....	76
<b>IMAGEM-XIV</b> FOTOGRAFIA EX-ALUNA MARIA AMÉLIA COELHO.....	77
<b>IMAGEM-XV</b> FOTOGRAFIA EX-ALUNA MARLI MARIA SANTOS.....	77
<b>IMAGEM-XVI</b> FOTOGRAFIA EX-ALUNA EUNICE COELHO.....	77
<b>IMAGEM-XVII</b> FOTOGRAFIA EX-ALUNA CONCEIÇÃO DE ANDRADE.....	78
<b>IMAGEM-XVIII</b> FOTOGRAFIA EX-ALUNO CLÁUDIO BOECHAT.....	78
<b>IMAGEM- XIX</b> ANTIGO PRÉDIO DA ANTIGA ESCOLA ISOLADA.....	80
<b>IMAGEM-XX</b> PRÉDIO REFORMADO DO GRUPO ESCOLAR	

DOMÍCIO DA GAMA.....	81
<b>IMAGEM-XXI</b> DIRETORA ZILCA LOPES .....	83
<b>IMAGEM- XXII</b> ALUNOS UNIFORMIZADOS-GRUPO ESCOLAR	
DOMÍCIO DA GAMA.....	86
<b>IMAGEM- XXIII</b> PELOTÃO DE ALUNOS DO GRUPO ESCOLAR	
DOMÍCIO DA GAMA.....	89
<b>IMAGEM-XXIV</b> FESTA JUNINA DO GRUPO ESCOLAR DOMÍCIO	
DA GAMA.....	92
<b>IMAGEM-XXV</b> FESTA DE ENTREGA DO LIVRO.....	92
<b>IMAGEM-XXVI</b> COMEMORAÇÃO DA 1ª COMUNHÃO- ALUNOS	
DO GRUPO ESCOLAR DOMÍCIO DA GAMA.....	94
<b>IMAGEM- XXVII</b> ATENDIMENTO MÉDICO.....	99
<b>IMAGEM- XXVIII</b> ATENDIMENTO DENTÁRIO NO	
GRUPO ESCOLAR.....	100

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	1
<b>CAPÍTULO I - OS GRUPOS ESCOLARES COMO SÍMBOLOS DA EDUCAÇÃO REPUBLICANA.....</b>	<b>12</b>
1.1 O PAPEL DOS GRUPOS ESCOLARES NO PROJETO DE MODERNIZAÇÃO DO BRASIL.....	12
1.2 ..... A QUESTÃO DA MODERNIZAÇÃO DO ENSINO PRIMÁRIO NO RIO DE JANEIRO.....	21
1.3 ESPELHOS DO PROGRESSO A MODERNIZAÇÃO MARICAENSE ANTECEDENTES HISTÓRICOS, ECONÔMICOS E SOCIAIS.....	27
1.4 O DESPERTAR DE UMA CONSCIÊNCIA EDUCACIONAL NA CIDADE DE MARICÁ.....	34
<b>CAPÍTULO II- ECOS DO PROGRESSO A TRAJETÓRIA HISTÓRICA DO GRUPO ESCOLAR DOMÍCIO DA GAMA.....</b>	<b>44</b>
2.1 A TRAJETÓRIA HISTÓRICA DO GRUPO ESCOLAR DOMÍCIO DA GAMA.....	44
2.2 ARQUITETURA DAS NOVAS CASAS DE INSTRUÇÃO.....	47
2.3 A ORGANIZAÇÃO PEDAGÓGICA DO GRUPO ESCOLAR DOMÍCIO DA GAMA .....	51
2.4 UMA ANÁLISE DOS PERCENTUAIS DE ACESSIBILIDADE DAS CLASSES POPULARES NA ESCOLA.....	67
<b>CAPÍTULO III REVISITANDO O ESPAÇO/TEMPO DO GRUPO ESCOLAR DOMÍCIO DA GAMA.....</b>	<b>75</b>
3.1 APRESENTANDO O CENÁRIO DO GRUPO ESCOLAR DOMÍCIO DA GAMA.....	75
3.1.1 UM RETRATO 3X4 DOS ENTREVISTADOS.....	76

3.2 O ESPAÇO ESCOLAR DO GRUPO DOMÍCIO DA GAMA.....	79
3.3 SÍMBOLO DA EDUCAÇÃO MARICAENSE - A DIRETORA ZILCA LOPES DA FONTOURA.....	82
3.3.1 CLIENTELA DO GRUPO ESCOLAR.....	85
3.4 AMOR À PÁTRIA FESTEJOS CÍVICOS E DATAS COMEMORATIVAS NO GRUPO ESCOLAR DOMÍCIO DA GAMA.....	88
3.5 O SOAR DO SINAL - A MARCAÇÃO DO TEMPO ESCOLAR.....	94
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	102
BIBLIOGRAFIA.....	105
ANEXOS.....	113

## INTRODUÇÃO

Ao iniciarmos o curso de mestrado em educação no ano de 2010 tínhamos como objeto de pesquisa investigar os processos de expansão da escolarização brasileira engendrada pelo modelo dos grupos escolares. A partir da vinculação ao Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa em História da Educação e Infância (NIPHEI) começamos a desenvolver uma revisão bibliográfica acerca da expansão da escola primária no Brasil.

Nessa perspectiva delinhamos o nosso objeto a partir da análise dos grupos escolares, um modelo de escola pública que se configurou como um dos principais elementos de expansão da escola no Brasil em finais do século XIX. As pesquisas centradas na modalidade escolar dos grupos emergiram na década de 1990, como um aspecto renovador da história da educação brasileira.

A história dos grupos escolares emerge nos anos 90 como fruto do movimento de renovação dos estudos em história da educação e na confluência de duas temáticas de investigação para os quais se voltaram os historiadores: a história das instituições educativas e o interesse pela cultura escolar. Pode-se dizer que essa história significou uma redescoberta do ensino primário investigado com base em novas abordagens e interpelações epistemológicas e explorado numa multiplicidade de temas e objetos (Souza; Faria Filho, 2006, p. 22).

Em seguida localizamos nossa pesquisa na constituição da rede de ensino do Município Maricá situado no interior do Estado do Rio de Janeiro. Optamos por pesquisar o Grupo Escolar Domício da Gama, devido a representatividade dada pela população maricaense à essa instituição de ensino que foi o primeiro Grupo Escolar do Município.

Após essa delimitação, tivemos a possibilidade de definir os objetivos da pesquisa que teve como principal objetivo descrever e analisar a trajetória do grupo escolar. O período analisado refere-se à década de 1950 essa delimitação temporal justifica-se pela transformação da Escola Isolada do Flamengo<sup>1</sup> para Grupo Escolar Domício da Gama no ano de 1954. Deste modo, cabe ressaltar que optamos por um recorte temporal mais amplo

---

<sup>1</sup> Segundo Veiga (2007) as escolas isoladas caracterizavam-se por serem escolas de primeiras letras que compuseram o cenário educacional brasileiro. Tratava-se de instituições responsáveis pela transmissão dos saberes elementares – ler, escrever e contar – para meninos e meninas.

vislumbrando assim reconstruir o contexto de transição de Escola Isolada para modalidade de Grupo Escolar e assim sinalizar as práticas escolares legadas por essa instituição de ensino que para além de ensinar a ler, escrever e contar buscava disseminar a cultura, o civismo e a disciplina.

Datar é e será sempre uma das tarefas fundamentais do historiador, mas deve fazer-se acompanhar de outra manipulação necessária da duração – a periodização – para que a datação se torne historicamente pensável... A periodização é o principal instrumento de inteligibilidade das mudanças significativas (Le Goff, 2003, p. 47).

Nossa hipótese é que o grupo assumiu a função de propagar a escolarização na cidade de Maricá, na medida em que reafirmava a instrução como a base fundamental para o progresso social e econômico da cidade de Maricá. Interessou-nos subsidiar a nossa pesquisa na expansão e na democratização da escola em Maricá desenvolvida pelo modelo educacional dos Grupos Escolares<sup>2</sup> na década de 1950.

Desta forma, problematizamos os debates acerca da expansão da escolarização preconizada pelos intelectuais republicanos cujas lutas referenciavam um novo modelo escolar identificada às concepções pedagógicas desenvolvidas nos Grupos Escolares: Quais eram as práticas escolares de educar, civilizar e moralizar as crianças desenvolvidas no Grupo Escolar Domício da Gama na década de 1950? Ocorreu expansão da escolarização das camadas populares na cidade de Maricá a partir da criação do grupo escolar na década de 1950?

A presente pesquisa analisou a circularidade, das políticas educacionais vinculadas a modalidade dos grupos escolares no Estado do Rio de Janeiro, ou seja, as novas relações de ensino dispostas pelas modernas práticas pedagógicas<sup>3</sup> utilizadas pelo Estado para expandir e democratizar a escola maricaense.

A análise da trajetória do Grupo Escolar Domício da Gama está relacionada às mudanças pelas quais Maricá passou nos anos de 1950.

---

<sup>2</sup> Segundo Souza (1998) os Grupos escolares, no Brasil, foram implantados pela primeira vez no Estado de São Paulo sendo considerados um dos mais importantes instrumentos de disseminação da cultura para as classes populares. Conferir em (Souza, 1998, p. 32).

<sup>3</sup> As inovações pedagógicas começaram a ser implantadas, no Brasil, nas escolas confessionais e leigas, instaladas no fim do século XIX, destinadas a atender um público composto por filhos dos membros da elite. Republicanos paulistas que atuaram na reforma do ensino em São Paulo estiveram envolvidos nessas escolas (Souza, 1998, p.108).

Segundo Brum (2004):

“Nos anos de 1950 a cidade de Maricá apresentava um potencial crescimento econômico e cultural. A década de 1950 ficou conhecida como um período áureo se destacando pela efervescência cultural da cidade, pelas melhorias urbanas como: o asfaltamento das ruas e avenidas da cidade, pela conquista dos serviços de eletricidade e de transporte coletivo”(Brum, 2004, p.34).

Ao pensarmos acerca do conceito de “trajetória” ancoramos nossa análise nas proposições teóricas de Certeau (2007, p.93), isto é, um conjunto de movimentos contínuos e descontínuos que marcaram a instituição. Neste sentido, entendemos a definição de “trajetória” como um conceito permeado pelos aspectos indiciários da história de uma instituição escolar, ou seja, as marcas talhadas nos materiais escolares, no mobiliário, nas fotografias, nas brincadeiras das crianças e nas lembranças de seus ex-alunos, funcionários e colaboradores.

Ao tomarmos, como cenário a cidade de Maricá construímos um painel tecido, a partir das estratégias deflagradas pelo governo republicano, procurando, assim, traduzir um jogo de querer e de poder do Estado brasileiro em expandir a escola na tentativa de perseguir o *status* de civilização.

Com esse intento, a proposta de pesquisa vincula-se à narrativa da minha pertença social, ou seja, nos rendemos ao convite de Benjamim (1994, p.223), quando destaca que o “passado traz um índice misterioso e que nas vozes que escutamos residem ecos de vozes que emudeceram”. Remetemo-nos, desta forma, à produção de uma história que traz à luz os que foram silenciados, os vencidos “os que tiveram sua versão da história sufocada pela historiografia oficial”.

Para construirmos uma compreensão mais apurada acerca da legitimação do Grupo Escolar Domício da Gama, foi preciso analisar, de forma minuciosa, a emergência desse modelo escolar no Brasil. Os grupos escolares foram criados no Brasil na década de 1890, sendo sua primeira organização no Estado de São Paulo no qual, sua ação central era expandir a escolarização das massas. Vidal (2006) destaca a expansão gradual do modelo dos grupos

escolares nas primeiras décadas republicanas, em outros estados brasileiros como: Rio de Janeiro (1897); Maranhão e Paraná (1903); Minas Gerais (1906); Bahia, Rio Grande do Norte, Espírito Santo e Santa Catarina (1908); Mato Grosso (1910); Sergipe (1911); Paraíba (1916) e Piauí (1922).

Os grupos escolares nasceram, portanto, associados a uma representação que os designava como instituições educativas modernas atreladas a reelaboração de métodos de ensino, na produção de um novo programa e de novos espaços para a escola primária e na consequente redefinição do tempo escolar. Este novo modo de organização do ensino introduzida no Brasil, conforme Souza (2006) recebeu influência da organização escolar instalada em países considerados civilizados, como Estados Unidos e vários países Europeus. Segundo Faria Filho (2000), os grupos escolares constituíram em uma completa organização do ensino, que pretendia abarcar desde suas metodologias e conteúdos, como também a formação docente, os espaços e tempos do ensino.

A questão evocada por esta transição nos remete as ideias e discursos difundidos, pelo governo republicano endossado pelos intelectuais reformadores voltados para o desenvolvimento nacional. Para Nóvoa (1998, p.19) a história da escola sempre foi contada como a história do progresso, ou seja, por ela passariam os mais importantes esforços civilizacionais e, assim, a resolução de quase todos os problemas sociais.

Pesquisar o processo de escolarização maricaense, a partir, da trajetória do Grupo Escolar Domício da Gama remeteu-nos a necessidade de compreender as condições de vida e, principalmente à acessibilidade e permanência das crianças no espaço escolar, tendo em vista o baixo percentual de escolaridade do Município que segundo dados do IBGE somente 5.189 dos 18.976 habitantes de Maricá sabiam ler e escrever.

No que concerne aos objetivos, a presente pesquisa focalizou a trajetória do Grupo Escolar Domício da Gama, nesse sentido o papel por ele desempenhado, a função social, seu ideário e suas práticas pedagógicas. Para tanto, traçamos os seguintes objetivos específicos: investigar o processo de expansão escolar impulsionada pelo Grupo Escolar Domício da Gama em Maricá no contexto dos anos de 1950; identificar e analisar a relação existente entre acesso e permanência das crianças no Grupo escolar mediante análise

dos indicadores de matrículas efetivadas, aprovação e repetência; mapear as práticas pedagógicas que se desenvolveram no Grupo Escolar Domício da Gama na década de 1950.

Tratava-se de um modelo de organização do ensino elementar mais racionalizado e padronizado com vistas a atender a um grande número de crianças, portanto, uma escola adequada à escolarização em massa e às necessidades de universalização da educação. Sinalizava, portanto, para a organização disciplinadora, marcada pelo controle do tempo, pela organização dos saberes e pela condição de atender um grande número de alunos.

Nesse sentido, buscamos perceber as estratégias de escolarização das classes populares implementadas no Município de Maricá articuladas ao ideário de construção da nação e da necessidade de controlar a população pobre. Para Geremeck (1997, p.227) “a descoberta da pobreza na sociedade industrial, testemunha a tomada de consciência de que a fragilidade das instituições sociais e a desigualdade dos direitos efetivos não permitem a uma importante parte de a população participar com efeito desse desenvolvimento”. Deste modo, era preciso organizar o socorro público a esse contingente da sociedade, marcado pela privação de direitos elementares. A pobreza era considerada como resultado da ignorância dos pobres, ou seja, algo que oferece perigo e vulnerabilidade social tornando-se necessário submeter esse contingente desfavorecido ao controle do Estado.

Nesse cenário, a expansão da escolarização estava articulada a uma estratégia que se vinculava as práticas escolares, diretivas e organizacionais, ao ideal de avanço e de reforma. Como salienta Mendonça; Ramos do Ó, (2006, p.23) “a transformação da relação e dos fins da educação foi inteiramente sustentada por uma ideologia do progresso e reforma”.

Em primeira instância esse estudo, justifica-se por realizar a reconstrução da trajetória do Grupo Escolar Domício da Gama, o primeiro grupo escolar da cidade. Outro aspecto relaciona-se ao fato da existência de lacunas no que se refere a investimentos históricos e memorialísticos da educação das cidades interioranas. Essa relação é vista na análise da cidade de Maricá pelas raras produções acadêmicas encontradas.

No levantamento das produções acadêmicas realizado nas áreas das ciências humanas e sociais da Universidade Federal Fluminense referente ao

período de 2000 até 2009 evidenciou-nos os seguintes resultados: 6 registros, cujos, objetos de estudo referiam-se à cidade de Maricá desenvolvidos nos programas de pós-graduação em geografia e história, e somente uma referente ao tema da educação em Maricá nos anos 2000.

Só encontramos três obras memorialísticas<sup>4</sup> referente a trajetória da cidade de Maricá a saber: *Maricá- Meu Amor*, publicada no ano de (1977). Essa obra se dedica a narrativa dos aspectos econômicos e culturais da cidade, bem como da criação da Vila de Maricá. As obras *Contando a História de Maricá* (2004) e *Compêndios da História de Maricá* (2005) descrevem a criação da cidade, o seu desenvolvimento econômico, a história dos bairros, a criação da estrada de ferro, da primeira empresa de transporte, o desenvolvimento populacional, entre outros.

No desenvolvimento da revisão bibliográfica constatamos a inexistência de pesquisas sobre a escolarização primária no Município, aspecto que colabora para a relevância da presente investigação. Santos (1994) salienta em seu estudo sobre “o local”, os direitos a cidade como uma questão central, ou seja, o desafio de investigar as relações, os discursos e as imagens dos sujeitos escolares da cidade, permite-nos refletir sobre as possibilidades político-epistemológicas da instituição escolar na construção de políticas de direito à cidade.

Nesse sentido, justificamos a relevância da construção da história e da trajetória da educação e dos sujeitos escolares maricaenses, de modo que visualizemos a interação da cidade com as políticas nacionais e com as peculiaridades educacionais no Município.

No que concerne à questão metodológica, a primeira etapa consistiu na revisão da literatura sobre o objeto de estudo, isto é, a implantação dos grupos escolares como espaços de ensino que produziram um grande impacto no processo de escolarização brasileira a partir dos finais do século XIX.

Para isso, utilizamos como fontes documentais: livros, atas de reuniões da Inspetoria de Instrução Pública, termos de visitas, artigos e fotografias que

---

<sup>4</sup> Essas obras memorialísticas foram utilizadas como fontes documentais tendo em vista as contribuições no que se refere a reconstrução do cenário econômico, social e educacional de Maricá, desde o século passado até os dias atuais. Também foram consultados dados estatísticos, pertencentes à base de dados do IBGE, a respeito da população e instrução do Estado do Rio de Janeiro e da cidade de Maricá respectivamente, sobre os anos de 1950.

se encontram na Casa de Cultura de Maricá, na Academia de Letras de Maricá, no Arquivo Nacional, na Imprensa Oficial do Estado do Rio de Janeiro, na Biblioteca Nacional e no acervo do atual Colégio Estadual Domício da Gama.

Importantes fontes para a construção desta dissertação foram os relatórios de inspeção do ensino e as atas das reuniões com a Inspetoria de Instrução Pública. Os termos de vista e inspeção<sup>5</sup> técnica nos auxiliaram na compreensão do cotidiano do grupo escolar, na medida em que enfatizavam as condições materiais da instituição, os índices de matrícula e de frequência, além de explicitarem as formas de organização e fiscalização do ensino desenvolvido no Grupo Escolar Domício da Gama. As listas de materiais recebidos e requeridos, de autoria de inspetores, e da dirigente do Grupo Escolar tiveram também grande importância na construção deste trabalho, na medida em que, evidenciaram relevantes aspectos referentes à sua organização, seus problemas e às ações empreendidas pela instituição de ensino.

Dividimos a busca por documentos em dois momentos: no primeiro focalizamos na documentação existente no atual Colégio Estadual Domício da Gama, sede da Escola Isolada do Flamengo e, posteriormente do Grupo Escolar Domício da Gama. Os documentos abrangem o período de 1946 a 1970.

No segundo priorizamos a documentação existente na Casa de Cultura de Maricá, mais especificamente ao Museu de Maricá, onde encontramos diversos registros sobre as escolas de Maricá, especificamente sobre o Grupo Escolar Domício da Gama onde localizamos fotografias do prédio antigo da então Escola Isolada, do prédio reformado, dos desfiles cívicos dos anos de 1956 e 1958 e entrevistas<sup>6</sup> realizadas com as ex- professoras Pérola Boechat e Zilca Lopes.

---

<sup>5</sup> Sua função era averiguar: [...] a disciplina, a ordem e a regularidade dos trabalhos escolares, verificar se o programa do ensino primário está bem e fielmente praticado, dar ao professor as necessárias instruções caso verifique não ter ele bem compreendido o espírito do programa, assistir ao funcionamento das aulas, indicando ao professor tudo quanto repute necessário modificar no método por ele seguido e, finalmente, dentre muitos outros, inaugurar, sempre que lhe seja possível, as escolas de criação nova ou restauradas [...] (Faria Filho, 1996, p. 163).

<sup>6</sup> Cabe ressaltar que as entrevistas citadas referem-se ao material produzido pela Casa de Cultura de Maricá por ocasião do Centenário de Domício da Gama que originou a Exposição - O Ilustre Cidadão Maricaense realizada no período de maio- agosto de 2011.

Com relação ao uso das fotografias destacamos que estas são entendidas como importantes fontes documentais para o desenvolvimento da pesquisa. Entendemos que as fotografias contribuem para o entendimento das práticas pedagógicas desenvolvidas no Grupo Escolar Domício da Gama.

[...] deve o historiador fazer dialogar os documentos fotográfico com demais fontes disponíveis sobre o período, rompendo o caráter fragmentário da fotografia e facilitando o estudo do conteúdo das imagens, bem como concorrendo para fixar datas e locais de produção dos objetos de análise (Vidal, 2007, p. 2).

No entanto, no decorrer da investigação, outras fontes foram sendo consultadas, por apresentarem indícios que contribuíram para a compreensão do objeto desta dissertação. São eles: as fontes iconográficas, as provas e exercícios escolares, os diplomas de conclusão de curso e entrevistas realizadas com oito alunos que estudaram no grupo escolar entre os anos de 1950 até 1959, isto é período correspondente à pesquisa.

A partir dessas fontes buscamos localizar o que representaram as práticas pedagógicas e disciplinares desenvolvidas no interior do Grupo Escolar Domício da Gama. A análise documental nos possibilitou a compreensão de determinados aspectos que compunham a chamada cultura escolar do Grupo Escolar Domício da Gama, bem como sustentar nossa percepção acerca dos eixos centrais de interesse, tais como: índices de repetência; índice de entrada e de saída dos alunos; aspectos da cultura escolar do Grupo Escolar; atividades pedagógicas, além das interferências e recomendações realizadas pela Inspeção Estadual de Ensino público na sua prática escolar. “A análise documental busca identificar informações factuais nos documentos a partir de questões e hipóteses de interesse” (Caulley apud Lüdke; André, 1986,p.38).

As autoras Ludke; André (1986) descrevem o procedimento da análise documental como uma técnica indicativa de possíveis pistas que podem ser confrontadas e melhor exploradas com a utilização de outros procedimentos. Para as autoras sustentam-se “Como uma técnica exploratória, a análise documental indica problemas que devem ser mais bem explorados através de outros métodos”.

Utilizamos ainda, o recurso metodológico das entrevistas, de caráter qualitativo e semi-estruturadas. Para a realização das entrevistas dos ex-alunos e ex-docentes do Grupo Escolar Domício da Gama no período abarcado pela pesquisa foram contatados por telefone e se acaso concordassem em participar da pesquisa recebiam o questionário que informava a finalidade e a importância da entrevista na construção metodológica da pesquisa. As entrevistas aconteceram em locais definidos pelos entrevistados e desse modo desenvolveram-se em um ambiente de familiaridade e descontração. Foi encaminhado também um termo de autorização para a utilização das entrevistas da presente pesquisa.

Desse modo, os critérios escolhidos para os docentes foi o de ter exercido docência no período de 1950 até 1959, para alunos o de terem cursado o ensino primário no Grupo Escolar Domício da Gama no período analisado pela presente pesquisa. Nesse sentido selecionamos 8 ex-alunos que estiveram ligados ao Grupo Escolar nos período circunscrito pela pesquisa e pelas docentes : Dilza Fontoura e Zilca Lopes da Fontoura que atuam por mais de duas décadas no Grupo Escolar Domício da Gama.

A partir da leitura de autores nacionais e estrangeiros construímos nosso aporte teórico para subsidiarmos a problematização do nosso objeto de investigação, como: Certeau (2007) no qual salientamos o conceito de *estratégia e tática*, no que se refere à implementação de políticas disseminadoras da expansão da escola e do ideal de civilização; Elias (1998) destacando estratégia fundamental da educação para completar o projeto de civilização; Foucault (1987) ao problematizar o controle dos corpos e a sistematicidade do poder. Utilizamos, ainda, o aporte teórico de Ginzburg (1989) que contribuiu fundamentando nossa investigação com o conceito de pistas e sinais aparentemente considerados sem importância; Roger Chartier (1990) com o conceito de representação<sup>7</sup> que nos ajudou a tencionar as práticas sociais dos sujeitos que compuseram o Grupo Escolar Domício da Gama e finalmente as contribuições de Bloch (2001) e Jacques Le Goff (2003)

---

<sup>7</sup> Entendemos, por representações coletivas as que produzem configurações intelectuais múltiplas acrescidas às estruturas do mundo social aos indivíduos, e à construção dos comportamentos e hábitos encarregados de mostrar uma identidade. Ver (Chartier,1990, p.90).

no que refere-se a escrita de uma “história vinda de baixo”<sup>8</sup> que incorporou novas categorias de análise e novos objetos voltados para a recriação crítica do fazer histórico a partir da criação da Escola dos Annales.

Para fundamentar a discussão dos Grupos Escolares no Brasil, utilizamos as contribuições teóricas desenvolvidas por Souza (1998, 2006), Carvalho (1998), Veiga (2000, 2003, 2005), Camara (2010), Vidal (2003, 2006, 2008), Faria Filho (2000, 2007), Bencostta (2008), Lopes (2008) entre outros autores cujas temáticas de estudo se referem-se a implantação da escola primária no Brasil, enfatizando o desafio da escolarização no final do século XIX, destacando a organização e a racionalização desse novo modelo de escola os chamados grupos escolares responsáveis por uma série de mudanças na lógica da educação escolar no que refere-se a inculcação de comportamentos considerados ideais aos alunos e dos docentes.

Com este objetivo, o trabalho foi organizado em três capítulos. O primeiro capítulo intitulado: **Os Grupos Escolares como Símbolos da Educação Republicana** - apresentamos uma discussão sobre o surgimento dos grupos escolares no Brasil identificando-os como um novo espaço público, símbolo da modernidade e do progresso social, defendidos pelo ideário republicano. Destacamos a organização da história da educação na cidade de Maricá enfatizando o processo de implementação do primeiro Grupo Escolar na década de 1950.

O segundo capítulo **Ecos do Progresso a Trajetória Histórica do Grupo Escolar Domício da Gama** - apresentamos a trajetória do Grupo Escolar Domício da Gama como estabelecimento disseminador de um projeto de escolarização em Maricá. Desse modo, foi analisado o espaço, a organização do tempo, os saberes que se pretendia desenvolver e as condições de acesso e de permanência dos escolares na instituição de ensino.

As fontes utilizadas na construção deste capítulo foram: os originais dos Livros de Matrículas do Grupo Escolar Domício da Gama, Livro de Termos de

---

<sup>8</sup> Escola dos Annales surgiu em 1929 redefinindo o fazer historiográfico. Nesse sentido Bloch (2001, p.42) destaca que a história deixou de ser apenas uma narrativa de fatos e passou a privilegiar a análise do processo, das estruturas entre outros aspectos. Com essa nova operação historiográfica ocorreu mudanças importantes como o uso de novas fontes, a ampliação dos objetos de estudo e novas abordagens.

Visitas da Inspeção de Instrução Pública e fotografias referentes ao período da pesquisa.

O terceiro capítulo **Revisitando o Espaço/Tempo do Grupo Escolar Domício da Gama** - apresentamos a organização do espaço escolar dando ênfase às exposições escolares, às festividades referentes ao encerramento do ano letivo, às comemorações do aniversário de Maricá e às festas cívicas. As fontes utilizadas foram: as fotografias, as entrevistas com os ex-alunos, com a professora Dilza Fontoura e com a dirigente Zilca Lopes da Fontoura que nos permitiram mapear as práticas escolares disseminadas pelo Grupo Escolar Domício da Gama.

## **CAPÍTULO I**

### **OS GRUPOS ESCOLARES COMO SÍMBOLOS DA EDUCAÇÃO REPUBLICANA**

#### **1.1 O PAPEL DOS GRUPOS ESCOLARES NO PROJETO DE MODERNIZAÇÃO DO BRASIL**

Se os tempos eram de mudança, no Brasil, mais que isso, os tempos eram de criação; sentia-se estar finalmente fundando a nação. Acreditava-se fervorosamente na possibilidade de (re) formar o Brasil- proposta que logo adquiriu a dimensão de uma ampla missão saneadora e civilizadora. Bradava-se como ideal salvar o Brasil do atraso, da ignorância e da barbárie para transformá-lo numa nação culta e civilizada (Camara, 2010, p.117).

A implantação do Regime republicano brasileiro se fez a partir de condições bastante peculiares do país. Como assegura Carvalho (1990, p. 23) é sob a divisa da “ordem e do progresso” que o novo regime vai sustentar o projeto político de progresso e modernização da nação.

Para Faria Filho e Vidal (2000) a escolarização durante a colônia constituiu-se a partir de espaços precarizados, sendo as escolas frequentadas por uma pequena parcela abastada da população brasileira, nesse sentido, fica evidente um dos fundamentos da baixa escolaridade da população brasileira.

Utilizavam espaços improvisados das casas das famílias ou dos professores e de prédios públicos ou comerciais. Todos eles, exceto o primeiro, eram freqüentados quase exclusivamente por crianças e jovens abastados. Em todas as escolas, era, geralmente, proibida a freqüência de crianças negras, mesmo livres, até pelo menos o final da segunda metade do século.

O período colonial legou-nos um número muito reduzido de escolas régias ou de cadeiras públicas de primeiras letras, constituídas, sobretudo a partir da segunda metade do século XVIII. Com professores reconhecidos ou nomeados como tais pelos órgãos de governos responsáveis pela instrução, essas escolas funcionavam em espaços improvisados, como igrejas, sacristias, dependências das Câmaras Municipais, salas de entrada de lojas maçônicas, prédios comerciais, ou na própria residência dos mestres (Faria Filho; Vidal, 2000, p.21).

A educação no Império destacava-se por um ensino elementar e precarizado, utilizava-se a metodologia do ensino lancasterano ou mútuo geralmente aplicado em espaços improvisados, pequenos, insalubres, pouco iluminados e arejados. Segundo Souza (2006, p.51) as escolas no período Imperial apresentava precárias condições de ensino público, pois haviam poucas escolas e em geral os docentes não possuíam formação adequada.

As escolas imperiais funcionavam em grande parte em salas impróprias, com mobiliário e materiais didáticos insuficientes; a maior parte dos professores era formada por leigos que recebiam poucos salários, sendo o desinteresse do Poder Público pela educação elementar desolador.

No tocante a expansão da instrução pública no Império, destacamos a legislação de 1827 que regulou os objetivos da instrução primária. Os objetivos dispostos nos artigos 4º, 5º e 6º sinalizam o processo de expansão da instrução primária, na medida em que, propõe o estabelecimento de escolas nas capitais, vilas e lugares populosos atrelados a utilização do método mútuo<sup>9</sup>:

Art. 4º As escolas serão do ensino mútuo nas capitais das províncias; e serão também nas cidades, vilas e lugares populosos delas, em que for possível estabelecerem-se.

Art. 5º Para as escolas do ensino mútuo se aplicarão os edifícios, que couberem com a suficiência nos lugares delas, arranjando-se com os utensílios necessários à custa da Fazenda Pública e os Professores que não tiverem a necessária instrução deste ensino, irão instruir-se em curto prazo e à custa dos seus ordenados nas escolas das capitais.

Art.6º Os professores ensinarão a ler, escrever, as quatro operações de aritmética, prática de quebrados, decimais e proporções, as noções mais gerais de geometria prática, a gramática de língua nacional, os princípios de moral cristã e de doutrina da religião católica apostólica romana, proporcionadas à compreensão dos meninos, preferindo para o ensino da leitura a Constituição do Império do Brasil (Decreto Nº. 26 de março de 1823).

---

<sup>9</sup> O método mútuo ou lancasteriano foi criado pelo inglês Joseph Lancaster (1778-1838) - consistia em uma metodologia pedagógica multiplicadora do ensino, sendo 1 professor auxiliado por alunos mais adiantados intitulados monitores.

Por decisão N.º182, de 22 de agosto de 1825, assinada pelo Desembargador do Paço, Estevão Ribeiro de Rezende, depois Marquês de Valença, foi estabelecido que o ensino primário no Brasil se ministrasse pelo método lancasteriano. Na escola Lancaster os exercícios eram cadenciados e em ordem e disciplinar. Cada grupo de alunos (decúria) tinha um aluno menos ignorante (dos outros decúria) que dirigia. O ensino mútuo dispensa assim quase o professor e os meninos mutuamente se ensinava. Uma escola podia abrigar 500 alunos para um só professor.

No entanto, os poucos investimentos na construção de prédios, a falta de professores habilitados e a manutenção das escolas estendia-se pelas províncias colocando-se como um entrave na organização de uma rede de escolas no Brasil. A questão do estabelecimento de um sistema escolar define-se pela organização de instituições de instrução primária articuladas nacionalmente, isto é, capazes de garantir a unicidade dos conteúdos de ensino, além de transmitir valores culturais e morais atrelados ao sentimento patriótico.

Com o advento da República em finais do século XIX, o Brasil, precisou remodelar a ordem social, política e econômica, daí o debate entre as diversas concepções de liberdade em circulação à época. Para Carvalho (1990, p.24-25) o contexto de construção e definição de liberdades que se situa a constituição do capitalismo brasileiro, na passagem do século XIX para o século XX é o momento em que se operam grandes transformações sócio-econômicas associadas à transição de relações sociais do tipo senhorial-escravista para relações sociais do tipo burguês-capitalista” Chaloub (2001, p.45-46). Além disso, duas coordenadas gerais complexificam as transformações então correntes: a recente emancipação de escravos e um intenso fluxo imigratório. Trata-se dos “sujeitos livres” discutidos pelas diferentes correntes do “pensamento republicano”.

É nesse contexto de construção que se situa a constituição da instrução pública como via de modernização e de progresso do país, pois era necessário, articular o controle dos comportamentos dos indivíduos. Daí a necessidade do estabelecimento de mecanismos de controle sociais pautado na vigilância e na repressão, tais como: a polícia, o judiciário e as instituições escolares.

Com o fortalecimento da máquina pública e a consequente organização de setores básicos da administração o Estado republicano elege a escola como o local privilegiado para moldar o comportamento dos indivíduos necessários a manutenção da nova ordem social.

A escola republicana assume “centralidade”, no que se refere, a construção de uma educação pautada nos pressupostos do higienismo, da eugenia e do civismo como pressupostos fundamentais para o desenvolvimento do mundo capitalista. Era preciso um sistema que representasse os ideais da modernidade, da ordem e do progresso. Nesse

tocante, a educação apresentasse como a instituição capaz de resolver o problema do analfabetismo, da superação da bárbarie sendo a redenção das misérias e do atraso do povo brasileiro.

Essa nova organização do ensino foi reflexo da filosofia positivista que se estabeleceu fortemente no final do século XIX. O lema positivista ancorava os ideais de ordem e de progresso, ou seja, caberia a escolar moralizar e inculcar valores e normas comuns para a sociedade. Podemos afirmar que a versão positivista da escola além de inculcar os valores e as normas comuns à sociedade, buscava também a realização dos direitos civis e da justiça social.

É nesse contexto de ênfase na educação como redentora dos males da nação brasileira que a escola assume um papel preponderante de rearticulação e de fortalecimento do controle dos indivíduos, tendo em vista que caberia à escola moderna proporcionar a unificação social e a coesão, mediante o papel de socialização do conhecimento.

Os republicanos ancoravam seu projeto político na reforma dos comportamentos sociais, na escolarização atrelados a reordenação do espaço urbano das capitais do país. Para tanto, destacam-se a aplicabilidade de práticas estatais de combate à insalubridade, objetivando o saneamento do espaço urbano.

As reformas de reestruturação espacial das cidades estavam atreladas aos discursos de branqueamento da população, defendida pela tese da miscigenação cultural, como fator de atraso e inferioridade. Os discursos nacionalistas apregoavam a necessidade de homogeneizar a população, sendo o branqueamento do povo visto como uma saída e uma solução para os males do povo brasileiro.

Buscava-se inscrever novos padrões sociais, estabelecendo ações para organizar o caos social representado pela mendicância, pela prostituição, pela criminalidade entre outros. Era preciso regenerar a sociedade conforme sinaliza Camara (2010, p.77) no que se refere às iniciativas destinadas a atuar sobre a cidade. Através de ações de normatização e de moralização dos espaços de circulação da população, mecanismos e instrumentos racionais, científicos e previsíveis foram concebidos visando, segundo a autora, regenerar a cidade e, por conseguinte a sociedade.

É, neste sentido, que a escola se torna local privilegiado para moldar os indivíduos ao convívio social, pois se configurava como uma instância produtora de mecanismos e comportamentos disseminadores de correção e da disciplina, ou seja, valores primordiais para a constituição do Ser nacional. O Estado republicano ancorado no ideal regenerador impõe o alargamento de suas ações saneadoras e intervencionistas, destacando a escola como “lugar” ideal de controle e homogeneização dos comportamentos sociais.

Neste aspecto, concordamos com Camara (2010, p.155) quando afirma que se realizou, por parte de setores da sociedade, uma “cruzada” pela ordenação e moralização da sociedade, a fim de cercear os comportamentos delituosos e inapropriados da população. Dentro deste cenário, o processo educacional implantado com a República, fundamentou-se nas exigências de reestruturação do ensino, voltado para atender as necessidades educacionais da população.

Para Veiga (2003, p.34) a estabilidade do poder está relacionada às condições de manutenção das relações funcionais da interdependência dos indivíduos, desse modo, as normas e os processos codificadas das relações educacionais possuem funções integradoras. É a partir do desenvolvimento dessa condição interdependente que as práticas escolares de poder passam a ser utilizadas em nome de uma coletividade soberana.

A implantação dos Grupos Escolares no Brasil está inserida no contexto reformador da instrução pública iniciada nos fins do século XIX e início do século XX. Neste aspecto Souza (1998) nos esclarece sobre o lugar ocupado pela escola na consolidação do ideal educacional republicano:

A escola pública emerge do sentido dessa relação intrínseca – é uma escola para a difusão dos valores republicanos e comprometida com a construção e a consolidação do novo regime; é a escola da República e para a República. Esse vínculo entre a educação popular e o novo regime democrático era exaltado pelos profissionais da educação (Souza, 1998, p.27-28).

A concepção dos grupos escolares gravitava ao redor do processo de modernização do país, ou seja, a escolarização popular era a chave para a solução dos problemas brasileiros, bem como da construção da identidade nacional. Assim, o modelo de ensino dos grupos escolares era justificado pelo estado precário em que se encontrava a educação no Brasil, desse modo, a

modernização da instrução primária incorporava a eficiência pedagógica como mecanismo de minimização dos altos índices de analfabetismo vigentes no país.

A educação modelar e disciplinadora efetivada nos grupos escolares traduziam-se como formas de aperfeiçoamento e de sofisticação dos mecanismos de controle do Estado sobre uma parcela significativa da sociedade.

Essa noção civilizadora arraigada pela educação desenvolvida nos grupos escolares estava imbricada em uma relação de controle e modulação de gestual, dos modos, dos valores e dos gestos praticados pelos sujeitos sociais. Nesse tocante, à luz do conceito de civilização cunhado por Elias (1997) ancoramos nossa análise, a partir da categoria de “interdependência” disposta nas simbologias dos grupos escolares, isto é, na organização de um tempo renovador e inovador baseado na classificação homogênea, na hierarquização dos alunos, na existência de um tempo e disciplina específicos.

A civilidade expressa a autoconsciência do Ocidente. Poderíamos inclusive afirmar: a consciência nacional. Ele resume tudo em que a sociedade ocidental dos últimos dois ou três séculos se julga superior a sociedades mais antigas ou a sociedades contemporâneas ‘mais primitivas’. Com esse termo, a sociedade ocidental procura descrever em que constitui seu caráter especial e tudo aquilo de que se orgulha: o nível de sua tecnologia, a natureza de suas maneiras (costumes), o desenvolvimento de seu conhecimento científico ou visão de mundo, e muito mais “seria o orgulho pela importância de suas nações para o progresso do ocidente e da humanidade (Elias,1997,p.90).

Ainda sobre o conceito de civilização concordamos com Veiga (2003) quando afirma que à formação da condição humana civilizada desenvolve-se a partir dos processos de auto – regulação efetuada pela própria dinâmica social.

A autora destaca que a alteração das relações civilizatórias são indissociadas das relações de interdependência dos indivíduos e/ ou grupos e/ ou sociedades, sendo que o desenvolvimento do processo de autocontrole do *habitus* humano civilizado, guarda uma relação estreita com a monopolização da força física e estabilização de órgãos centrais do Estado e suas instituições.

Nesse sentido, a proposição da escolaridade obrigatória nos finais do século XIX é integrante desse curso civilizatório, cuja função era a de desenvolver comportamentos e organizar as futuras gerações do país. A noção de civilização sustentada pela análise de Elias (1997) permite-nos

compreender as alterações de comportamento dos sujeitos sociais produzidas, mediante a regulação psíquica do comportamento, fator que impeli os homens em direção à civilização e a modernidade.

Essa relação pode ser visibilizada no confronto entre arcaico x moderno, que estabelecia a promoção de várias estratégias de reorganização das cidades, bem como dos seus espaços culturais vislumbrando uma intensa transformação urbana e social orientada pelos preceitos de urbanização, modernização e civilidade da população.

No contexto reformador o progresso estava ligado à construção de espaços modernos e higiênicos buscando, assim, afastar-se das condições insalubres que impossibilitavam a inserção do país na condição de moderno. Nesse tocante, Camara (2010, p.28) destaca a metamorfose vivida pela cidade, com o estabelecimento de novos comportamentos moldados pela euforia dos novos tempos. Por esse caráter renovador do regime republicano, a educação tornou-se um dos objetivos mais desafiantes para a intelectualidade do país, na medida em que para ser considerado moderno, o Brasil necessitava minimizar o alto índice de analfabetismo que atingia mais de 70% da sua população nas primeiras décadas republicanas.

A chave misteriosa das desgraças que nos afligem é esta, é só esta: a ignorância popular, mãe da servilidade e da miséria. Eis a grande ameaça contra a existência constitucional e livre da nação, eis o formidável inimigo, o inimigo intestino, que se asila nas entranhas do País. Para o vencer releva instauemos o serviço da defesa nacional contra a ignorância, serviço a cuja frente incumbe ao parlamento a missão de colocar-se intransigentemente à tibiaza dos nossos governos e cumprimento do seu supremo dever para com a pátria... A educação geral do povo é exatamente, na mais literal acepção da palavra, o primeiro elemento de ordem, a mais decisiva condição de superioridade militar e a maior de todas as forças produtivas (Barbosa, apud Valle, 1997, p.51).

Nesse sentido, fazia-se necessário um projeto pedagógico que garantisse o acesso à instrução primária a todos os brasileiros. Assim, o surgimento dos grupos escolares na década de 1890 inscreve em uma simbologia, em uma forma arquitetônica, disciplinar e pedagógica que oportunizaria a modernização social e educacional do país. De acordo com Faria Filho e Vidal (2000) a força do aparato escolar dos grupos escolares estava centrada na possibilidade do controle e da disciplina para institucionalizar a escola primária republicana:

O aparato escolar buscava delimitá-los, controlá-los, materializando-os em quadros de anos/séries, horários, relógios, campanhas, ou em salas específicas, pátios, carteiras individuais ou duplas, deve ser compreendida como um movimento que teve ou propôs múltiplas trajetórias de institucionalização da escola (Faria Filho; Vidal, 2000, p.210).

Souza (1998) caracteriza os grupos escolares, como símbolos de modernização e progresso, além de possuir um caráter democratizante do ensino, na medida em que atendia a um grande número alunos. Segundo a autora os grupos escolares faziam parte de um conjunto de melhoramentos urbanos, tornando-se denotativo do progresso de uma localidade. Eram símbolos da modernização cultural e morada de um dos, mas caros valores urbanos - a cultura escrita.

Para além, da construção de uma nacionalidade era preciso imprimir o caráter legitimador do Estado republicano, essa representação cingia a configuração do espaço - tempo dos grupos escolares. Nessa perspectiva, Vidal (2006) aponta que a reorganização administrativa e pedagógica da escola elementar desenvolvida pelos grupos escolares incidiu na reorganização do tempo escolar e na ampliação do currículo. Este deveria contemplar disciplinas de caráter enciclopédico e a própria redefinição do lugar ocupado pela escola no traçado das cidades.

Esta instituição modelar foi considerada uma das mais importantes formas de disseminação da cultura para as classes populares, mesmo não sendo dispostos de forma homogênea nos estados brasileiros, os grupos escolares caracterizaram-se por imprimirem uma nova organização de escola que abarcava a perspectiva de disseminação do ensino a toda a população.

Tratava-se de um sistema de ensino elementar calcado na racionalização e na padronização de práticas pedagógicas e disciplinares com vistas a atender um grande número de crianças, portanto, uma escola adequada à escolarização em massa e às necessidades da universalização da educação popular. Para Souza (2006) ao implantá-lo, políticos, intelectuais e educadores paulistas almejavam modernizar a educação e elevar o país ao patamar dos países mais desenvolvidos.

A necessidade de escolarizar o povo é uma demanda narrada desde o Império, entretanto, como destaca, Veiga (2000, p.238) é a República que se

apresenta como período de efetiva expansão da escolarização: “é no regime republicano que a escolarização no Brasil atinge parte das camadas populares e se afirma como vetor de homogeneização cultural da nação”.

Destarte, o nível de analfabetismo no Brasil, nas primeiras décadas republicanas, sinalizavam a situação crítica do processo de escolarização do povo:

**TABELA I – POPULAÇÃO RESIDENTE/SEXO E NÃO ALFABETIZADO BRASIL 1890-1920.**

Ano	Homem e Mulher	Não-alfabetizados	Não-alfabetizados População total
1890	14.333.915	12.213.356	85,21%
1900	17.438.434	6.348.869	80,62%
1920	30.635.605	11.401.715	79,91%

Fonte – Recenseamento do Brasil- Diretoria Geral de Estatística.

A criação dos Grupos Escolares vinha cumprir com a missão de ceifar o mal do atraso e da pouca ou nenhuma instrução apresentada pela grande massa popular brasileira nas primeiras décadas republicanas:

No bojo das propostas sistematizadas no decreto de nº38 de 9 de maio de 1893, a criação dos grupos escolares constituiu-se na possibilidade de fundar uma nova organização escolar para o Distrito Federal que permitisse, por meio do ensino simultâneo e da seriação abarcar um contingente maior de crianças e desta forma resolver, de uma única vez, o mal representado pelo grande contingente de analfabetos existentes na capital do país (Camara; Barros, 2008, p.285).

Com o propósito de mudar o cenário urbano e educacional, o Brasil se enquadra em uma “cruzada” por novos modelos culturais, ou seja, uma aproxima-se das práticas urbanas e das práticas escolares de países europeus considerados “civilizados”. Para tanto, implementa uma série de reformas no traçado das cidades, assim como no campo educacional nos distintos níveis de governo tanto federal quanto estadual.

Segundo a Constituição republicana de 1891, era de responsabilidade dos governos estaduais e da municipalidade a manutenção das escolas. Conforme decreto lei número 23, de 30 de outubro de 1891 e nos termos do artigo 58 do decreto lei número 85, de 20 de setembro de 1892 e parágrafo 5º do artigo 20 do decreto lei número 126-B, de 2 de novembro de 1892,

passaram para a municipalidade diversos serviços que até então pertenciam a União e, entre eles estava no artigo 58 referido, a “Instrução primária, seu pessoal e material”.

Essa reorganização administrativa e pedagógica da educação primária marcou uma reordenação do espaço escolar, dos traços arquitetônicos da cidade, além da redefinição do “lugar” ocupado pela escola republicana. Souza (1998) evidencia as transformações realizadas pelos grupos escolares na organização e na constituição dos sistemas estaduais de ensino público do país.

Os grupos escolares pressupunha o agrupamento dos alunos mediante a classificação pelo nível de conhecimento, o edifício escolar dividido em várias salas de aula, a divisão do trabalho docente, a ordenação do conhecimento em programas distribuídos por séries, o emprego do ensino simultâneo, o estabelecimento da jornada escolar e a correspondência entre classe, sala de aula e série. Esse modelo escolar em circulação foi considerado mais moderno e mais adequado para universalização do ensino primário (Souza, 1998, p.27).

Os grupos escolares estavam vinculados a um cenário moderno, a uma nova cultura escolar implicada em uma nova disposição do tempo, do espaço escolar, das disciplinas, além do agrupamento homogêneo dos alunos.

## **1.2 A QUESTÃO DA MODERNIZAÇÃO DO ENSINO PRIMÁRIO NO RIO DE JANEIRO**

A emergência dos grupos escolares no Distrito Federal ocorreu, a partir de 1893, estando fortemente ligado a publicação do decreto lei número 38, de 9 de maio de 1893. No texto do documento de 1893 a criação dos grupos escolares é enfatizada no artigo de número 62 que descreve a criação desses espaços de ensino modelares a partir da reunião de várias escolas, sob a administração de um professor diretor, tendo em comum o ginásio, a biblioteca e o museu escolar.

Segundo Camara; Barros (2006, p.283) as disposições relativas à instrução pública, a partir do decreto destacavam que: todo o custeio com pessoal, edificações e material passaria para a municipalidade, cabendo-lhe também, a direção de ensino público nos níveis primário, profissional sendo

divididos da seguinte forma: o ensino primário leigo e gratuito compreendia: ensino primário; ensino normal; ensino profissional e artístico. O ensino primário seria dado em escolas do 1º e 2º grau e em jardins de infância.

É nesse contexto que surge o primeiro grupo escolar no Distrito Federal. De acordo com o decreto lei número 51, em 23 de janeiro de 1897 foi criado o primeiro grupo escolar para o sexo feminino que, nos termos do mesmo decreto, deveria ser instalado no edifício, então reconstruído, em que havia funcionado a Escola São Sebastião. A esse grupo escolar foi dada a denominação de Benjamin Constant.

A capital da república se remodelava estruturalmente com a criação de novas avenidas, oferta de saneamento básico enfatizando a necessidade de mudança tendo por objetivo a transformação e o progresso cidadão.

Nesse cenário reformador destacamos a reforma urbana de Pereira Passos quando prefeito da cidade do Rio de Janeiro, entre 1903 e 1906, que marcou a reordenação do espaço urbano, no qual, o centro urbano da cidade aparecia como *locus* modelador dos sujeitos sociais, isto é, um lugar de exemplaridade para os habitantes das demais regiões.

A ideia do progresso estava ancorada ao processo de civilizar a cidade, a partir das práticas de remodelação das ruas e avenidas, atrelados aos processos de higienização do espaço público.

Como cenário de intervenção e aos moldes dos padrões europeus, a cidade do Rio de Janeiro era espaço de promoção de medidas visando impulsionar o seu progresso. Composta de fasto e miséria, os reformadores procuraram superar as mazelas sociais, colocando a cidade em consonância com a civilização e o progresso. A cidade, nessa época, foi marcada pela derrubada de antigos casarões, abertura de novas avenidas, arrasamento do Morro do Castelo e por sucessivos aterramentos e saneamentos de regiões até então inabitadas, como Copacabana e a Lagoa Rodrigo de Freitas. Com essas investidas urbanísticas, a cidade viu surgir novos contornos sociais e geográficos (Camara, 2010, p.81).

É notória a função reguladora que esses dispositivos de intervenção estatal se dispõem, na medida em que, circunscrevem prescrições e orientações acerca da circulação de pessoas, da necessidade da higiene e do asseio da população. Trata-se de novas formas de gerir a vida urbana que se

descortinava em prol de um projeto saneador com fins de embelezar e civilizar a cidade do Rio de Janeiro.

Estruturaram-se um conjunto de práticas, ou seja, um discurso disciplinador, daí a importância de um modelo escolar que imprimisse nos sujeitos sociais que dispõe os valores de cidadania, ordem e disciplina.

As reformas educacionais ocorridas na sociedade brasileira afirmaram o local estratégico ocupado pelo Estado, no que se refere à produção de hábitos e de gerir os comportamentos funcionando como uma lei de adequação a nova sociedade. É nesse contexto de grandes mudanças políticas e econômicas que emerge a defesa da modernização pedagógica.

Como destaca Camara; Barros (2006) a fim de, assegurar a implementação das mudanças no campo da educação, o lugar da escola passa a ser identificado como uma via de salvação e de redenção da criança. Nesse sentido, a questão primordial do governo republicano era lançar mão de uma efetiva estratégia de escolarização que atendessem a demanda do progresso rompendo assim com o atraso colonial, sendo a instrução pública a pedra fundante para alcançar o *status* de civilidade e de modernidade.

A busca pelo novo, pelo progresso era necessário para que rompêssemos com o atraso colonial, sendo primordial para a questão da ampliação da escolarização para as classes populares. Sobre a criação dos grupos escolares no Distrito Federal, Camara; Barros (2006) salientam que as propostas presentes no decreto lei número 38 de 1893 constituíram-se na possibilidade de fundar uma nova organização escolar que permitisse, por meio do ensino simultâneo e da seriação abarcar um contingente maior de crianças.

Esse modelo escolar ficou conhecido por ser um mecanismo facilitador, no que se refere ao combate do analfabetismo.

Souza (1998) esclarece que o reconhecimento do papel da escola primária na formação do caráter e no desenvolvimento de virtudes morais e sentimentos patrióticos fomentaram e justificaram as expectativas em relação a institucionalização dos grupos escolares no período republicano, na medida em que, forjar a identidade regional e nacional era o horizonte propugnado pelas elites políticas em todos os cantos do país.

A constituição dos grupos escolares foi marcada pelas simbologias sociais e culturais que os mesmos introjetavam, na medida em que, se

fundamentavam em uma racionalidade científica e pedagógica. A sua prática pedagógica operava, a partir, da classificação etária dos alunos atrelados aos mais modernos métodos pedagógicos sendo considerado um dos mais importantes instrumentos de disseminação da cultura para as classes populares. Buscava-se, assim, um modelo de ensino que imprimisse um novo padrão pedagógico e disciplinar à instrução pública.

Os Grupos escolares foram considerados o tipo de escola que melhor atendia às necessidades de difusão do ensino primário, portanto o meio mais eficaz para a promoção da educação popular, especialmente nos núcleos urbanos, os grupos escolares consistiram em escolas modelares onde era ministrado o ensino primário completo com um programa de ensino enriquecedor e enciclopédico utilizando os mais modernos métodos e processos pedagógicos existentes na época (Souza,1998, p.1).

No texto da legislação do Distrito Federal segundo termos do decreto lei número 981, a instrução pública primária, deveria ser livre, gratuita e leiga, sendo oferecida em escolas públicas de duas categorias: Escolas Primárias de 1º grau e Escolas Primárias de 2º grau. As escolas de 1º grau admitiriam alunos de 7 a 12 anos e as de 2º grau de 13 a 15 anos. Nas escolas de 1º grau compreendia-se o ensino de:

- Leitura escrita;
- Ensino pratico da língua portuguesa;
- Contar e calcular;
- Sistema métrico;
- Elementos de geografia e historia, especialmente do Brasil;
- Lições de coisas de ciências físicas e historia natural;
- Instrução moral e cívica;
- Desenho;
- Elementos de música;
- Ginastica e exercícios militares;
- Trabalhos manuais (para meninos);
- Trabalhos de agulhas (para meninas);
- Noções praticas de agronomia ( Decreto n.º981, p.29) .

O projeto republicano<sup>10</sup> era impulsionado pelo afã do progresso e, desta forma, os discursos da época determinavam o lugar da escola como fundamental, na medida em que, se estabelecia uma simbologia do saber e do progresso como destacou Rui Barbosa nos “Pareceres sobre o ensino primário”, isto é, a construção de prédios suntuosos demarcava o espaço da

<sup>10</sup> O projeto republicano estava ancorado em três eixos de ação: A ênfase na cruzada médico higienista; caracterizada pela busca de um saneamento da cidade e das esferas públicas e privadas; no civismo focado na construção de um "ser nacional" abarcado pelas construção de práticas sociais de ordem e moralidade e na eugenia, ou seja, a preocupação de promover o branqueamento da população brasileira.

escola, revestido de imponência e arquitetura arrojada, neste aspecto, a construção dos grupos escolares produziram a ideia do novo, tido como primordial para alavancar o projeto de formação do “ser nacional”.

Deste modo, o apelo à escolarização se coadunava com a funcionalidade integradora extremamente necessária para o estabelecimento de um padrão nacional.

Para Veiga (2005) a funcionalidade da escolarização elementar era a de propiciar a consciência civilizacional do povo:

Em que pese as muitas diferenciações na institucionalização da escola elementar obrigatória, um pensamento unificou as diferentes ações para a sua implementação, qual seja, o estreito vínculo anunciado entre escola e civilização (...) Tornar o povo civilizado foi parte de uma dinâmica funcional fundamental para o estabelecimento dos governos e essencialmente na formação da opinião pública, na produção de um padrão nacional de comportamento (Veiga, 2005, p.154).

Nesse aspecto Souza (1998) se refere a essa concepção de formação de um ser nacional marcado pela perspectiva da inculcação dos hábitos de higiene, ordem e dos deveres cívicos:

A moral abarcava um manancial de civilidade e bons costumes: hábitos de ordem, comportamento da criança na escola, casa, rua e lugares públicos, deveres para com os pais e superiores, histórias que despertassem o amor pelo bem, deveres da criança na família, deveres para com os pais e avós, deveres para com os irmãos e irmãs, para com os servidores, criança na escola; moral e individual, deveres corporais, temperança, prudência, coragem, sinceridade; deveres de justiça e caridade, deveres de família e na vida profissional, deveres cívico e das nações entre si (Souza, 1998, p.179).

O lugar da escolarização se instituiu, assumindo representações sociais estrategicamente incorporadas ao ideal republicano. Desta forma, explicita-se a necessidade de expandir a escolarização preparando o homem para responder as demandas do capital e da nova sociedade que se constituía, ou seja, um período de grandes reformas que asseguravam políticas de expansão escolar, em consonância com as demandas da nova sociedade que então emergia.

Era preciso condicionar o homem, discipliná-lo e educá-lo imprimindo-lhe competências arraigadas pelo espírito republicano. O sentimento de pertencer a uma nação demandou os processos de instrumentalização da aprendizagem, nesse sentido percebemos a função da escola brasileira nesse contexto como uma unidade de referência a universalização do processo civilizador.

Para a intelectualidade da época era necessário um efetivo combate às altas taxas de analfabetismo que, em 1906, segundo Veiga (2000, p.238) “chegava a 75% dos brasileiros analfabetos”. Nesse sentido, as intervenções compunham um campo estratégico que referenciava a instrução como via de controle e disciplinarização das classes populares alicerçados na busca por uma nova ordem social.

A análise de Certeau (2007, p.45) nos auxilia, na medida em que, concebe a *estratégia* como “o cálculo das relações de forças que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder é isolável de um “ambiente”. Nesse cenário, a relação estabelecida entre os fortes e os fracos no espaço escolar sugere a instituição de um “lugar”<sup>11</sup> de poder, um espaço fabricado entremeado pelas arte-fazer, ou seja, pelas prescrições, pelas normas, pelas resistências e burlas cotidianas articuladas por dirigentes, docentes e discentes.

Em síntese, a criação dos Grupos escolares na República constitui-se, por um lado, como um espaço um “lugar praticado”, uma estratégia modelar que ancorou a renovação dos métodos de ensino, impulsionando a difusão da escola primária, pois, era preciso romper com o estigma do atraso brasileiro; por outro lado, como instância de controle dos comportamentos dos indivíduos.

Desse modo, Camara (2010, p. 267) sinaliza que “a intervenção do Estado não se realizou como tentativa de universalização dos direitos, mas sim como um esforço de consolidar o controle e o disciplinamento das camadas pobres”.

A afirmação da legitimidade estatal compunha-se por um conjunto de mecanismos disciplinares, pedagógicos e, muitas vezes punitivos.

Nesse sentido, sob a tutela do poder estatal o Brasil finalmente se tornaria uma nação moderna e autônoma, capaz de direcionar seus projetos visando ao bem comum e atingir os mais altos estágios de desenvolvimento.

### **1.3 ESPELHOS DO PROGRESSO: A MODERNIZAÇÃO MARICAENSE ANTECEDENTES HISTÓRICOS, ECONÔMICOS E SOCIAIS**

---

<sup>11</sup> “Um lugar é a ordem (seja qual for) segundo a qual se distribuem elementos nas relações de coexistência. Aí se acha, portanto excluída a possibilidade para duas coisas, de ocuparem o mesmo lugar. Aí impera a lei do ‘próprio’: (...). Implica uma indicação de estabilidade”. Conferir em: Certeau (2007, p. 184).

Para compreendermos os sentidos do desenvolvimento do processo de escolarização maricaense<sup>12</sup> faz-se necessário invocar as circunstâncias sócio-históricas, que promoveram e lhe serviram de pano-de-fundo para marcar sua história política, social e econômica.

Nesse sentido, buscamos tecer as tramas que enredaram as particularidades dessa cidade considerada “porta do caminho do sol e do sal”, principal zona de escoamento do sal produzido na região dos lagos. A composição da urbanização da cidade de Maricá está arraigada nos processos de urbanização no Brasil absorvendo, assim, as tendências políticas e econômicas vividas nos diferentes contextos.

O surgimento da Vila de Maricá se inicia com a criação de um pequeno povoamento de portugueses no final do século XVI, por sesmarias que compreendiam terras do litoral de Itaipuaçu até a lagoa de Maricá.

Quando o Padre José de Anchieta chegou às margens da Lagoa, em 1584 – onde se realizou a célebre pesca milagrosa – ali encontrou diversos núcleos de povoamento em plena atividade, destacando-se as sesmarias de Antônio Mariz, na região de São José de Imbassaí, e a de Manoel Teixeira, localizada junto à Lagoa. O primeiro centro efetivo de população localizou-se onde se encontram o povoado de São José de Imbassaí e a Fazenda de São Bento, fundada em 1635 pelos frades beneditinos. Neste mesmo lugar foi construída a primeira capela da região, dedicada a Nossa Senhora do Amparo e reconhecida como paróquia perpétua em 12 de janeiro de 1755 (Brum, 2004, p.15).

Em produção memorialística da cidade, Brum (2004), Lambraki (2005) e Machado (1977) destacam que esse centro populacional foi transferido para o centro da Vila em virtude de uma grande epidemia de febre palustre que dizimou parte da população.

Foi pelo Alvará de 26 de maio de 1814, e instalação de 27 de agosto de 1815 que se configurou como Vila de Maricá destacando-se das terras do Rio

---

<sup>12</sup> A história do desbravamento do atual Município de Maricá remonta às últimas décadas do século XVI. Suas origens permanecem ignoradas, sabendo-se apenas que os primeiros colonizadores aí chegaram graças à doação de sesmarias, concedidas na faixa litorânea, compreendida entre Itaipuaçu e as margens da lagoa, no local onde mais tarde surgiu a Cidade. Em 1584, José de Anchieta partiu de Cabuçu, com o padre Leitão e numeroso grupo de índios, com destino à lagoa de Maricá, onde efetuou a célebre “pesca miraculosa”. Ali encontrou sinais da colonização, pois já estavam sendo exploradas várias sesmarias. Onde hoje se localizam o povoado de São José de Imbassaí e a fazenda São Bento, fundada em 1635 pelos padres beneditinos, surgiram os primeiros núcleos de povoação em Maricá. Às primitivas populações desses dois núcleos deve-se a construção da primeira capela em terras maricaenses, destinada ao culto de Nossa Senhora do Amparo. Os habitantes da região aos poucos se deslocaram para a outra margem da lagoa, que possuía clima mais saudável. Nesse novo local teve origem a Vila de Santa Maria de Maricá.

de Janeiro, de Cabo Frio e da Vila de Santo Antônio de Sá, às quais pertencia. No Alvará de 26 de maio de 1884 descreviam-se as novas orientações geográficas da Vila de Maricá.

Erige em Vila a Povoação de MARICÁ com o nome Vila de Santa Maria de Maricá. Eu, príncipe Regente, faço saber aos que este alvará virem, que me sendo presente em Consulta da Mesa do Desembargador do Paço a utilidade que podia resultar ao meu serviço, e a boa administração da justiça, criar em Vila a Povoação de Maricá, como constava das informações à que se tinha mandado proceder e da resposta dada pelo procurador da minha Real Coroa e Fazenda que sobre elas foi ouvido, e conformado-me com o parecer da mesma consulta: **hei por bem erigir em Vila de Santa Maria de Maricá, a sobredita povoação, a qual terá por termo o terreno compreendido desde a barra da lagoa de Saquarema até a ponta de Mandetiba, dividindo-se pelo interior pelas serras da Tiririca, Ipiiba Grande, Cordeiros, Itatindiba, daí a Serra de Catimbao, e desta seguindo a mais cômoda divisão ate voltar a fechar a barra da Lagoa de Saquarema:** ficando o sobredito território desmembrado dos Termos da Cidade do Rio de Janeiro, da Cidade do Cabo Frio, e da Vila de Santo Antonio de Sá, aos quais pertencia” (Brum, 2004, p. 23). (Grifos do autor).

O aspecto econômico da Vila de Santa Maria de Maricá no período do Império nos permite observar a precariedade da sua economia devido aos latifúndios e à escassez de capital do pequeno povoado para dar corporeidade a um sistema de desenvolvimento econômico da Vila. A sua pequena produção agropastoril, assim como das demais Vilas litorâneas era controlada pelos senhores de terras que detinham o poder econômico mediante os latifúndios.

No seu estudo, Brum (2004) reitera que não existia uma economia de mercado formada, principalmente para a classe pobre que se contentavam com a produção rudimentar da cana de açúcar além da criação de porcos e caprinos nas suas pequenas faixas de terras.

A população de Maricá no século XIX, segundo o censo estatístico era constituído por 16.218 “almas”<sup>13</sup>, como segue nas tabelas abaixo:

Contingente populacional da “Parochia de Nossa Senhora do Amparo de Maricá-1872”.

**TABELA II - POPULAÇÃO LIVRE (SEXO MASCULINO)**

BRANCOS	PARDOS	NEGROS	TOTAL DE ALMAS
2.537	1.399	1.207	5.143

<sup>13</sup> Nomenclatura largamente utilizada para designar a quantidade de pessoas de uma dada localidade. Ver mais (Brum,2004,p.24).

**TABELA III - POPULAÇÃO LIVRE (SEXO FEMININO)**

BRANCOS	PARDOS	NEGROS	TOTAL DE ALMAS
2.525	1.595	1.338	5.458

Fonte: Quadro elaborado pela autora a partir dos dados constantes em (Brum, 2004, p. 24).

Quanto à população escrava, esta somava 5.617 “almas”, destinadas a movimentar os latifúndios produtores de cana de açúcar e criação de gado. A Lei Áurea, promulgada em 13 de maio de 1888, por um lado, prejudicou a atividade agrícola, fazendo com que a Vila de Maricá sofresse algumas dificuldades no seu desenvolvimento. A atividade econômica concentrou-se nos produtos agropastoris, industriais de pequeno porte e da pesca.

Em 1889, logo após a Proclamação da República, a Vila de Maricá apresentou um significativo desenvolvimento populacional e econômico, fatores estes que influenciaram a elevação da Vila de Santa Maria de Maricá à categoria de cidade. Também, foi elevada à condição de cidade com a denominação de Maricá, pelo decreto estadual Nº. 18, de 27 de dezembro de 1889.

Em 1908, segundo trabalhos estatísticos constantes no estudo de Brum (2004) o Município de Maricá foi classificado como bem povoado com cerca de 8.000 mil habitantes.

O comércio local foi impulsionado pela concretização da estrada de ferro que escoava a produção da cidade para os municípios de Itaboraí, Saquarema e Cabo Frio, nesse período a produção centrava-se nos seguintes produtos: café, aguardente e na pesca.

No período de 1930, continuamos a perceber um intenso desenvolvimento da cidade que já contava com uma vida urbana significativa, com escolas, igrejas e comércios motivados pela linha ferroviária que cortava o Município.



Fonte: Fotografia Estação Ferroviária de Maricá.  
Acervo - Casa de Cultura de Maricá- Ano 1950. Fotografo: S/i.

Segundo dados do Censo de 1940, podemos visualizar algumas características da cidade de Maricá que contava com 18.892 habitantes e já apresentava a manutenção de um mercado interno mediante a rota do sal potencializada pela estrada de ferro.

#### **TABELA IV - RESULTADOS CENSITÁRIOS DE SETEMBRO DE 1940**

<b>ÁREA</b>	<b>POPULAÇÃO</b>
<b>MUNICÍPIO 342 KM<sup>2</sup></b>	<b>18.892 HABITANTES</b>
ESTADO 4.1666KM <sup>2</sup>	ESTADO 2.069.452 HABITANTES.

Fonte: Quadro elaborado pela autora a partir dos dados constantes em IBGE Cidades-2006.

Segundo pesquisa do serviço brasileiro de apoio as empresas (2004), a estrada de ferro foi incorporada ao patrimônio da União para fortalecer a possibilidade de intercâmbio com os demais municípios em virtude da escoação dos produtos.



Fonte: Fotografia Estrada de Ferro - A formação das Estradas de Ferro no Rio de Janeiro. Ano - 2004.  
Fotografo: Rodriguez.

Em 1933, o Governo Federal na figura do Presidente da República Getúlio Vargas considerando que a empresa francesa não tinha condições de manter a linha em operação incorporou a Estrada de Ferro Maricá ao patrimônio da União. Logo após seus trilhos foram estendidos até Cabo Frio, com um ramal da Central do Brasil ampliado até o porto de Arraial do Cabo. A partir dessa data até a abertura das estradas de rodagem, na década de 1940, o **caminho do trem** viria a ser o principal elo de ligação de Maricá com outros municípios e, com a extensão da estrada de ferro até Cabo Frio, passou a ser também o **caminho do sal**, por onde escoava o sal da região produtora até o mercado consumidor (SEBRAE-RJ,2004,p.72 – Grifos meus).

O Governo Federal em 1933 prolongou a ferrovia até Cabo Frio, ligando-a com a Central do Brasil. O trem resultava no meio de transporte mais eficiente da cidade de Maricá. Proporcionando assim um significativo desenvolvimento sócio econômico da população maricaense, tendo em vista a expansão dos núcleos urbanos nos arredores da ferrovia.

Através da ferrovia, os pescadores levavam seus peixes para vender nos mercados de Niterói e São Gonçalo, escoando também a produção de banana. As décadas de 1940 e 1950 se caracterizaram pelas inovações e, também pelos eventos sociais que animavam a população Maricaense.

O contexto político e econômico da década de 1950 estava ancorado no desenvolvimento das indústrias, ou seja, a abertura ao capital estrangeiro realizada pelo governo de Juscelino Kubischek. Este governo logrou ao país a posição de uma grande nação, pautada no crescimento do parque automobilístico, e das altas taxas de crescimento acarretadas pela entrada do capital estrangeiro na economia.

O desenvolvimento do Plano de Metas 50 anos em 5 alavancou o índice de crescimento econômico, levando o país a apresentar um giro de crescimento maior que 7 % consolidando, assim, o processo de industrialização brasileira.

No Brasil, o projeto de desenvolvimento partia de temas nacionais que já vinham sendo analisados desde a década de 1930, envolvendo questões voltadas para uma política de autonomia nacional e para uma política de industrialização. Porém, nos anos de 1950, a retomada de antigas questões relacionadas ao desenvolvimento do país acabaria resultando na formulação de um conjunto de princípios que se materializariam em um amplo projeto nacional de desenvolvimento capitalista, definitivamente assumido e adotado como uma estratégia política de governo do então presidente Juscelino Kubitschek” (Xavier et al, 2006, p.56).

A década de 1950 caracterizou-se por um momento em que os países de economia periférica, como o Brasil, se ajustavam à nova lógica mundial do pós-guerra, deste modo, as elites políticas e intelectuais mobilizaram-se diante do desafio de promover o desenvolvimento nacional. Nesse cenário, os anos de 1950 apresentam-se como os “anos de ouro” para a cidade de Maricá, tendo em vista, os benefícios alcançados pela população com a chegada da primeira empresa de transporte coletivo, da energia elétrica, além de obras de saneamento que contribuíram para a melhoria da qualidade de vida da população.

Em 1950 o perfil econômico de Maricá baseava-se na agricultura, na indústria extrativa e em um plano menor na pecuária. Assim verificava-se como principais produtos cultivados: laranja, banana, limão e uma grande quantidade de hortaliças e legumes conforme tabela abaixo:

**TABELA V- PRODUÇÃO DE LEGUMES DE HORTALIÇAS ANO DE 1950.**

Espécies	Quantidade ( Kg)	Valor (CR\$)	Preço médio
Agrião	1.500	4.950,00	3,30
Alface	6.000	15.000,00	2,50
Berinjela	7.500	19.500,00	2,60

Bertalha	600	1.020,00	1,70
Cebola	1.250	12.500,00	10,00
Cenoura	12.500	37.500,00	3,20
Chuchu	24.00	48.000,00	2,00
Couve	12.500	50.000,00	4,00
Ervilha	80.000	400.000,00	5,00
Jiló	250.000	200.000,00	0,80
Inhame	60.000	60.000,00	1,00
Maxixe	300.000	45.000,00	1,50

Fonte: Tabela Produção de legumes - (BRUM, 2004, p.75).

Podemos destacar que, Maricá se desenvolvia a todo vapor nesse período tanto no aspecto econômico quanto cultural. A criação de novas unidades escolares remetia o desejo da população em escolarizar-se rompendo o estigma do analfabetismo que alcançava mais da metade da população maricaense, no entanto, a escola ainda era um privilégio de poucos, pois a maior parte da população da cidade residia na área rural o que dificultava a entrada e a permanência na escola.

#### **1.4 O DESPERTAR DE UMA CONSCIÊNCIA EDUCACIONAL NA CIDADE DE MARICÁ**

No contexto de intervenções urbanas e da expansão da escolarização sinalizamos a interiorização das escolas, Camara; Barros (2006, p.178) trata

dessa questão expansionista da educação primária referenciando a obrigatoriedade prescrita no texto constitucional de 1891 traduzida no decreto lei número 117 de 24 de agosto de 1895, art. 4º “a frequência nas escolas elementares públicas ou particulares será obrigada no raio de um quilometro das cidades, vilas e povoados do Estado”.

A organização das cidades foram mediadas pelo crescimento da economia do país, e desse modo sofreram mudanças na sua organização espacial. Para Ianni (1994, p.31) a cultura cidadina, o modo urbano de vida e a sociabilidade, também se generaliza, invadindo os meios rurais, os modos de vida agrários, as sociabilidades e cultura do campo. Isto significa que o mundo agrário se altera, modifica, dilui e nesse cenário a sociedade agrária se urbaniza, não só em nível “físico”, compreendendo arquitetura, urbanismo e planejamento, mas inclusive em nível sociocultural, mental e imaginário.

A modernização das cidades era uma prerrogativa para o desenvolvimento do país como um todo. Nesse sentido, o governo republicano mobilizou esforços para financiar ações de melhoramentos urbanos, sociais e culturais das cidades interioranas nos diversos estados do Brasil.

Conforme salienta Pinheiro (2006, p.121) as primeiras décadas republicanas caracterizaram-se como um período de grande mobilização em defesa da modernidade das cidades brasileiras, no entanto a intensidade se deu em ritmos distintos, pois variavam de acordo com as especificidades locais.

A construção de ruas e avenidas, o surgimento do transporte público e a criação de novos espaços escolares ditaram a imagem moderna que o país perseguia como destaca Escolano (2001) acerca dos interesses e dos conflitos que inferem no processo de modernização das cidades.

A cidade moderna é, na maior parte dos casos, um constructo gestado entre interesses e conflitos, apesar do qual o entremeado de racionalidades e irracionalidades em que ela se materializa constitui uma parte importante, decisiva, do currículo não cursado, uma fonte silenciosa de ensinamentos. (Escolano, 2001, p.30).



Fonte: Fotografia aérea da cidade de Maricá.  
Acervo Pessoal Marli Santos- Ano 1958. Fotografo: S/i.

Seguindo a trilha da expansão educacional temos, especificamente, no ano de 1904 a criação das primeiras escolas públicas em Maricá. Cabe ressaltar, que desde o Império tivemos a criação de estabelecimentos de ensino, na cidade e segundo Brum (2004, p.68) “nessas escolas as aulas eram realizadas nas casas dos próprios professores não se configurando como uma escola para a população em geral, sendo frequentadas somente por meninos oriundos das famílias tradicionais da cidade que contribuíam com a sua manutenção”.

No contexto de intensa transição social identificamos a organização de uma rede educacional no Município de Maricá. A história das instituições escolares da cidade de Maricá se inicia com o Comendador Elisiário Matta, nascido em Maricá e, que desde a mocidade mostrou o seu interesse pela missão de educar. Em seu estudo “Contando a História de Maricá” Brum (2004) destaca que em 1890 foi criada a “escola de meninos” dirigida pelo professor Elisiário Matta sendo esse o primeiro estabelecimento de que se tem notícia.

Como parte do discurso de escolarização da população teve à criação de escolas no Município de Maricá, sendo as primeiras escolas: a Escola Isolada Cassorotiba e a Escola Isolada Bosque Fundo, ambas fundadas em 1904, estando localizadas na parte rural da cidade.

As escolas isoladas destacaram-se como principais estabelecimentos de ensino na cidade de Maricá. Esse modelo de escola instalava-se geralmente em áreas rurais, sendo descritas pela precariedade do ensino, das condições estruturais, e pela falta de docentes. Tratava-se um modelo de escola heterogêneo, que continha em uma mesma classe alunos de idades e séries diferenciadas. A organização do ensino primário no Brasil foi fortemente difundindo pelo modelo multiseriado, ou seja, um conjunto de séries distintas que compunham o universo das escolas isoladas.

Para Nascimento (2006, p.328) as escolas isoladas atuaram como uma estratégia oficial de enfrentamento com a questão da precária instrução pública nos primórdios da república brasileira. As escolas isoladas eram a solução rápida e barata que o governo apresentava para as populações mais afastadas terem acesso ao ensino, com formas “próximas” aos grupos escolares que geralmente eram organizados nos centros urbanos.

Uma das características das escolas isoladas era o seu caráter domiciliar, muitas das vezes a “escola” era uma continuação da casa do professor, fator que muito prejudicava o ensino, não havia um “lugar”, um “prédio” próprio para o funcionamento das classes. Segundo Beirith (2009) a estrutura das escolas isoladas constituía-se por espaços geralmente “improvisados”:

O que se denomina escola era normalmente uma das peças cedidas ou alugadas da própria casa do professor ou de algum morador da localidade, que residia com sua família no espaço restante do imóvel, coabitando com alunos e professores. Em situações em que a escola funcionava na casa do professor, não era raro este ocupar parte do tempo das aulas para encaminhar afazeres domésticos (Beirith, 2009, p.157).

Outra dificuldade era a organização das turmas em níveis de aprendizagem diferenciadas, a baixa frequência e até a pouca quantidade de matrículas em virtude da especificidade rural que configurava o contexto das escolas rurais.

Neste aspecto Vicentini e Galego (2006) destacam:

Esse tipo de diferenciação era quase sempre justificado pela dificuldade de se manter as crianças nas escolas na zona rural, onde a frequência era muito

baixa devido à necessidade que os alunos tinham de ajudar seus pais na colheita, no caso dos meninos, e nos trabalhos domésticos, no caso das meninas (Vicentini; Gallego, 2006, p.3).

Essa especificidade coloca mais um desafio para a expansão da escola primária brasileira, era preciso oportunizar um sistema que atendesse as demandas pedagógicas para reverter às altas taxas de analfabetismo e, desta forma, promover o crescimento econômico e cultural do Brasil. Diferentemente dos grupos escolares, marcados por um espaço escolar homogêneo, com ritmos específicos, cujas práticas orientavam-se por uma disciplina e tempo definido acrescido de um rigoroso sistema de ensino e avaliação.

A composição das escolas isoladas geralmente não apresentava um prédio próprio, que ostentavam beleza e suntuosidade os docentes que geralmente eram, recém- formados encontrando grande dificuldade no processo de ensino atrelada a falta de materiais didático e de mobiliário apropriados.

No entanto, a importância das Escolas Isoladas é reconhecida quando tratamos da expansão da escolarização nos rincões do Brasil. Como reitera Souza (1998, p.32), mesmo que a criação dos grupos escolares, em 1893, tenha imprimido mudanças significativas no ensino primário não podemos deixar de destacar a importância das Escolas Isoladas na expansão do ensino no Brasil.

Na década de 1920 foi criado mais um estabelecimento de ensino, denominada Escola Isolada de Barra de Zacarias. A década de 1920 é, até hoje, considerada como inovadora, no que se refere à implementação do ideário escolanovista que segundo Nunes (1998, p.5) “alargou a concepção de linguagem escolar, superando o tradicional domínio oral e escrito e buscando a construção de todo um sistema de produção de significados de interação comunicativa”.

O movimento da Escola Nova remete-nos a um processo de renovação do ensino ocorrido em países da Europa e do Brasil mais incisivamente nos anos de 1920 e 1930. Em 1932 temos a formulação do Manifesto dos Pioneiros da Educação, um documento cujas principais propostas era a ênfase na educação pública, a co-educação, a gratuidade e a obrigatoriedade do ensino elementar, a laicidade, a descentralização do sistema escolar e a renovação na

metodologia a partir do uso da psicologia, dos saberes médicos e juristas na educação.

Afirma-se então, um processo de centralidade na criança, nas relações de aprendizagem, no respeito às normas higiênicas, na disciplinarização do corpo do aluno e de seus gestos, atrelados a cientificidade da escolarização de saberes e fazeres sociais e na exaltação do ato de observar, e de intuir considerados primordiais na construção do conhecimento do aluno. Essa proposta educacional defendia a educação como elemento basilar na formação de uma sociedade democrática, na medida em que, desenvolvia uma prática pedagógica integradora com a realidade social do indivíduo.

Essas questões passaram a ser enunciadas pelo movimento escolanovista como possibilidade de renovar o ensino além de democratizá-lo. Para Vidal (2007, p.197) a reforma efetuada pela Escola Nova configura a tradução de um novo tempo social, na medida em que, é inspirada em ideais de participação ativa dos cidadãos na vida social e política, objetivando um processo de apropriação e desenvolvimento democrático dos indivíduos frente as relações sociais.

Nesse sentido suscita-nos dizer que a proposta da Escola Nova assume a defesa do processo de expansão da escola primária brasileira. Na introdução do Manifesto dos Pioneiros da Educação Azevedo (1932, p.25) reitera a necessidade de expandir a escolarização brasileira: “a cada época, na marcha da civilização, correspondem processos novos de educação para uma adaptação constante às novas condições de vida social e à satisfação de suas tendências e de suas necessidades”.

Os discursos dos intelectuais escolanovistas corroboravam com o desafio de que combater a situação caótica da instrução pública do Distrito Federal era resultado da ação clientelista e estreita dos políticos que tratavam a instrução como um bem privado e não de interesse público.

Segundo Azevedo (1932) o Manifesto dos Pioneiros da Educação se constituiu como um documento público que teve a mais larga repercussão inspirado pela necessidade de precisar conceito e os objetivos da nova política educacional:

Desenvolve um esforço metódico, rigorosamente animado por um critério superior e pontos de vistas firmes, dando a todos os elementos filiados a nova corrente, as normas básicas e os princípios cardeais para avançarem

com segurança e eficiência nos seus trabalhos. Não é apenas uma bandeira revolucionária, cuja empunhadura foi feita pelas mãos dos reformadores, capazes de sacrificar pelos ideais comuns sua tranquilidade, sua energia e sua própria vida; e um código em que se inscreveu, com as teorias da nova educação infletidas para um pragmatismo reformador, um programa completo de reconstrução educacional, que será mais cedo ou mais tarde a tarefa gigantesca das elites coordenadoras das forças históricas e sociais do povo (Azevedo, 1932, p.24).

As ideias escolanovistas configuravam-se como um "campo" de poder em constante conflito entre diversos grupos sociais que se interpõem, entrando em embate, a fim de conquistar um determinado espaço ou lugar de poder. Os discursos produzidos pelo movimento escolanovista imprimiram um novo "lugar" a educação. Neste intento, caberia à escola atuar como um espaço de formação e promoção de um indivíduo ágil, consciente de suas responsabilidades morais com larga visão técnica e artística.

A proposta do movimento da Escola Nova reiterava a necessidade de enfrentar o problema educacional brasileiro, sendo necessário alargar o campo da escola, neste aspecto, as décadas de 1920 e 1930 foi permeada por debates educacionais intensos promovidos por este movimento que opunha-se às práticas pedagógicas tidas como tradicionais, visando uma educação que pudesse integrar o indivíduo na sociedade e, ao mesmo tempo, ampliar o acesso de todos à escola.

Nesse cenário o objetivo de combater os altos índices de analfabetismo os gestores do governo central enfatizavam a necessidade de providenciar ações contra o analfabetismo nos estados da República. Como a observação feita pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas educacionais a partir da Mensagem ao Congresso Nacional feita pelo Presidente da República Epitácio Pessoa em 1922:

O governo da União não pode nem deve conservar-se impassível ante os prejuízos decorrentes da falta desse preparo. Urge providenciar contra os efeitos do analfabetismo dominante em muitos Estados da República, os quais, por falta de recursos próprios, estão deixando sem remédio eficaz esse mal e contribuindo, assim para agravar cada vez mais o nosso atraso social e político (INEP,1987,p.80).

O movimento da Escola Nova caracterizou-se por um modelo educacional renovador, pois tinha por objetivo a criação de laboratórios de pedagogia prática visando um aprendizado mais eficaz, onde os alunos

realizariam uma atividade prática da observação e da intervenção no seu processo de aprendizagem.

No contexto de 1930-1940, observou-se o aumento do número de escolas criadas na região. Este fator pode ser remetido à expansão econômica da cidade, principalmente pela criação da Estrada de ferro que ligava a cidade aos municípios de Niterói e Cabo Frio.

No final da década de 1930, temos a criação da Escola Isolada do Espraiado, 1936. Somente, na década de 1940, temos o reconhecimento no Diário Oficial sob Ato Nº 22 de 28 de julho de 1948, do estabelecimento de ensino que atuava nos moldes de Grupo Escolar; como Escola Estadual Elisiário Matta.

**TABELA V I- CRIAÇÃO DAS ESCOLAS NO MUNICÍPIO DE MARICÁ 1890-1954.**

ANO	NOME DA ESCOLA	LOCALIZAÇÃO
1890	ESCOLA DE MENINOS- PROFESSOR ELISIÁRIO MATTA	CENTRO
1904	ESCOLA ISOLADA DE CASSOROTIBA	SPAR
1904	ESCOLA ISOLADA BOSQUE FUNDO	BOSQUE FUNDO
1920	ESCOLA ISOLADA BARRA DE ZACARIAS	BARRA DE MARICÁ
1936	ESCOLA ISOLADA DO ESPRAIADO	ESPRAIADO
1948	ESCOLA ESTADUAL ELISIÁRIO MATTA	CENTRO
1951	E.E JOÃO PEDRO MACHADO	MANOEL RIBEIRO
1951	ESCOLA TÉCNICA DE COMÉRCIO SÃO CAETANO	CENTRO
1951	E.E UBATIBA	UBATIBA
1952	E.E PROFESSOR ATALIBA DOMINGUES	INÓIA
1953	E.E OSWALDO TEIXEIRA	CAXITO
1953	E.E JACINTHO CAETANO	CAJU
1954	GRUPO ESCOLAR DOMÍCIO DA GAMA	FLAMENGO
1954	E.E FRANCISCO JOSÉ DO NASCIMENTO	PONTA NEGRA
1954	COLÉGIO CENECISTA MARICÁ	CENTRO

Fonte: Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Maricá e Pólo administrativo de Maricá SEE.

A década de 1950 ficou conhecida como o período do "desenvolvimentismo" que levava o país. A cidade de Maricá, também se desenvolveu. Foi nos "anos dourados" que a inovação tecnológica adentra a cidade rompendo com o estigma de cidade arcaica e pouco desenvolvida.

Nesse período, inaugurou o primeiro cinema de Maricá, chegou a eletricidade, o desenvolvimento da malha rodoviária com o asfaltamento das principais rodovias em prol da criação da primeira empresa de transporte coletivo chamada de Viação Nossa Senhora do Amparo, além do asfaltamento da Rodovia Amaral Peixoto.



Fonte- Fotografia Frota da Viação Nossa Senhora do Amparo. Acervo da Casa de Cultura de Maricá - Ano 1950. Fotografo: S/i.



Fonte - Fotografia Fachada do Prédio Cinema São Jorge. Acervo da Casa de Cultura de Maricá - Ano 1956. Fotografo: S/i.

Contudo, era preciso expandir a escolarização da cidade, pois segundo dados do censo de 1950 dos 18.976 habitantes de Maricá, somente 5.189

dominavam a leitura e a escrita. Foi nesse período de desenvolvimento econômico e social da cidade que identificamos um aumento do número de escolas criadas. O processo de institucionalização da escola estava diretamente relacionado a demanda social de adquirir a cultura da leitura e da escrita.

No total foram criadas 10 escolas, sendo duas dessas privadas: a Escola Técnica de Comércio São Caetano<sup>14</sup>, em 1951 e o Colégio Cenecista Maricá<sup>15</sup>, em 1954. Das 8 escolas criadas são estaduais, a saber: E.E João Pedro Machado (1951), E.E Ubatiba (1951), E.E Professor Ataliba Domingues (1952), E.E Oswaldo Teixeira (1953), E.E Jacintho Caetano (1953), Grupo Escolar Domício da Gama (1954), E.E Francisco José do Nascimento (1954).

A entrada dos alunos na escola matizava uma proposta social vinculada à oferta da educação primária como eixo civilizador e modernizador do país. Como destaca Camara (2010, p.143), a imagem idealizada de uma infância transformada pelo bem do país corporificou-se na representação de uma criança forte, saudável bem comportada e livre do estigma da pobreza e do atraso.

A escola passa a ser o instrumento mais importante para forjar a solidariedade nacional no contexto de uma política de homogeneização cultural. Desta forma, a criação das escolas no contexto maricaense imprimiu significativas transformações no que se refere, ao enfrentamento da questão educacional, fator amplamente discutido nas estratégias de expansão da instrução primária a todo território nacional.

Alavancar a escolarização era condição primária para o efetivo desenvolvimento local, na medida em que, congregava uma identidade moderna e civilizada a cidade de Maricá.

---

<sup>14</sup> A Escola fundada na década de 1950 tinha por objetivo manter as modalidades de ensino médio e profissional, no município. Vivia de verbas de subvenção estadual, federal e municipal. Em 1960 foi reconhecida como de utilidade pública pela Lei Municipal de Nº 6.027.

<sup>15</sup> Colégio Cenecista Maricá- Nota acerca da primeira Instituição particular do município - Em 1951, sob a presidência do Dr. Tobias Barreto, representante da CNEG e grade parte dos elementos representativos do Ensino, da Indústria, do Comércio e dos transportes locais, ficou decidido a organização do Ginásio Maricá, sendo então eleito o primeiro Diretório Municipal da Campanha Nacional dos Educandários Gratuitos. O colégio teve sua sede erguida na Rua Barão de Inhoa com 34 metros de frente e com uma área de 3.132 metros quadrados. A Escola Técnica de Comércio São Caetano era uma fundação de entidade jurídica de direito privado sem fins lucrativos. O objetivo era manter estabelecimentos de ensino de grau médio, Vivia de verbas de subvenções estadual, federal e municipal. A fundação da Escola se deu em 16 de dezembro de 1956 e em 27 de dezembro de 1960 foi reconhecida como utilidade pública pela Lei Municipal de Nº 6.027.

No próximo capítulo enfatizaremos a “trajetória” do Grupo Escolar Domício da Gama como estabelecimento disseminador de um projeto de escolarização em Maricá. Para tanto, desenvolveremos nossa análise a partir do conceito de cultura escolar desenvolvida pelo Grupo Escolar do Flamengo, considerada uma das primeiras instituições de ensino público da cidade de Maricá.

## **CAPÍTULO II**

### **ECOS DO PROGRESSO A TRAJETÓRIA HISTÓRICA DO GRUPO ESCOLAR DOMÍCIO DA GAMA**

#### **2.1 A TRAJETÓRIA HISTÓRICA DO GRUPO ESCOLAR DOMÍCIO DA GAMA**

Uma nova fase de luz e progresso abriu-se para o ensino com essa instituição, cujos brilhantes resultados se têm acentuado de modo notável. A reunião de escolas num só edifício apropriado, com os alunos convenientemente divididos em classes, cada uma dessas sob a regência de um professor, em aposentos abertos à luz, dispondo de todos os meios materiais precisos ao ensino é o ideal de escola pública (Souza, 1998, p.31).

Ao pensarmos o conceito de “trajetória” tomamos por referência os movimentos contínuos e descontínuos que marcaram a história do Grupo Escolar Domício da Gama. Segundo Werle (2004, p.16), “trajetória” traduz-se em um esforço de organizar o projeto da instituição, ou escola observando todos os seus momentos, suas relações e seu contexto.

Para Certeau (2007, p.93) trajetória define-se por um movimento temporal no espaço, isto é, a unidade de uma sucessão diacrônica de pontos percorridos, e não a figura que esses pontos formam num lugar supostamente sincrônico ou acrônico. Partindo desta compreensão, a análise proposta nesse estudo vislumbra mapear a trajetória da instituição destacando o papel social desempenhado por essa escola, evidenciando as suas práticas pedagógicas, com ênfase nos testes de aprendizagem, nas avaliações, nos índices de repetência, bem como na cultura escolar desenvolvida no Grupo Escolar Domício da Gama.

destaca Souza (1998, p.33) a classificação igualitária e homogênea dos alunos constituiu-se numa das grandes revoluções da organização do ensino primário. Evidenciou-se que com a normatização sobre a seriação do ensino realizada pelos grupos escolares definiram-se a construção de um novo programa de ensino, isto é, um programa cuja a finalidade era tornar o ensino

“objetivo”, de caráter “prático”, além de atuar como um meio de civilização das crianças.

O autor Antonio Nóvoa (1994) destaca que a relação da escola e a sociedade traz a tona um profícuo debate, isto é, novas respostas para um velho problema, a relação da história da escola assentada em acontecimentos contínuos e descontínuos que vislumbram o progresso.

Nessa perspectiva, temos o Grupo Escolar Domício da Gama que criado pelo Decreto 4.678 de 25 de março de 1954, passou a constituir-se como expressão de uma escola nova marcada por enunciados pedagógicos e técnicos que buscavam modelar os fazeres e os saberes da escola, ou seja, renovar os tempos, os espaços escolares, as relações professor-aluno e, conseqüentemente os métodos de ensino.

Originalmente, o Grupo Escolar Domício da Gama iniciou suas atividades como Escola Isolada do Flamengo. Criada em 8 de março de 1912, sendo uma das primeiras escolas situadas na zona rural da cidade de Maricá. A escola iniciou suas atividades com cerca de 70 alunos alocados em turno único, sendo dirigida pela professora Leonor Bastos, formada pela Escola Normal de Niterói.

A sede da escola era uma casa alugada de propriedade do senhor Jacintho Caetano influente político e comerciante da cidade. Essa residência sofreu adaptações para o funcionamento da escola que se constituía em 03 salas de aula, um pequeno refeitório, 01 sanitário feminino, 01 sanitário masculino, a sala da dirigente e o pátio escolar.



Fonte: A Diretora Leonor Leite com turma de alunos de 1932.  
Acervo Pessoal Maria Penha de Andrade. Fotografia: S/i.

O contexto reformador dos anos de 1950 impôs uma significativa centralidade ao Grupo Escolar Domício da Gama, mediante a grande procura por matrículas ancoradas no sucesso econômico e cultural da cidade de Maricá. A centralidade do Grupo Escolar Domício da Gama definia-se por ser esta instituição educacional referência pedagógica no município de Maricá.

No ano de 1954, a “Escola Isolada do Flamengo” criada em 1912, alcançava o título de Grupo Escolar Domício da Gama. A transformação para a categoria de grupo escolar é justificada pela diretora, professora Zilca Lopes, tendo em vista, a grande importância da escola na cidade, além da crescente demanda por matrículas.

Como mostra a solicitação realizada pela chefe da Inspeção de Ensino Esther Botelho, no Termo de Visita da instituição, no ano de 1953. O aumento de matrículas subsidia o pedido para que a Escola Isolada do Flamengo seja elevada a categoria de Grupo Escolar:

Aos vinte e cinco dias do mês de março, visitei a Escola do Flamengo. É sua dirigente a professora Zilca Lopes da Fontoura que tem como auxiliares 5 professoras que embora dedicadas e esforçadas, não tem diploma de curso normal. **Essa escola que tem matrícula de 256 alunos, digo 257, já deveria ter sido elevada à categoria de Grupo Escolar, medida que já foi proposta à inspeção.**

**O objetivo da visita foi estudar a organização das classes, de modo a torná-las mais eficientes, homogêneas e dar-lhe mais possibilidade de êxito.**

( Livro de Termos, 1953, p.11)-(Grifos meus).

No contexto, de expansão econômica apresentado pela cidade de Maricá nos anos de 1950, atrelada a necessidade de escolarizar a população foi criado o primeiro grupo escolar da cidade. O nome dado ao grupo escolar refere-se ao maricaense Domício da Gama<sup>16</sup>. Segundo Souza (1998, p.113) quem dava nome aos grupos escolares era o seu “patrono”, aquele que contribuía financeiramente ou que tinha grande influência política numa dada localidade.

No caso de Maricá, não foi diferente, Domício da Gama foi um expoente, um cidadão influente na cidade, no país e no exterior, sendo, considerado até hoje, um dos maiores intelectuais maricaense. Desse modo, o Grupo Escolar Domício da Gama se constituiu como uma instituição de referência sintonizada com os princípios de modernidade, racionalização, padronização e higienização, tal como propunham os templos do saber.

## 2.2 A ARQUITETURA DAS NOVAS CASAS DE INSTRUÇÃO

As instituições modelares implementadas pelo regime republicano pressupunha a edificação de espaços escolares suntuosos, professores habilitados, além de mobiliário e materiais didáticos modernos.

Essa modalidade de escola primária implicou uma nova concepção arquitetônica. Pela primeira vez, surge a escola como lugar, a exigência do edifício-escola como um aspecto imprescindível para o seu funcionamento, dotada de uma identidade. A especialização dos espaços ocorreu de acordo com as finalidades do ensino, com as necessidades da completa separação entre os sexos e com as exigências da pedagogia moderna: classes, bibliotecas, museus, laboratórios, oficinas, ginásios, pátios para recreio, auditórios. A composição material dessa escola moderna e renovada pressupôs, também, o uso de novos materiais escolares, outro tipo de mobília escolar e abundante material (Souza, 1998, p.16).

---

<sup>16</sup> Nasceu em Ponta Negra, Maricá, em 23 de outubro de 1863, sendo filho de Domingos Afonso Fornoiro, pequeno comerciante, e de Mariana Rosa Loreto. De origem humilde, desde a infância mostrava uma inteligência viva e brilhante. O sobrenome Gama foi herdado de seu padrinho, o Padre Sebastião de Azevedo Araújo e Gama, vigário de Maricá durante 41 anos, no período de 1851 a 1892.

Seus primeiros estudos se passaram no Colégio Henrique, no Rio de Janeiro. Matriculou-se posteriormente na Escola Politécnica, mais precisamente em 1878, mas desistiu logo a seguir, ao perceber que sua vocação não era lidar com ciências exatas. Tornou-se repórter da "Gazeta de Notícias", exercendo o cargo com eficiência, tornando-se amigo e auxiliar do famoso jornalista Ferreira de Araújo. Em 1888 foi para a Europa como correspondente internacional da Gazeta de Notícias. Durante este tempo aprofundou mais os seus estudos em Literatura e Geografia. Membro integrante do Sindicato da Imprensa Estrangeira atuou com brilho durante a célebre Exposição de Paris, ano 1889. Motivado pelo Barão do Rio Branco, de quem era amigo particular. por que sua gestão foi tão curta quanto do Presidente. Escritor pertenceu à Academia Brasileira de Letras, sendo um de seus membros fundadores, e ocupou a cadeira nº 33, cujo patrono era Raul Pompéia.

Diferentemente dessa imagem consagrada dos “templos de civilização”, temos em Maricá, a utilização da infraestrutura de uma escola isolada para a implantação do Grupo Escolar Domício da Gama. O alto custo dos novos prédios escolares levavam a uma prática descrita por Lopes (2006, p.88-89) como corriqueira, isto é, era comum a adaptação de prédios das antigas escolas isoladas para organizar e implementar os grupos escolares .

Nesse sentido, o autor assinala que o alto custo para manter um grupo escolar, com um prédio próprio, com mobiliário moderno e materiais pedagógicos levavam os governos a utilizarem os prédios das escolas isoladas como medidas de contenção de despesas.

Souza; Faria Filho (2006) no estudo acerca dos Grupos escolares expõe um emaranhado de questões que se aproximam da realidade maricaense, quando reiteram uma multiplicidade de escolas primárias, escolas isoladas e grupos escolares.

A utilização das escolas isoladas é destacada por Souza; Faria Filho (2006) como o modelo escolar disseminador da educação popular “[...] em muitos estados brasileiros, enquanto os grupos foram instalados como uma espécie de vitrine da modernização educacional, foi a escola isolada que se disseminou como escola genuinamente popular”. Essa relação descreve que o agrupamento de escolas isoladas, antes da instalação do grupo escolar, foi um recurso comumente utilizado pelo poder público para a expansão do ensino nas capitais do país.

Neste cenário, a precariedade do prédio do Grupo Escolar Domício da Gama era constantemente reiterada pelo Serviço de Inspeção. A análise na documentação da antiga Escola Isolada do Flamengo, mas precisamente nos anos de 1951 e 1952 destacam inúmeras vezes a necessidade de melhorias estruturais na arquitetura do prédio como: ampliação das salas de aula, manutenção da bomba de água e aquisição de mobiliário novo para atender, adequadamente os escolares possibilitando, assim um ensino de qualidade.

Termo de Visita- I

Visitei hoje, em serviço de inspeção a Escola Isolada do Flamengo, Localizada no 1º distrito de Maricá.

**O prédio é alugado e dispõe de regulares condições higiênicas. Há falta de material escolar, necessitando de uma providência, por parte da dirigente com referência a bomba, de modo a não faltar água para o uso diário.**

Nada mais havendo a tratara lavrei o presente termo.  
 Maricá, 9 de março de 1951  
 Chefe da Inspetoria Estadual de Ensino

Termo de Visita – IV

Estive hoje em serviço de inspeção, na Escola do Flamengo, que funciona em regime de dois turnos sob a direção da professora Zilca Lopes da Fontoura.

**O prédio escolar necessita de reparos urgentes, pois há goteiras faltas absoluta de água para uso dos alunos e limpeza de vasos sanitários; essas duas deficiências muito vem prejudicando a ordem nos trabalhos escolares.**

**Por se tratar de prédio alugado, pelo qual o governo paga, acho que esses concertos poderiam ser feitos à sua custa por meio do Departamento de Engenharia.**

**Seria uma medida justa e bem oportuna, por se tratar de escola muito bem frequentada e onde o ensino está entregue a muito boas professoras.**

Terminada a visita, lavrei o termo ( Livro de Termos,1952,p.8) - (Grifos meus).

Por sua vez, mesmo com a elevação para categoria de grupo escolar, não houve a remodelação arquitetônica do prédio do Grupo Escolar Domício da Gama, fator distintivo das instituições modelares. Segundo Souza (1998) os Grupos Escolares asseguraram a implantação de um novo modelo de escola exigindo altos investimentos na edificação de espaços próprios e adequados, mobiliário moderno e material didático abundante, o que rendia a esses estabelecimentos de ensino características de suntuosidade, beleza e imponência.

No entanto, a realidade vivida no Grupo Escolar Domício da Gama, se distanciava da tríade de exuberância, beleza e suntuosidade que caracterizavam essas instituições. Percebemos, essa discrepância, mediante as contínuas advertências sobre a necessidade de investimentos em melhorias arquitetônicas descritos pela inspeção como urgentes, já na categoria de Grupo Escolar, precisamente no ano de 1957:

Estive hoje, 9 de agosto de 1957, no Grupo Escolar Domício da Gama, localizado na cidade de Maricá.

**O grupo escolar, pela sua capacidade, não satisfaz, o que nos leva a apelar para o Srº secretário no sentido de ser providenciada a construção de prédio adequado às necessidades e como prêmio à dedicação e esforço de quantos ali trabalham.**

Terminada a visita, lavrei o presente Termo (Livro de Termos,1957,p.19) – ( Grifos meus).

Quanto à preocupação com a expansão da escola, nos municípios interioranos, evidencia-se uma “ação estratégica” do Estado em atuar como disseminador de modelos escolares e sociais no interior do Estado do Rio de

janeiro. Concordamos com Souza (1998, p.113) quando adverte que a qualidade dos prédios escolares, marco relevante do investimento público em educação, não predominou em todas as regiões do país.

A reconstituição desse espaço escolar no ano de 1959 denota a inserção da cidade na era da modernidade, isto é, a arquitetura organizava o caráter da nova modalidade de ensino primário desenvolvida nos grupos escolares. Desta forma a incorporação de um espaço escolar mais amplo, mais asseado e organizado vinha atender aos discursos reformistas amplamente arraigados em favor da expansão da escolarização no Brasil. Nesse sentido, ao analisarmos a documentação localizada no “Memorial do Grupo Escolar Domício da Gama”, percebemos a constante interferência e vigilância por parte da Inspetoria de Ensino Público, no que se refere a modernização e a “expansão da escolarização” em Maricá nos anos de 1950.

Nesse tocante as reformas arquitetônicas desenvolvidas no Grupo Escolar Domício da Gama no ano de 1959, sinalizaram a busca pela modernização educacional e cultural, isto é, o reflexo das transformações políticas, econômicas e sociais da cidade de Maricá.



Fonte- Nova Fachada do Grupo Escolar Domício da Gama.  
Acervo: Casa de Cultura de Maricá Ano-1960. Fotografo: S/i.

A reforma do edifício do Grupo Escolar Domício da Gama em 1959 se corporifica com as novas construções realizadas na cidade de Maricá como: o Teatro São Jorge e o Mercado Municipal atrelada às obras de remodelamento e expansão da principal Rodovia da Cidade de Maricá.

Para Escolano (2001), projetar e construir um espaço especialmente para a instituição escolar relaciona-se à busca de uma autonomia para ela no contexto social. Nesse sentido, essa gama de construções representava à trilha do progresso assim ao falarmos sobre os prédios construídos para o funcionamento dos grupos escolares nos remete a uma reflexão sobre o movimento de expansão das cidades e de todo o processo de reestruturação da organização urbana trazida pelo pensamento de “modernidade” e de imposição do “novo” sobre o “velho”.

Era preciso investir em mudanças que favorecessem a inserção da cidade no processo de modernização e crescimento econômico, político e cultural.

Assim, as transformações das cidades que se verificam nas últimas décadas do século dezenove e início do século vinte – crescimento urbano, desenvolvimento do comércio, melhoramentos como saneamento básico, água, iluminação, transportes públicos, ferrovias, ajardinamentos, teatros, jardins públicos – são denotativas deste desenvolvimento. O grupo escolar fazia parte desse conjunto de melhoramentos urbanos, tornando-se denotativo do progresso de uma localidade. Ele era um símbolo de modernização cultural, a morada de um dos mais caros valores urbanos – a cultura escrita (Souza, 1998, p.91).

É interessante dizer que para ocupar o lugar de moderno a cidade de Maricá reivindicava a introdução de símbolos urbanos ancorado na expansão da instrução vista como salvadora do atraso e do estigma do analfabetismo.

As reformas urbanas buscaram conciliar as idéias sanitárias com a idéia de uma nova estética, buscando não somente a higienização como também o aforseamento das cidades. Praças, ruas, edifícios públicos, bairros, moradia, deveriam possibilitar um novo contexto de civilidade, de maneira a enterrar o passado de moléstias e perniciosidade moral (Veiga, 2000, p.409).

Nesse tocante a escola passa a ser vista como um espaço moderno, tornando-se peça fundamental para a sedimentação dos símbolos culturais urbanos.

### **2.3 A ORGANIZAÇÃO PEDAGÓGICA DO GRUPO ESCOLAR DOMÍCIO DA GAMA**

A implementação dessa nova modalidade escolar teve implicações profundas na educação do país. Introduziu uma série de modificações e inovações no ensino primário, ajudou a produzir uma nova cultura escolar, repercutiu na cultura da sociedade mais ampla e encarnou vários sentidos simbólicos da educação no meio urbano, entre eles a consagração da República. **Ainda, generalizou no âmbito do ensino público muitas práticas escolares em uso nas escolas particulares e circunscritas a um grupo social restrito – as elites intelectuais, políticas e econômicas** (Souza, 1998, p. 30) - (Grifos meus).

A organização pedagógica do Grupo Escolar Domício da Gama estava alinhada as prescrições pedagógicas e administrativas desenvolvidas no âmbito da Inspeção de Ensino Público que orientava os discentes acerca da elaboração do plano de estudos, do uso dos materiais didáticos, da gradação do ensino reiterando a execução de uma prática pedagógica segundo aspecto da organização do trabalho didático nos grupos escolares, isto é, os materiais didáticos.

Segundo Souza (1998) a organização pedagógica dos grupos escolares implicou na necessidade de vasto material didático. Porque a concepção de ensino-aprendizagem pressuposta reiterava uma prática pedagógica que possibilitasse aos alunos uma atividade prática do ensino reclamando assim a utilização de outras linguagens para transmissão do conhecimento além da usual “palavra do mestre”. Surge o imperativo da imagem, da manipulação de objetos, isto é, de uma nova “pedagogia do olhar”, uma nova “pedagogia dos sentidos”

Os inspetores orientavam os docentes a utilizarem uma pedagogia moderna, voltada para experiência do aluno, buscando motivação através do uso do desenho como uma nova fonte de atividade para obter êxito nos conteúdos, conforme ressalva da inspetora Esther Botelho no livro de registro.

O processo de expansão da escolarização esteve fortemente ancorado nas bases da pedagogia moderna cujos objetivos ressaltava a necessidade de apresentar conteúdos dinâmicos, atraentes com a utilização de novos métodos tais como: uso de rimas, de contos, do desenho entre outros com o intuito de estimular o interesse da criança para que ela atentasse para o conteúdo. O método da pedagogia moderna defendia que na aprendizagem, o aluno precisava observar as situações concretas para adquirir conhecimento.

A observância da aplicabilidade dos conteúdos de ensino era realizada pelos inspetores que atuavam como olhos do Estado no que se refere à exequibilidade de desenvolvimento de uma unidade do sistema de ensino.

A exigência de uma padronização da atividade docente, por meio de programas, foi regulada e operacionalizada pelos inspetores distritais e escolares, que, com as suas visitas às escolas isoladas, reunidas e mesmo aos grupos escolares, fizeram cumprir as determinações prescritas em regulamentos (Souto, 2005, p.19).

Ao analisarmos os termos de visita do Grupo Escolar percebemos que o foco central das inspeções se detinha na fiscalização do trabalho docente, seguindo os pontos de inspeção como: cadernos dos alunos, o livro de ponto dos professores, número de matrículas, aplicação das provas e o cumprimento do programa de disciplina.

Para Camara; Barros (2006, p.295) a atuação dos inspetores escolares e de todo um aparato administrativo e pedagógico visou regulamentar o trabalho pedagógico, como também promover a sua escuta e a sua vigilância. Assim, a função dos inspetores era fiscalizar a adoção das novas prescrições e métodos como os citados nos termos do Grupo Escolar Domício da Gama, como: o método da pedagogia moderna, a aplicação de testes Abc do professor Lourenço Filho, o uso do desenho para habilitar o cálculo.

Outro ponto a ser destacado gravita nas práticas pedagógicas desenvolvidas no espaço/tempo do Grupo Escolar Domício da Gama. É sabido que a ação estratégica da República orientava-se em “extirpar” a massa analfabeta da população, sendo assim, demandaram-se inúmeras reformas para conter o fracasso escolar que atingia grande parte da população brasileira.

Dessa maneira, vimos à mobilização de intelectuais, professores, educadores e administradores do ensino na tentativa de promover iniciativas como novas propostas educacionais, reformas administrativas e educacionais, além da instauração de novos métodos de ensino, como, por exemplo, os testes de aprendizagem.

Ao analisarmos as práticas pedagógicas desenvolvidas no Grupo Escolar, orientadas pela Inspeção de Ensino tais, como: A hora do conto, uso do desenho para o aprendizado da matemática, exposição de desenhos geométricos, tipos de redação e trabalhos manuais destacamos, nesta direção à aplicação do Teste Abc na tentativa de organizar e homogeneizar os alunos cursistas da 1ª série e das classe de alfabetização.

Termo de Visita - V

Aos vinte e cinco dias do mês de março, visitei a Escola do Flamengo que funciona sob regime de grupo escolar.

É sua dirigente à professora Zilca Lopes da Fontoura que tem como auxiliares 5 professoras que embora dedicadas e esforçadas, não tem diploma de curso normal. Essa escola que tem matrícula de 256 alunos, digo

257, já deveria ter sido elevada à categoria de Grupo Escolar, medida que já foi proposta à inspetoria.

**O objetivo da visita foi estudar a organização das classes, de modo a torná-las mais eficientes, homogêneas e dar-lhe mais possibilidade de êxito.**

**A dirigente já está segundo determinação da diretoria, aplicando os testes ABC do professor Lourenço Filho, aos alunos novos de 1ª série.**

**Foi aconselhada a aplicação do teste de desenho aos alunos representantes da mesma série, ficando a professora de enviar à Inspetoria dentro de breves dias, o resultado desse trabalho.**

Há necessidade de mais duas auxiliares para facilitar o trabalho docente, estando esta chefia interessada em resolver este assunto com a maior brevidade ( Livro de Termos,1953,p. 10) - (Grifos meus).

A utilização dos “Testes Abc”<sup>17</sup> criados pelo professor Lourenço Filho, nos anos de 1930 reiteram um prática de poder, na medida em que, seu intuito era o de intervir no processo de aprendizagem, no trabalho docente e na população como um todo a organizar em grupos mais homogêneos, eficientes e administráveis.

Segundo Lourenço Filho (1974) os exames eram desenvolvidos na classe de alfabetização, chamada 1ª série e consistia em um exame individual que objetivava mensurar dez tópicos orientadores:

1- coordenação visual-motora; 2. resistência à inversão na cópia de figuras; 3.memorização visual; 4. coordenação auditivo motora; 5. capacidade de prolação; 6. resistência à ecolalia; 7.memorização auditiva; 8. índice de fatigabilidade; 9.índice de atenção dirigida; 10. vocabulário e compreensão geral (Lourenço Filho, 1974, p.57).

Esses requisitos permitiam traçar prognósticos dos alunos, na medida em que permitia a visualização de anomalias e imperfeições que impossibilitavam a aprendizagem dos discentes, além de facilitar medidas pedagógicas de “seleção e homogeneização” das turmas.

A aplicação dos “testes Abc”, sinaliza o exercício de múltiplas formas de governar as condutas individuais. Nesse sentido, as formas de poder operam ordenando o conhecimento, a disciplina e a aprendizagem dos alunos. A repercussão dos Testes Abc, de Lourenço Filho substanciaram o debate do problema da alfabetização das crianças brasileiras tão defendidas após a proclamação da República, cujo lema era reverter o caráter precário da escolarização propagado no Império.

<sup>17</sup> Os Testes ABC caracterizavam-se pela ênfase atribuída à avaliação da maturidade, representada na mensuração de capacidades e características sujeitos escolares.O exame, posiciona as crianças em níveis de aprendizagem,isto é, se forem classificadas no escore zero são tidas com fracas e débeis, já se atingirem a classificação dos escores 3 e 4 sinalizam uma avaliação proveitosa do seu processo de aprendizagem.

A regulação evidenciada nos Testes Abc traduz um movimento de instauração de controle das práticas sociais normatizando-as. Pela vigilância buscavam gerir o comportamento humano, regulando, disciplinando-o e examinando-o.

Essa questão é advertida por Lourenço Filho (1974), quando enumera a eficiência do aparelho escolar com a aplicação dos testes:

Será preciso substituir esse critério empírico por outro de maior garantia, que venha permitir, de um lado apreciação rápida, simples e eficiente uma formada capacidade de aprender o simbolismo da leitura e da escrita de outro, a organização das classes seletivas, para desigual velocidade no ensino, com o que tenderão a maior economia de tempo e energia dos mestres, e conseqüentemente aumento da produção útil do aparelho escolar (Lourenço Filho, 1974, p.16).

Os testes Abc, caracterizavam um quadro indiciário destacando a necessidade de vasculhar, buscar pistas cognitivas que mapeassem as condições de aprendizagem dos alunos, evidenciando as suas potencialidades e as anomalias, além de organizarem o controle do trabalho docente e a eficácia do ensino. A operacionalidade inscrita nos testes visava à eficiência do rendimento escolar dos alunos, na medida em que sua ação “seleccionava” os alunos mais aptos e eficientes, aqueles que tinham atingido um nível de maturidade necessário à aprendizagem da leitura e da escrita.

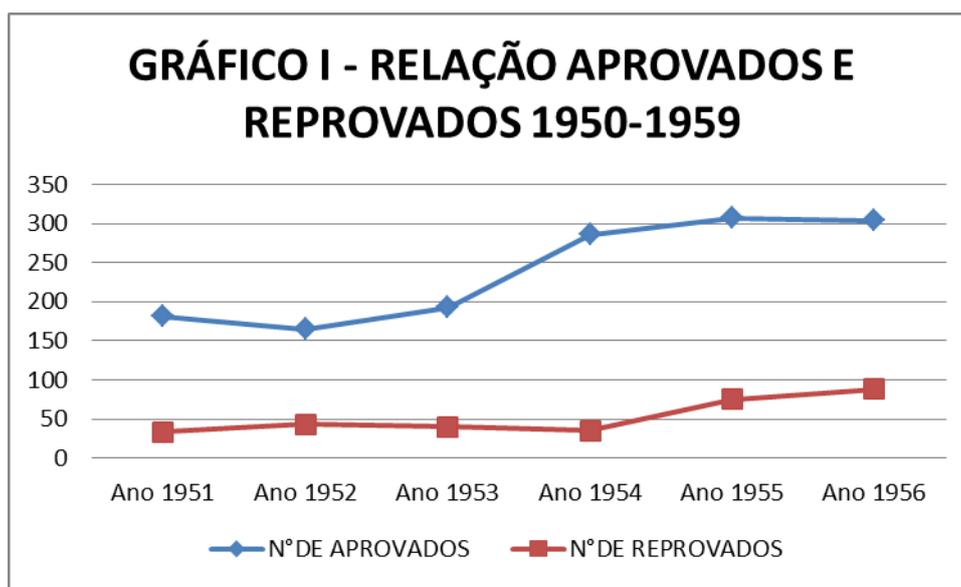
Para Souza (1998) a construção de uma nova ordem escolar insere-se nesse contexto de necessidade da manutenção da ordem num espaço de encontro e convivência de uma “pequena multidão” ancorada na construção de representações sobre a moralidade social.

A relação entre professores e alunos assentou-se sobre uma rigorosa e austera disciplina revestida de respeito, silêncio, submissão e medo. Modernos dispositivos disciplinares estabeleceram normas adequadas de comportamento no espaço escolar, envolvendo prêmios e castigos e outros mecanismos de persuasão e punição. Os controles do tempo e do espaço inscreveram-se na lógica institucional e pedagógica em função da distribuição dos saberes, da ordenação das atividades, na indicação dos exercícios, das lições, das tarefas, dos intervalos (Souza, 1998, p.281).

Nesse sentido a prática pedagógica dos exames disponibilizou a instituição escolar a possibilidade de operar no sentido da regulação do detalhe, levando-a a estabelecer uma rede de critérios comportamentais na conduta de cada um dos alunos. As avaliações e os testes escolares se constituem como dispositivos de disciplinamento e controle da escola moderna.

Dessa forma a partir de um exame minucioso do processo de aprendizagem dos alunos, da análise do seu meio familiar a escola selecionava e disciplinava os escolares.

O gráfico abaixo sinaliza para as aprovações e as reprovações ocorridas no espaço/tempo do Grupo Escolar Domício da Gama:



Fonte- Livro de Matrículas – (1950, p.37).

O gráfico apresenta os índices de aprovações e reprovações registradas no Grupo Escolar Domício da Gama, sinalizando que as maiores incidências de reprovações ocorreram nos anos de 1955 com 75 reprovações e no ano de 1956 com o total de 88 alunos retidos. Sobre as reprovações a exigente professora Zilca Lopes destaca: “os exames eram puxados e alguns alunos apresentavam grande dificuldade. Quando passamos para o regime de grupo escolar o serviço de inspetoria passou a exigir exames mais elaborados”.

Os exames permitiam também o enquadramento dos níveis de aprendizagem dos alunos em alto, médio e fraco, o que aumentava o rendimento do ensino nas séries iniciais. Esse crescimento implicava na diminuição no número de reprovações, além do aumento da eficácia do trabalho dos professores, a partir da organização das turmas segundo níveis de aprendizagem.

Segundo Souza (1998, p.35) o agrupamento dos alunos em classes homogêneas supunha o favorecimento dos melhores em detrimento dos mais “fracos”. Para a autora a ênfase na classificação gerou a noção de repetência, isto é, o controle da eficiência do indivíduo. Os exames marcam a consolidação do plano pedagógico na medida em que possibilitam a prática da “seletividade” dos escolares, ou seja, essa organização seriada ancorada nos exames supunha o favorecimento dos melhores em detrimento dos mais fracos.

Nesse cenário a função da escola ultrapassava o contexto escolar alcançando a dinâmica do contexto social. A escola destacou-se como lugar consagrado de educar intelectualmente e também de desenvolver uma educação disciplinadora assentada nas premissas evocadas pelo ideal moderno civilizador que visava disciplinar a população, interferindo no seu cotidiano e modificando seus hábitos e costumes.

A instituição escolar começou a organizar uma série de exigências em seu interior, isto é a entrada da higiene, do controle do tempo e das atividades docentes e discentes.



Fonte- Fotografia- Entrada dos alunos do Grupo Escolar Domicio da Gama –  
Acervo da Casa de Cultura de Maricá – Anos 1950.  
Fotografo: s/i.

A relação da ênfase na disciplina e no controle do tempo desenvolvidos no cotidiano do Grupo Escolar Domício da Gama é descrito nos depoimentos abaixo:

Para Marli Santos:

“ Na hora da forma demarcava a disciplina e manutenção da ordem. Os alunos eram disposto em ordem por tamanho. Não podia se mexer era preciso permanecer em silêncio até o fim. E aqueles que por algum motivo faltasse com respeito a forma era punido”. (Entrevista concedida em 17/8/2011).

No depoimento do ex-aluno Clério Boechat a disciplina operava grande com centralidade:

a disciplina era muito grande, geralmente os alunos permaneciam em silêncio por todo o tempo, só se manifestavam quando chamados pela professora. Não podíamos sair sem pedir licença, até para irmos ao banheiro precisávamos de autorização do professor. Se algum aluno fosse indisciplinado usava-se a régua, que resolvia qualquer indisciplina e desrespeito ao professor (Entrevista concedida em 12/07/2011).

A disciplina e civilidade atuaram como balizadores das práticas e das normas instituídas pela cultura escolar que segundo Julia (2001):

a cultura escolar atua como um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos, normas e práticas que podem variar segundo as épocas - finalidades religiosas, sociopolíticas ou simplesmente de socialização (Julia, 2001, p.10).

As utilizações desses dispositivos normativos incidem sobre a forma escolar marca o conceito de civilidade, ou seja, a escola disciplina e educa as novas gerações. Ao ditar essas práticas disciplinares inculcam hábitos e incorporam costumes sociais.

Nesse sentido, o aparato disciplinar atua de forma mais ampla, na medida em que, comporta não somente as práticas docentes da aula, mas também as grandes finalidades socialmente prescritas.

Essa relação é indicada no fragmento do Termo de Visita de 1954, do Grupo Escolar Domício da Gama, quando sinalizam que as “crianças se apresentavam uniformizadas, asseadas e alegres”.

A entrada da medicina-social no campo educacional revela as preocupações já explícitas na própria organização espacial dos grupos

escolares. Suas ações perpassavam pelo “tempo escolar” da inspeção médico-escolar devidamente prescrito nas instruções de preservação da saúde dos alunos e dos cuidados com o corpo reiterando a questão que vinculava a prevenção e a cura embutidas na relação médica educacional.

Como ressalta Camara; Barros (2006) cabia à escola, por meio da educação moral e de atividades complementares, como a prática da ginástica suplantar os modelos e comportamentos desviantes das crianças. Nesse aspecto, a ideia da higiene estrutura as estratégias estatais de intervenção e de normatização do corpo.

A medicina deveria penetrar na sociedade, incorporando o meio urbano como alvo de sua reflexão e de sua prática, e o de que deveria constituir como apoio indispensável ao exercício de poder por parte do Estado (...) na expansão da medicina, a escola não é esquecida nem a educação de um modo mais geral, pois, para formar as novas gerações seria necessário uma intervenção não apenas no espaço público da escola, mas, também no espaço privado da casa (Gondra, 2000, p.525).

A relação da medicina passou a ser vista atrelada ao campo educacional, pois, era preciso higienizar, disciplinar e educar as crianças a partir das orientações e preceitos sanitários de asseio e de ordem. Portanto, ao percebermos a função da escola como mecanismo de normatização e homogeneização, ou seja, vetor importante na disseminação de preceitos de higiene, de ordem e disciplina.

Para Veiga (2000) o sentimento de pertença de uma nação demandou processos e instrumentos de aprendizagens e deveres, mas principalmente a perspectiva cultural de apropriação de uma cultura nacional estava alinhada aos ideais do sanitarismo centrando na relação estreita da saúde pública com a formação da nacionalidade brasileira mediadas pelo ambiente escolar.

Dessa forma, a escola precisava organizar os comportamentos escolares e sociais, não devia ser apenas o local de afastamento da família e o seu interior não podia continuar repetindo padrões da educação familiar, isto é, a desordem que caracterizava a organização doméstica não podia se reproduzir dentro dele. Essa perspectiva elevava a função disciplinadora da escola visando à promoção do cidadão brasileiro intelectualmente e moralmente desenvolvido.

A escola passa a ser o “lugar”, uma fronteira de disciplina, moral e de ordem, por isso vimos à importância legada as estruturas dos grupos escolares bem arejadas, iluminadas e higiênicas atreladas às campanhas de intervenções sanitárias.

Como destaca Souza (1998) a Lei nº165, de 7/8/1893 que trata da criação dos grupos escolares defende a adoção de programas focados no desenvolvimento da linguagem, da aritmética, da geografia incluindo a cartografia, as ciências naturais, a educação dos sentidos e os trabalhos manuais com ênfase na modelagem, dobraduras, recortes, tecelagem, marcenaria, torno alinhados as noções de higiene.

Esse aspecto, também pode ser observado como orientação dada as professoras do Grupo Escolar de Maricá que foram instruídas pela Inspeção de Ensino a: “introduzir o desenho como fonte de motivação e elemento disciplinador. Bem como, a utilização de medidas tendentes a um maior aproveitamento no ensino da linguagem e do cálculo” (Livros de Termos 1953, p.10).

A questão da “desordem social” ditou as políticas interventoras na sociedade e na escola. Como assinala Bertucci (1997, p.57) a entrada da medicina na escola acompanhava a necessidade exposta de modernizar o país desde o início do século XX, com o aumento da economia e com os melhoramentos urbanos era preciso “atacar as enfermidades com novos meios científicos e gerir de maneira mais conveniente e sadia o espaço, eram tanto estratégias de sobrevivência física quanto de poder econômico, social e político”.

A análise de Souza (1998) acerca da disposição disciplinar e higiênica nos grupos escolares reitera a ação dos preceitos higienistas de ordem, higiene e disciplina na disposição arquitetônica dos chamados templos de civilização- os Grupos Escolares:

[A sala] atendeu ao princípio da racionalidade funcional e a critérios disciplinares (...) A questão mereceu a atenção não só de arquitetos, mas de educadores, médicos e higienistas que recorreram a sua missão civilizadora de prescrever critérios e condições ideais de ar, luz, mobiliário e postura dos alunos (...) toda a projeção do lugar visava à concentração, à imersão nos estudos e nas tarefas escolares. As grandes janelas que permitiam a invasão de luz na sala de aula “obscureciam” o ambiente externo, o jardim, a calçada, a rua, a cidade. Vemos assim como um critério de adequação arquitetônica corresponde às necessidades disciplinares (Souza, 1998, p.138).

A função da escola era de integrar às estratégias “disciplinares” de sanear os espaços públicos dos comportamentos desordeiros, desviantes para marcar sua inserção na política médico-pedagógica de higienização social da nação como destaca Souza (1998, p.144) “o espaço escolar determina, pois, modos de usos do corpo dentro e fora da escola. Sendo assim, submete o corpo aos conjuntos de representações consubstanciadas nos padrões de bom comportamento e de bons costumes”.

Essas representações sociais legadas pela escola marcavam as práticas de racionalização do ensino, isto é, a civilidade e os valores pátrios eram advertidos no programa escolar dos grupos, bem como a ênfase nas datas cívicas que demonstravam o enaltecimento da pátria.

A cultura cívica segundo, Bencostta (2006) foi responsável por transmitir valores estéticos e disciplinadores no universo escolar. Os desfiles dos Grupos enfatizavam a uniformização, a ordem, a simetria na distribuição dos alunos e a inculcação de uma gramática dos ideais cívicos. Caracterizavam-se, ainda como uma autêntica identidade patriótica, mediante a construção do nacionalismo estatal incorporado ao tempo escolar.

No cenário do Grupo Escolar Domício da Gama as festividades cívicas da cidade incorporavam as práticas sociais, desenvolvidas no espaço escolar, na medida em que essas comemorações englobavam a construção de um caráter patriótico inculcados nos sujeitos escolares.



Fonte - Fotografia Alunos do Grupo escolar com o Padre Paulo Machado.  
Acervo - Casa de Cultura de Maricá – Ano 1959. Fotografo: S/i.

A imagem acima ilustra o desfile cívico ocorrido na década de 1950, realizado pelo Grupo Escolar Domício da Gama na cidade de Maricá, traduzindo bem esse contexto, na medida em que organizou os alunos no campo escolar instituindo as representações de ordem, asseio, higiene e disciplina.

Os desfiles cívicos estavam imersos nas representações sociais, nesse sentido, Souza (1998) sinaliza que as datas cívicas demarcavam a transmissão de uma linguagem coletiva, era visto como uma continuidade do espaço escolar que conferia identidade e legitimidade ao corpo discente e docente dos grupos:

Ao tornar as datas cívicas uma atividade escolar, o Estado fez da escola primária um instrumento de perpetuação da memória nacional. As festas escolares, diferentemente das festas do calendário social, não contrapõem o tempo livre ao tempo do trabalho, pois elas constituem tempo de atividade educativa, um tempo a aprender (Souza, 1998, p.134).

Bencostta (2006) sublinha que os desfiles patrióticos dos grupos escolares eram vistos como uma forma de imprimir sentimentos cívicos, principalmente pelo fato das autoridades de ensino responsáveis pela sua organização compreenderem essas celebrações como coparticipantes da organização de sentido escolar diante da vida social.



Fonte – Fotografia Desfile 26 de Maio-  
Acervo da casa de cultura de Maricá- Ano de 1956. Fotografo: S/i.

Nesse cenário a escola designava um simbolismo, um significado social do avanço da sociedade, um espaço que para além do educar incorpora a concepção do projeto político de moralizar, de civilizar, ou seja, um lugar detentor de normas e regras responsáveis por salvaguardar o futuro da nação. Com o exposto, cabe observar a questão moralizante embutida no projeto da escola primária republicana enfatizando a formação do caráter e desenvolvimento de virtudes morais, de sentimentos patrióticos e de disciplina nos alunos.

Como destaca Magaldi; Schueler (2009) as mensagens de caráter moralizante e cívico foram amplamente propagadas pela escola pública primária, por meio de formas diversas, como a presença de símbolos patrióticos no dia-a-dia da escola e nas situações festivas, o enlaçamento do tempo escolar ao calendário cívico e as leituras prescritas aos alunos.

Nesse aspecto, o Grupo Escolar Domício da Gama, era visto como uma instituição civilizadora e disciplinadora que traria para os jovens cidadãos maricaenses conquistas culturais, econômicas e sociais, tendo em vista que a escola instituiria os referenciais de civilização e de modernidade buscando a formação de um novo cidadão altamente produtivo capaz de gerir a sua vida.

As modernas práticas sociais impingiram uma nova centralidade às relações escolares como assinala Vidal (2000) a regulação das práticas escolares realizava-se pela contabilidade de ritmos, produção e gestos eficientes. Os materiais da escola recebiam outra importância porque eram imprescindíveis para a construção experimental do conhecimento.

Neste aspecto a tradição escolar apresenta novas sistematizações de modos de saber - as práticas pedagógicas diárias correspondiam a um ensino de fixação e memorização. A cultura escolar que se organizou no Grupo Escolar Domício da Gama a partir da materialização dos diversos saberes, espaços e tempos produziram o cotidiano escolar mais racionalizado, normatizado dividido em conteúdos e disciplinas.

A tabela abaixo ilustra a organização das disciplinas cursadas pelos alunos no Grupo Escolar:

**TABELA VII – CONTEÚDOS ESCOLARES**

Disciplinas	1ª série	2ª série	3ª série
Linguagem	-Reconhecimento das famílias silábicas; leitura e escrita de pequenas de pequenas frases.	Leitura em voz alta; Leitura silenciosa; A Hora do Conto; Ditado de palavras e frases; Cópias; Exercícios ortográficos.	Leitura de texto; Cópias do quadro; Exercícios de interpretação de textos (grandes); Redações; Separação de sílabas; Classificação das palavras.
Matemática e Aritmética	Números naturais; Cálculo com operações de soma e subtração Uso de desenho geométrico	Cálculo com operações de soma e subtração. Resolução de problemas simples; Sistema métrico	Cálculo com as 4 operações; Resolução de problemas complexos; Exercício da tabuada
História e Geografia	Descobrimto do Brasil; Pontos cardeais	Brasil Imperial; O Brasil sobre o reinado de D. João VI; Independência; Limites do Brasil; tipos de solo e vegetação.	Cópia de mapas; Reconhecimento de limites territoriais; Ensino de moral e cívica-história do Brasil e do mundo
Educação Física	Exercícios motores Noções de lateralidade	Exercício de corrida; Noções de espaço e lateralidade	Exercício de marcha; ênfase na ordem e na disciplina.
Trabalhos Manuais	-----	-----	Noções de marcenaria; noções de bordados e pintura.

Fonte: Tabela- Montada pela autora a partir de dados constantes nos diários de classe e nos livros de termos do Grupo Escolar Domicílio da Gama referente aos anos de 1951 - 1956.

### Segundo depoimento da ex- aluna Maria Penha (1956):

“a cópia era um exercício diário, nos copiávamos muito. Até as provas eram copiadas do quadro-negro. Copiar e ler eram exigências os alunos tinham que ler com perfeição, não podia ter erro. Eu me lembro das correções com a caneta vermelha. Todas as provas eram assinadas pelo responsável, pela professora e pela diretora do Grupo”. (Entrevista Concedida em 17/08/2011).

A escrita assume um papel central na eficiência, na forma de escrever operando uma acentuada normatização do universo escolar incorporando novos significados as relações tempos-espaciais da escola primária brasileira.

A esse respeito Vidal (2000, p.102) destaca:

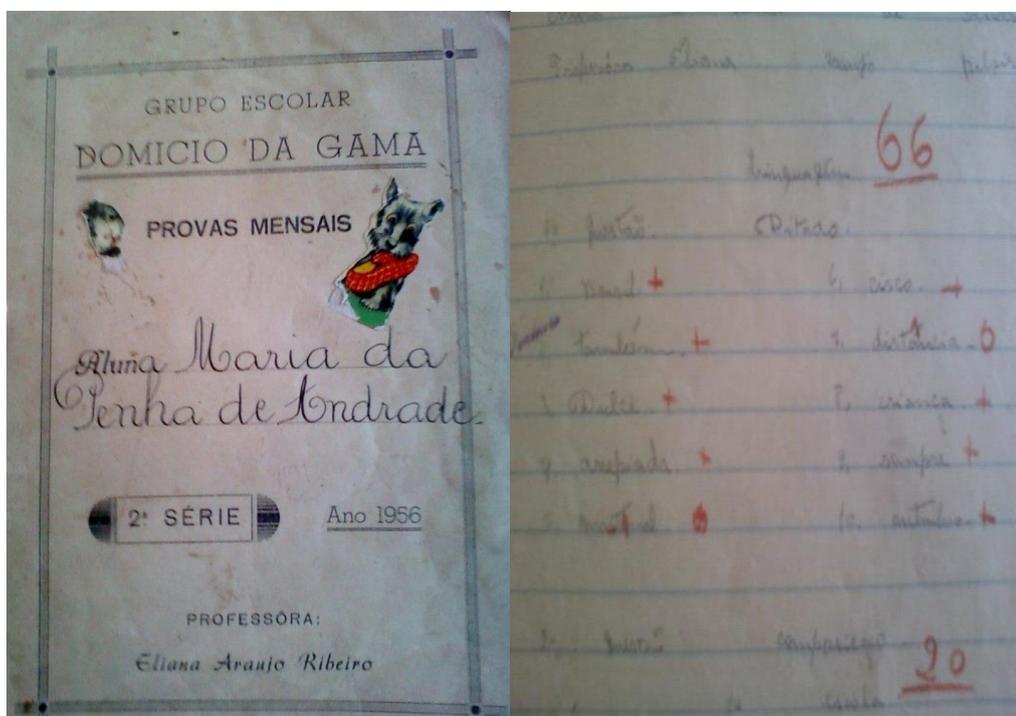
Rupturas sociais e históricas na noção de escrita promoveram alterações na maneira como foi sendo incorporada pela escola. A forma adequada de escrever foi objeto de disputas e de normatização no universo escolar, relacionadas a mudanças nas relações sociais, espaciais, materiais e temporais que se constituíram no interior da escola primária (Vidal, 2000, p.102).

A escrita precisava assumir traços modernos, isto é precisava ser legível, firme apresentando adequação às condições reais de trabalho escolar. Para Vidal (2000) a noção de gesto eficiente passa a integrar o controle do

corpo ao do tempo da escrita escolar. Por isso era recorrente o uso de teste de verificação da habilidade da escrita com o intento de apurar o desenvolvimento do aluno.

A representação pedagógica do caderno de caligrafia é descrita na fala no ex- aluno Cláudio Boechat (1956): “O famoso caderno de caligrafia nos acompanhava diariamente. Se errássemos o ditado, o cometêssemos algum erro ortográfico tínhamos obrigação de usar o caderno de caligrafia”. (Entrevista concedida em 12/7/2011).

Os cadernos de caligrafia moldavam a escrita do aluno, inculcando preceitos normativos de controle do corpo e de seus gestuais. Como podemos ver na ilustração abaixo que traz o exercício do ditado:



Fonte- Fotografia Prova escolar.  
Acervo Pessoal Maria Penha de Andrade- Ano 1956. Fotografo: S/i.

Desse modo as prescrições que orientavam a escola primária brasileira imprimia exercícios de fixação, de memorização e de escrita caligráfica. Conforme Vidal; Esteves (2003, p.53) “sua permanência, apontava também para a sintonia dos exercícios caligráficos aos afazeres ordinários da classe, no sentido de manter o aluno ocupado, enquanto liberava a professora para atender outros alunos durante o horário de aula”.

A prática da escrita associada com a caligrafia aponta o sentido proposto de moldar o comportamento do aluno, ou seja, a boa escrita, a leitura atrelada a ordem e a disciplina eram fatores que incorporavam hábitos salútares nos alunos formando cidadãos capazes de intervirem significativamente no seu cotidiano.

A sociedade moderna demandava a incorporação de uma escrita rápida, legível e clara esses fatores economizariam tempo. Como destaca Vidal (2000, p.105) “a nova noção de gesto eficiente integrava o controle do corpo ao tempo da escrita”. Nesse sentido os testes de escrita eram realizados regularmente na escola primária pois pretendiam apurar o desenvolvimento individual da escrita e oferecer subsídios à elaboração de uma escala para aferição da habilidade de escrever dividida em qualidade e velocidade.

Faria Filho (1996) comenta que a escrita em estilo vertical criava as condições necessárias para que os alunos escrevessem de maneira saudável e higiênica, com uma postura correta. Outra atividade narrada pelos ex-alunos era a prática da leitura segundo Maria Penha (1956) “a leitura fazia parte de um ritual os alunos ficavam de pé, enquanto o outro lia e a professora indicava com a régua aquele que deveria continuar a leitura que deveria ser perfeita”.(Entrevista concedida em 17/8/2011).

A leitura do mesmo modo que a escrita se legitimou na medida em que, se intensificou o processo de escolarização das massas conforme ressalta Vidal (2000, p.105) ao identificar bons hábitos de leitura à escola se apropriava de uma prática cultural corrente na burguesia urbana: a leitura de convívio em voz alta.

A leitura, assim como a escrita assentavam-se num ritual que exigia do leitor uma postura correta, o domínio da respiração concomitante às pausas da pontuação e uma dicção perfeita. Essas práticas pedagógicas ritualizadas compuseram o cenário da escola primária brasileira expressando e situando historicamente os projetos de modernização da escolarização.

## 2.4 UMA ANÁLISE DOS PERCENTUAIS DE ACESSIBILIDADE DAS CLASSES POPULARES NA ESCOLA

Em relação à organização da escola nas sociedades ocidentais a partir do século XIX, é preciso enfatizar que o seu desenvolvimento para amplas camadas da população, envolvendo gêneros, etnias e classes sociais diferenciadas, foi um acontecimento importante para regular o processo de inserção social, com objetivo de resolver a difícil questão da “igualdade perante a lei”. A difusão da escola também inventou nova condição de infância civilizada, a criança escolarizada, mas também diferenciada pela escola. Para isso contribuiu a organização racional das classes homogêneas (...) Nesse aspecto, os procedimentos identitários das crianças foram racionalizados, sendo possível classificá-las, valendo-se das categorias formuladas cientificamente( Veiga,2000,p.76).

A entrada de estudantes pertencentes a segmentos menos favorecidos na instituição escolar em finais do século XIX remete-nos ao processo de expansão da escolarização disposto no ideário dos grupos escolares que caracterizavam-se por serem um modelo escolar sistematizado, racionalizado e normatizador dos comportamentos.

Neste momento, a entrada na escola era um emblema da instauração de uma nova ordem social. Para Souza (2006) a entrada das classes populares reportava o objetivo republicano de formar uma nação brasileira, isto é, a educação pressupunha um compromisso com a formação integral da criança que ia muito além da simples transmissão de conhecimentos úteis dados pela instrução. A questão basilar da educação era a formação do caráter dos escolares mediante a aprendizagem da disciplina social, de virtudes morais e valores cívico patrióticos necessários à formação do espírito de nacionalidade.

No seu estudo “ Sob a guarda da república: **a infância pobre no Rio de Janeiro na década de 1920**”, Camara (2010) apresenta um recenseamento do Brasil com os respectivos números de analfabetos e de matrículas por Estados da União. A análise proposta pela autora permite-nos perceber a dinâmica dos distintos processos de escolarização ocorridos nos estados brasileiros.

O entendimento dessas dinâmicas de escolarização são fundamentais, pois mediante os resultados analisamos as questões vinculadas à instrução no Distrito federal, desde o início da república e as “outras estratégias” de escolarização arraigadas no interior do Estado do Rio de Janeiro.

**TABELA VIII- RECENSEAMENTO DO BRASIL- ANOS DE 1920.**

Estados	População	Analf.	% Analf.	Matric.	Crianças em idade escolar	Crianças fora da Escola	% Crianças fora da escola
Distrito Federal	1.157.873	447.621	38,7	54.585	231.574	176.985	76.42
Rio de Janeiro	1.559.371	1.173.975	75,3	70.173	311.874	241.701	77.50

Fonte: (Serva,apud,Camara, 2010,p.130)

Como nos apresenta Camara (2010, p.35) sobre a preocupação crescente com a expansão da instrução pública pelas reformas de instrução demonstrava a necessidade de se conferir à escola um lugar central no processo de intervenção na cidade e no meio social. O grande percentual de alfabetização apresentado no Distrito Federal, nos permite inferir que a oportunidade de acesso à escola nos centros urbanos, economicamente e culturalmente desenvolvidos se destacava.

Ao comparamos com o restante do Estado do Rio de Janeiro temos uma nova configuração do total da população interiorana, na soma de 1.559.371 habitantes a grande maioria não conseguiu acessar o universo da cultura e da escrita tendo o estado do Rio de Janeiro um total de 1.173.975 analfabetos.

Nessa perspectiva, era necessário educar a população, isto é, expandir o processo de escolarização no interior do estado que contribuindo efetivamente para a formação de uma sociedade afinada com as ideias de progresso e modernidade condições estas essenciais para o pleno desenvolvimento do país.

O cenário do Grupo Escolar Domício da Gama evidencia as políticas de instrução pública desenvolvidas no interior do Estado do Rio de Janeiro buscavam equilibrar o analfabetismo, a partir de dispositivos como a obrigatoriedade escolar, a disposição de materiais pedagógicos como cadernos e lápis oferecidos aos alunos oriundos das classes populares.

Nesse Sentido Souza (1998) aponta que a modalidade dos Grupos Escolares mobilizou as questões relacionadas à educação popular, destacando

a renovação de ensino, a obrigatoriedade escolar e o financiamento da instrução pública.

Para compreendermos o processo educacional desenvolvido no Grupo Escolar Domício da Gama mapeamos alguns itens de análise tais como: número de matrículas, relação de gênero, percentual de aprovação e reprovação para traçarmos indícios do cenário administrativo-pedagógico em questão, mediatizados com os aspectos políticos macrossociais que orientavam as práticas educacionais locais.

é preciso que se considere que as culturas escolares vistas desde o lugar de uma escola singular, ou sob essa escala microanalítica, não podem ser compreendidas em sua singularidade e generalidade se não se realizarem as necessárias mediações com os processos sociais mais amplos. Nesse caso, como em qualquer outro, é a adequada construção do contexto de inteligibilidade que permitirá uma análise mais fecunda e, em última instância, legitimará a abordagem pretendida (Faria Filho, 2007, p.196).

A cidade de Maricá precisava andar a passos largos para conseguir elevar o nível educacional dos cidadãos, visto que, em 1950 dos 18.976 habitantes somente 5.189 sabiam ler e escrever. Nesse sentido, oportunizar o acesso à escola era uma condição premente de elevar-se a um patamar considerado moderno. Segundo Carvalho (2007, p.227) “na nova lógica social o analfabetismo é alçado ao estatuto de marca da inaptidão do país para o progresso. Erradicá-lo é a nova prioridade na hierarquia das providências de reforma educacional”.

A centralidade do grupo escolar é destacada na fala da ex-aluna Maria Amélia Coelho (1954):

“se não fosse o Grupo Escolar Domício da Gama muitas crianças continuariam sem saber ler e escrever, pois em Maricá tinha poucas escolas. Só tinha a escola Elisiário Matta que ficava no centro da cidade e o nosso grupo que ficava na intermediação atendendo crianças de várias áreas do município”.(Entrevista concedida em 17/8/2011).

A diretora do Grupo professora Zilca Lopes (1950) destaca também que o excelente trabalho pedagógico realizado chamava atenção da população, fator que para ela refletia-se no grande número de matrículas requeridas no grupo. No documento dos Termos de Visitas, ao qual tivemos acesso, a fala acima é justificada pela Inspeção de Ensino, no ano de 1952, ainda como

Escola Isolada a inspeção de ensino destaca a dedicação e o trabalho da dirigente para atender aos inúmeros pedidos de matrículas solicitadas.

Dessa forma, o debate acerca da escolarização interiorana, torna-se primordial à medida que se coloca como um desafio às práticas escolares padronizadoras que atuavam em consonância a uma gramática escolar que buscava homogeneizar as diferenças. Esse movimento de oportunizar a entrada de inúmeros maricaenses ao universo da cultura da leitura e da escrita recebe reconhecimento e louvor por parte do Estado e da população:

**Essa medida foi de grande alcance, o que leva a Inspetoria louvar a ação da professora Zilca, sempre dedicada e esforçada no seu trabalho docente.**

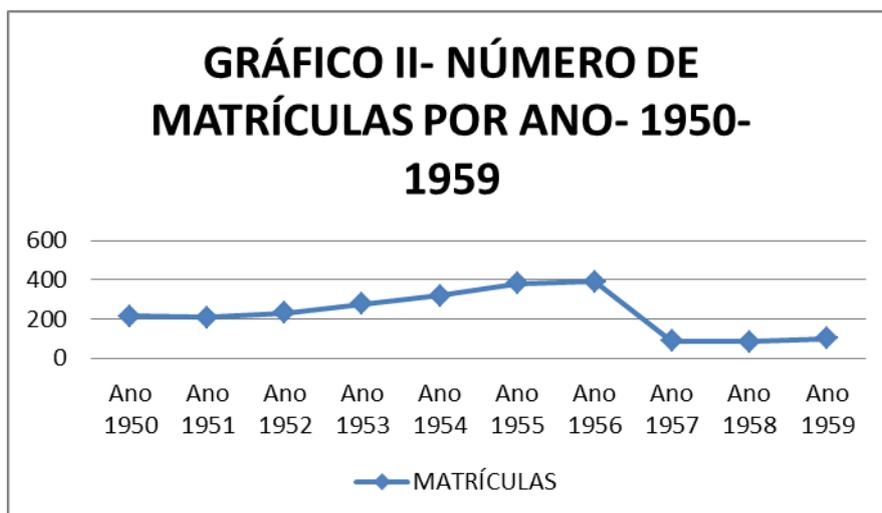
**Dessa forma, o regime de 3 turnos não se justifica mais passando a vigorar o de 2 turnos, muito mais eficiente e educativo.**

Visitando as classes, o que fiz em companhia da dirigente, tive a oportunidade de examinar os alunos e constatar aproveitamento e desembaraço.

Aconselhei diversas formas de aprendizagem, no sentido de obter maior resultado e mais interesse pelo ensino (Livro de Termos, 1952, p.8) – (Grifos meus).

O desenrolar do processo de escolarização brasileiro inferiu na representação da escola na modernidade, visto que era necessário educar a infância rompendo com o estigma cruel do analfabetismo que atingia grande parte da população maricaense. O grupo escolar de Maricá funcionava no regime de 3 turnos, alocados em uma casa alugada que disponha de um espaço pequeno e precário. O gráfico abaixo mostra a entrada de alunos nos anos de 1950 a 1959:

## GRÁFICO II- NÚMERO DE MATRÍCULAS



Fonte- Livro de Matrículas<sup>18</sup> Grupo Escolar Domício da Gama- Referente aos anos de 1950-1959.

Os índices de matrículas revelam a oscilação da entrada de alunos na instituição de ensino. Em 1950 temos o registro de 214 escolares, em 1951 temos um decréscimo para 208, fato que não se repete nos anos consecutivos. O crescimento mais expressivo é notado a partir dos anos de 1954 quando ocorre a elevação da Escola Isolada do Flamengo para a categoria de Grupo Escolar Domício da Gama. Em 1954 a instituição já dispunha de 04 salas de aulas e biblioteca.

A equipe pedagógica era composta por 05 professoras regentes e pela sua dirigente professora Zilca Fontoura sempre elogiada pelo Serviço de inspeção no que refere-se ao bom trabalho e pela excelente qualidade pedagógica realizada no Grupo Escolar Domício da Gama.

### Termo de visita VIII

Visitando hoje 18 de agosto de 1954, o Grupo Escolar do Flamengo no município de Maricá, pude constatar a eficiência do trabalho bem equilibrado e dedicado de sua dirigente que não mede esforços para mantê-lo na ordem obedecendo todos os princípios da lei e do regulamento.

O Grupo possui uma biblioteca, organizada com boa vontade de quem a dirige, todas as aulas funcionando distribuídas nas séries: 1ª A e B, 2ª, 3ª, 4ª e 5ª tendo uma frequência total no dia de hoje de 122 para as 1ª A e B, 53 para a 2ª, 38 para a 3ª, 34 para a 4ª e 5ª série com 24 alunos. Estão Matriculados no primeiro turno 166 alunos e no 2º turno 155 num total de 321 matriculados.

<sup>18</sup> Os dados referentes aos anos de 1957 e 1959 apresentaram referências incompletas, sendo só fornecidos os dados da 1ª série.

**Estavam presentes as professoras: Dolores Costa, Clarice G. Dos Santos, Judith Rangel, Nice Seabra e Peral White Boechat e a sua dirigente, professora Zilca Lopes da Fontoura, na sua função desempenha com a grande eficiência de grande educadora que é razão de orgulho no magistério fluminense.**

Tratamos de diferentes assuntos deliberações foram tomadas como a formação de alunos na Parada do dia da Pátria.

Satisfeita de meu dever cumprido e mais ainda pelo que aqui encontrei, mais uma vez me obrigo a felicitar a dirigente e suas auxiliares e oferecer-lhes a minha colaboração em tudo que puder fazer para o desenvolvimento do Grupo Escolar do Flamengo que tanto honra o município de Maricá.

Lavrei o presente termo. (Livro de Termos, 1954, p.10) - (Grifos meus).

A observância da aplicabilidade dos conteúdos de ensino era realizada pelos inspetores que atuavam como gestores de eficiência no que se refere ao desenvolvimento de certa unicidade do sistema de ensino.

A exigência de uma padronização da atividade docente, por meio de programas, foi regulada e operacionalizada pelos inspetores distritais e escolares, que, com as suas visitas às escolas isoladas, reunidas e mesmo aos grupos escolares, fizeram cumprir as determinações prescritas em regulamentos (Souto, 2005, p.19).

Ao analisarmos os termos percebemos que o foco central das inspeções se detinha na fiscalização do trabalho docente, seguindo os pontos de inspeção como: cadernos dos alunos, livro de ponto dos professores, número de matrículas, aplicação das provas e o cumprimento do programa de disciplina. A função dos inspetores perpassava a questão da fiscalização atrelada a apresentação das novas prescrições e métodos como os citados nos termos do Grupo Escolar Domício da Gama. O método da pedagogia moderna, a aplicação de testes Abc do professor Lourenço Filho, o uso do desenho para habilitar o cálculo.

No termo de visita do ano de 1951 ainda sob o regime de Escola Isolada fica clara a função de controle do trabalho docente principalmente a ênfase dada no cumprimento dos objetivos propostos nas disciplinas de linguagem e cálculo como mostra os fragmentos abaixo:

#### Termo I

Examinei os cadernos dos alunos e constatei aproveitamento e dedicação por parte dos professores.

Estão em funcionamento regular as seguintes instituições: Biblioteca e Pelotão de Saúde.

**Orientei a professora da 1ª série sobre o uso do desenho como fonte de motivação e elemento disciplinador tudo adequado a uma pedagogia moderna.**

**Sugeri medidas para um maior aproveitamento do ensino, da linguagem e do cálculo.**

(Livro de Termos, 1951, p.2) - (Grifos meus)

## Termo II

Visitando as classes, o que fiz em companhia da dirigente, tive a oportunidade de examinar os alunos e constatar aproveitamento e desembaraço.

**Aconselhei diversas formas de aprendizagem, no sentido de obter maior resultado e mais interesse pelo ensino.**

**Recomendei alguns tipos de redações para os alunos de 3ª série e aconselhei a instituição da “Hora do Conto” para alunos de 1ª série.**

Estão em funcionamento regular o Círculo de Pais e Professores, a Caixa Escolar e o Pelotão de Saúde e a Biblioteca, que está sendo reorganizada com espírito científico (Livro de Termos, 1952, p.4) - (Grifos meus).

No tocante a inspeção pedagógica os inspetores orientavam os docentes a utilizarem uma pedagogia moderna, ou seja, uma educação voltada para a experiência do aluno. Essa relação é visibilizada na orientação dada pela inspetora Esther Botelho quando destaca: “o uso do desenho como fonte de motivação”, enfatizando as docentes novas possibilidades de aplicar e obter êxito no programa de ensino.

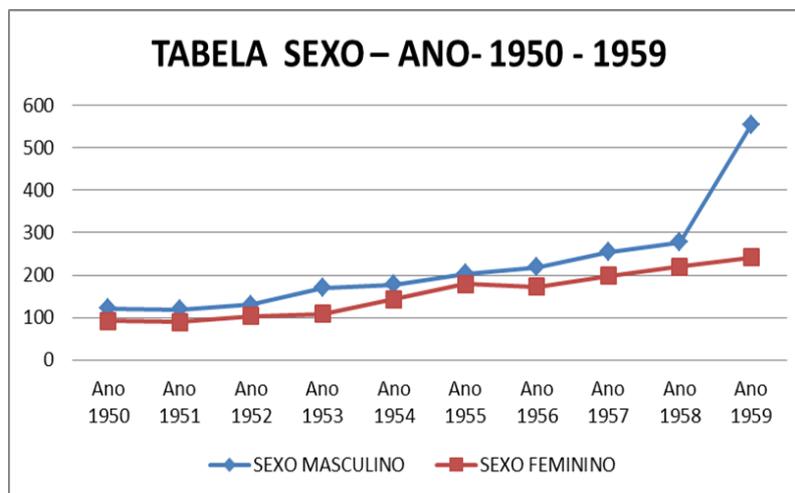
Cabe ressaltar, o aspecto incentivador e reconhecedor dos méritos das docentes e da dirigente do Grupo Escolar Domício da Gama pelo Serviço de Inspeção. No ano de 1954 a chefe de Inspeção, Claudinéa Silveira parabeniza as professoras pela excelente trabalho desenvolvido no Grupo Escolar Domício da Gama que tanto honra e eleva o processo de escolarização do Município de Maricá.

Tratamos de diferentes assuntos deliberações foram tomadas como a formação de alunos na Parada do dia da Pátria.

**Satisfeita de meu dever cumprido e mais ainda pelo que aqui encontrei, mais uma vez me obrigo a felicitar a dirigente e suas auxiliares e oferecer-lhes a minha colaboração em tudo que puder fazer para o desenvolvimento do Grupo Escolar do Flamengo que tanto honra o município de Maricá** (Livro de Termos, 1954, p.10) - (Grifos meus).

No decorrer dos anos de 1950 a expansão escolar ocorrida no Grupo Escolar Domício da Gama é visível devida a significativa busca por matrículas apresentando assim um crescimento considerável. Em 1954, ano no qual ocorreu a transição da categoria de escola isolada para grupo escolar o número de alunos matriculados era de 321. A organização pedagógica constituía-se em alunos organizados em classes por faixa etária e níveis de escolaridade, no regime de seriação. Sobre a organização administrativa da

instituição a educação era de ambos os sexos como podemos ver no gráfico abaixo:



Fonte- Livro de Matrícula Grupo Escolar Domício da Gama.

Nesse cenário percebemos que havia um maior número de meninos matriculados na instituição de ensino. Esse dado nos permite tecer nexos com a entrevista concedida pela aluna Conceição que permaneceu na escola entre os anos de 1950 até 1954:” naquela época era muito difícil as meninas irem para a escola pois tínhamos que aprender a cuidar da casa e não aprender a ler e a escrever (...) na fazenda aonde eu morava só os meninos iam para a escola”.(Entrevista concedida em 17/8/2011).

A relação exposta no depoimento da aluna assegura a própria constituição histórica do país, na qual, as mulheres atuavam em um espaço social mais restrito. No entanto, o papel da escolarização preconizada pelos grupos escolares como destaca Souza (1998) instaura uma nova organização nos padrões de conduta estabelecidos pela sociedade brasileira, isto é, para ser cidadã e exercer plenamente esse papel, a mulher deveria receber boa educação e instrução adequada.

No próximo capítulo, buscamos reconstruir o cenário as práticas escolares vivenciadas no Grupo Escolar Domício da Gama a partir das narrativas dos ex-alunos. Nesse aspecto buscamos recompor os espaços/tempos desta instituição de ensino nos anos de 1950 evocando as lembranças discentes e docentes acerca da trajetória dessa instituição.

## CAPÍTULO III

### REVISITANDO O ESPAÇO/TEMPO DO GRUPO ESCOLAR DOMÍCIO DA GAMA

#### 3.1 APRESENTANDO O CENÁRIO DO GRUPO ESCOLAR DOMÍCIO DA GAMA

Há muito tempo, com efeito, nossos grandes precursores, Michelet, Fustel de Coulanges, nos ensinaram a reconhecer: o objeto da história à abstração, o plural, que é, por natureza, o homem. Digamos Melhor: os homens. Mais que o singular, favorável o modo gramatical da relatividade, convém a uma ciência da diversidade. **Por trás dos grandes vestígios sensíveis da paisagem, os artefatos ou as máquinas, por trás dos escritos aparentemente mais insípidos e as instituições aparentemente mais desligadas daqueles que a criaram, são homens que a história quer capturar** (Bloch, 2001, p.54). (Grifos meus).

Em suas reflexões, Bloch (2001) suscita ao pesquisador o desafio de buscar os indícios, os escritos mais insípidos do fazer histórico. Nessa perspectiva possibilita a construção de uma nova significação ao trabalho do historiador, na medida em que, a história não se reduz a ser uma ciência do passado, e sim a uma ciência dos homens no tempo.

Em primeiro lugar, a história não seria mais entendida como uma “ciência do passado”, uma vez que “passado não é objeto de ciência. Ao contrário, era no jogo entre a importância do presente para compreensão do passado e vice versa que a partida era, de fato, jogada. Nessa formulação pretensamente simples estava exposto o “método regressivo”: temas do presente condicionam e delimitam o retorno, possível ao passado. Tal qual um “dom de fadas”, a história faria com que o passado retornasse, porém não de maneira intocada e “pura” (Bloch, 2001, p.7).

É por meio dos documentos que revisitamos o passado para deste modo reinterpretá-lo. Como destaca Bloch (2001) “os documentos não falam por si só, é o pesquisador quem os aborda, interpreta e procura compreender as marcas do passado que estão presentes neles”. Nessa perspectiva buscamos adentrar no universo do Grupo Escolar Domício da Gama vislumbrando a possibilidade de mapear, e de certo modo, ressignificar as práticas institucionais, o seu funcionamento interno, ou seja, a autenticidade da vida escolar.

Ao iniciarmos esse capítulo buscamos responder as seguintes indagações “Quem eram os alunos do grupo escolar?”, “Como era visto o espaço escolar por esses alunos?”, “Quais eram os ritos e as práticas desenvolvidas nessa instituição de ensino?”. Para isto, recorreremos às fontes

documentais da escola e a realização de entrevistas<sup>19</sup> com ex-alunos e ex-professoras do grupo escolar Domício da Gama nos anos de 1950.

A temática proposta buscou analisar as práticas escolares desenvolvidas no grupo, ou seja, a disciplina, noções de higiene, asseio, castigos, a figura da diretora, o espaço escolar, o tempo escolar e a representação que o grupo escolar exercia na cidade de Maricá.

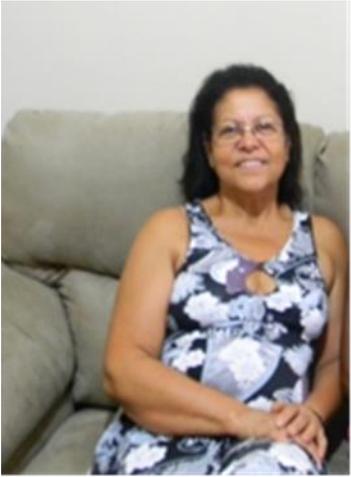
Nesse intento, analisamos alguns aspectos da cultura escolar a partir dos indícios dos documentos, das fotografias e dos depoimentos dos ex-alunos que nos permitiram reconstruir parte da relação desses sujeitos com a escola.

### 3.1.1 UM RETRATO 3X4 DOS ENTREVISTADOS

<p>MARIA PENHA DE ANDRADE</p> 	<p>A primeira entrevistada foi a ex-aluna Maria Penha de Andrade. Nascida na fazenda localizada em Bom Jardim (zona rural) da cidade de Maricá. É conhecida atualmente como tia Penha.</p> <p>Relata que estudou todo o seu primário no Grupo Escolar Domício da Gama onde todos os seus irmãos também estudaram nos anos de 1955 até 1959. Maria Penha de Andrade é professora de história lecionando no âmbito estadual no Colégio Estadual Elisiário Matta e municipal na Casa de Cultura de Maricá.</p>
<p>ANA MARIA SOUZA</p> 	<p>Ana Maria nasceu em Maricá no bairro do Flamengo. Estudou todo o seu primário no Grupo Escolar Domício da Gama relata com carinho a importância da escola na sua formação.</p> <p>Ana Maria formou-se professora primária e lecionou no âmbito estadual por 25 anos aposentando-se na década de 1990.</p>

<sup>19</sup> As entrevistas foram tomadas como mais uma fonte de pesquisa. As entrevistas constituem uma amostragem do universo escolar, nesse intento, foram realizadas com 08 ex-alunos, com a dirigente Prof<sup>a</sup> Zilca Lopes e a professora Dilza Fontoura do grupo escolar no período abarcado pela pesquisa.

À realização das entrevistas se deu de forma individual e coletiva sendo realizadas no período de maio a outubro de 2011. Traçamos um esboço das perguntas e fomos pessoalmente às residências dos entrevistados com o objetivo de estabelecer um vínculo mais afetivo e explicar-lhes a importância da participação deles na reconstrução da trajetória do grupo escolar na qual passaram parte de suas vidas.

<p>MARIA AMÉLIA COELHO</p> 	<p>Maria Amélia estudou na escola do Flamengo na sua tenra idade como faz questão de dizer.</p> <p>Foi ainda na então Escola Isolada do Flamengo no ano de 1952 que conheceu as primeiras letras. A ex- aluna fala com contentamento que toda a sua família estudou na escola que era muito bem recomendada da cidade.</p>
<p>MARLI MARIA SANTOS</p> 	<p>Marli Maria Santos nasceu em Maricá estudou no “Grupinho” como carinhosamente chama nos idos de 1956.</p> <p>Seus pais Seu Júlio e Dona Maria Antônia moravam a 500 metros da então Escola Isolada do Flamengo e sempre ouviam falar da escola como narra:</p> <p>“A escola Isolada depois o “grupinho” era tido como a melhor escola de Maricá”. Somos 5 irmãs e todas nós estudamos no Domício da Gama.</p>
<p>EUNICE COELHO</p> 	<p>Eunice Coelho fez seu curso primário no Grupo Escolar Domício da Gama. Fala com saudade sobre o espaço do grupo, um lugar visto com grande respeito e valor: “o grupo escolar era a nossa casa e a Dona Zilca uma mãe.</p> <p>Foi lá que aprendi as primeiras letras e também o lugar em que lecionei por mais de 20 anos”.</p> <p>Atualmente, Eunice Coelho ministra aula de Português no âmbito municipal.</p>

<p>CONCEIÇÃO DE ANDRADE</p> 	<p>Conceição nasceu em Maricá em 1942 filhas de agricultores do Flamengo fala com emoção sobre a escola isolada do Flamengo que depois virou Grupo Escolar Domicio da Gama.</p> <p>Dona conceição narrou que o grupo era conhecido pelo rigor e pela pomba nos desfiles municipais. Toda a minha família estudou no Domicio e nós tínhamos orgulho de usarmos o uniforme que continha as iniciais do grupo. (Entrevista concedida em: 19/10/2011).</p>
<p>CLÁUDIO BOECHAT</p> 	<p>Cláudio Boechat filho mais velho de seu Clério Boechat e de Dona Pearl White Boechat nasceu em Santo Antônio de Pádua interior do Estado do Rio de Janeiro. Veio para Maricá com sua família - missionários da Igreja Batista nos anos de 1940.</p> <p>Ingressou na então Escola Isolada do Flamengo em 1953 terminando o primário em 1959 no Grupo Escolar Domicio da Gama. Cláudio Boechat narrou o espaço da escola sem muros. Lembrou carinhosamente da dirigente Dona Zilca Lopes que conduzia com rigor o grupo escolar padrão de educação no município de Maricá. (Entrevista concedida em 12/7/2011).</p>
<p>CLÉRIO BOECHAT</p>	<p>Clério Boechat nasceu em Santo Antonio de Pádua mudou-se para o município de Maricá nos anos de 1940 com sua família. Sua mãe professora primária assumiu o cargo de auxiliar de direção do Grupo Escolar Domicio da Gama nos anos de 1950.</p>



### 3.2 O ESPAÇO ESCOLAR DO GRUPO DOMÍCIO DA GAMA

Salve! Domício da Gama  
Padrão de Grupo Escolar  
Que a nossa infância  
conclama.  
No estudo a pátria exaltar.

(Hino do Grupo Escolar - 1952).

O contexto de criação do Grupo Escolar Domício da Gama fazia parte do projeto de expansão da cultura às classes populares do município de Maricá. A criação dos grupos escolares constituiu-se como parte do processo de inovação do sistema de ensino público do país, na medida em que organizou um conjunto de práticas pedagógicas e delineou o aparecimento de novas funções no cotidiano escolar.

A divisão racionalizada do tempo e do espaço, o surgimento da figura do diretor, as questões de hierarquização do saber, a aplicabilidade dos exames de aprendizagem atuaram como características desse novo modelo de ensino chamado de escolas seriadas, graduadas ou grupos escolares. Os grupos escolares concretizaram a instauração de uma escola urbana, moderna e de melhor qualidade.

Este novo tipo de escola trazia todos os princípios fundamentais que propiciaram mudanças no ensino primário: a racionalização do ensino, a divisão do trabalho docente, a classificação dos alunos através da aplicação de

exames, da seriação, da constituição da escola como lugar e da introdução de novos procedimentos de ensino, ou seja, uma nova cultura escolar.

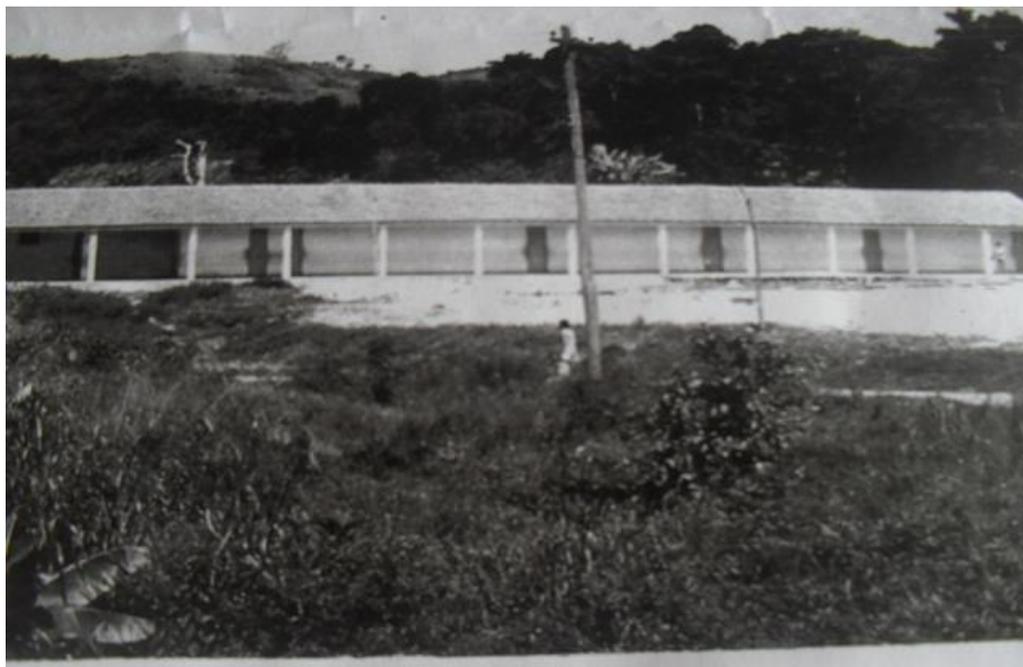
Para Souza (1998) o espaço escolar define-se da seguinte forma:

os grupos escolares foram os estabelecimentos de ensino mais representativos dessa conformação da escola como lugar. Dessa forma, os edifícios dos primeiros grupos escolares puderam sintetizar todo o projeto político atribuído à educação popular: convencer, educar, dar-se a ver! O edifício escola torna-se portador de uma identificação arquitetônica que o diferencia dos demais edifícios públicos e civis ao mesmo tempo em que o identifica como um espaço próprio - lugar específico para as atividades de ensino e do trabalho docente (Souza, 1998, p. 123).

Os grupos escolares simbolizavam na época, a imagem do progresso, de novas oportunidades para a sociedade brasileira marcada pelo estigma do analfabetismo. Nesse cenário, o espaço do Grupo Escolar Domício da Gama sintetiza o lugar do saber. Ingressar como aluno nesse “lugar social” simbolizava a possibilidade de romper com o estigma do analfabetismo, além de garantir ascensão social.

Nesse sentido, a busca pela escolarização da população, inscrevia a cidade no progresso indispensável ao seu crescimento econômico. Assim, a escola seria o espaço onde o cidadão seria instruído, civilizado, preparado para ser um trabalhador educado e ordeiro, limpo e sadio para ingressar em um novo país que crescia e se industrializava.

Nesse contexto de modernização da cidade de Maricá, o então proprietário do prédio utilizado pela Escola Isolada do Flamengo, situado à Rua Roberto Silveira S/ nº, na área rural da cidade, o senhor Jacyntho Caetano doa para que o mesmo fosse adaptado para funcionar o Grupo Escolar Domício da Gama visto como símbolo de progresso e modernização da cidade de Maricá.



Fonte: Fotografia- Antigo Prédio da Escola Isolada do Flamengo.  
Acervo: Casa de Cultura de Maricá-, Ano- 1954. Fotografo: S/i.

No ano de 1959 foram construídas novas instalações para atender a expressiva demanda de alunos. O número crescente de matrículas suscitava um maior número de salas de aulas para o atendimento da demanda surgida.

Os dados existentes nos documentos do Grupo Escolar registram pedidos sistemáticos de ampliação do número de salas de aula. Deste modo, com a reforma o prédio do grupo escolar foi ampliado, sendo construídas duas salas de aula perfazendo um total de 5 salas, um refeitório, uma biblioteca e a sala da dirigente.



Fonte: Fotografia- Prédio reformado do Grupo Escolar Domício da Gama.  
Acervo Casa de Cultura de Maricá- Ano 1960.  
Fotografo: S/i.

Os depoimentos dos ex-alunos indicam a satisfação dos alunos com as melhorias que a reforma do prédio acarretaram para a expansão da escolarização no Grupo Escolar Domício da Gama.

**Para Clério Boechat:**

“O espaço físico da escola era grande embora com poucas salas. A escola ficava em um morrinho uma espécie de “platô” . Tinham senão me engano 3 salas e uma adaptada na varanda. Posteriormente foi construído mais 2 salas no ano de 1959 para comportar a 4ª e 5ª série”.( Entrevista concedida em 12/7/2011).

**Para Cláudio Boechat:**

“Eu me lembro que a escola tinha 3 salas e bem mais tarde foram construídas duas salas lá em baixo pois os alunos estudavam na varanda numa sala improvisada. Tinha também a dependência da administração separada das salas ficava o gabinete da diretora.

A falta de sala para a 4ª e a 5ª séries foi um dos motivos que me levou a sair da escola por 1 ano e eu lamento muito porque perdi a minha professora ( Dona Clarice Gomes) antigamente as professoras acompanhavam o aluno. A reforma foi muito comemorada pelos alunos pois era um orgulho ter uma escola nova limpinha” (Entrevista concedida em 12/7/2011).

O Grupo Escolar Domício da Gama assumiu grande centralidade no município, sendo coroado pelos cidadãos maricaenses como a “melhor escola” da cidade, atuando como um espaço disseminador dos saberes fundamentais - a leitura e a escrita.

Em síntese as relações estabelecidas no novo espaço do Grupo Escolar Domício da Gama redefiniu as práticas da escola, organizando, assim, uma nova ordem social, inculcando nos corpos dos escolares atitudes que remetiam à disciplina, ao asseio e a ordem introjetando, desta maneira, formas sutis de ação que definiriam um determinado modelo de formação escolar e social.

### **3.3 SÍMBOLO DA EDUCAÇÃO MARICAENSE - A DIRETORA ZILCA LOPES DA FONTOURA**

Somos felizes! Bem mais felizes do que milhões de brasileiros que assinam documentos com o polegar direito. Eu lutei a vida toda pela educação maricaense pois não aceitava ver as crianças fora da escola. Eu tinha orgulho a cada nova matrícula realizada no grupo escolar pois minha esperança se renovava (Zilca Lopes da Fontoura- Entrevista concedida em 19/10/2011).

Com a elevação da Escola Isolada do Flamengo para a categoria de Grupo Escolar Domício da Gama ficou a cargo da então professora Zilca Lopes da Fontoura. Está permaneceu na direção do grupo escolar por quase 20 anos. A principal marca da sua gestão era a disciplina e a busca por melhorias estruturais e pedagógicas da educação maricaense.

Seu esforço foi reconhecido inúmeras vezes pela Inspetoria Ensino que em diversas ocasiões destacou seu empenho em articular as mais modernas práticas pedagógicas e disciplinares no Grupo Escolar Domício da Gama. Como mencionado nos documentos dos inspetores de ensino:

“ A abnegação da dirigente Zilca Lopes pela educação em Maricá é de grande alcance o que leva a Inspetoria louvar a ação da professora sempre dedicada e esforçada no seu trabalho docente”

“Pude constatar a eficiência de um trabalho bem equilibrado e a dedicação realizada pela dirigente do grupo Zilca Lopes que não mede esforços e sacrifícios no cumprimento do regulamento disposto pela Inspetoria de Instrução Pública (Livros de Termos,1952,p.8).



Fonte: Fotografia Dirigente Zilca Lopes.  
Acervo Pessoal- Eunice Coelho- Ano 1967. Fotografo: S/i.

As entrevistas dos ex-alunos destacaram o perfil disciplinador e a “responsabilidade cívica e patriótica” da diretora Zilca Lopes da Fontoura. Na entrevista, a dirigente destacou que: “ a disciplina era a palavra de orde na sua gestão e os seus alunos deveriam servir de exemplo para os demais alunos e cidadãos maricaense”.(Zilca Lopes da Fontoura- Entrevista concedida em 19/10/2011).

Nessa direção, como assinala Souza (1998, p.134) os grupos escolares deveriam incorporar novas funções no cotidiano da escola, sendo os diretores responsáveis por administrar a escola, organizar os procedimentos administrativos e pedagógicos, isto é, era preciso manter os professores atualizados quanto as novas práticas pedagógicas, a disciplina e a aplicação dos conteúdos de ensino trazidos das escolas normais.

Para Cláudio Boechat:

“A dona Zilca era muito severa, no entanto, era uma pessoa boa. Ela gostava muito de mim então sou suspeito, até hoje ela conta histórias ao meu respeito são histórias que eu não gosto muito mais fazer o que né? Ela era uma figura um pouco autoritária ela e a auxiliar dela Dona Pérola eram muito bravas. O colégio era muito rígido, inclusive havia quem corresse, muitos abandonavam o colégio por causa da rigidez. Eu me lembro de que alguns alunos saíam de casa e vinham para a escola de bicicleta (antigamente o deslocamento era muito grande) mais não iam para a escola por medo da rigidez. As pessoas ficavam no caminho escondidas por causa da rigidez. Mais foi bom porque ensinou”.  
(Entrevista concedida em 12/7/2011).

Para Marli Coelho:

“A dona Zilca era uma figura altamente respeitada, pois ela tinha uma postura de superiora para com o seus subalternos. Era uma relação de medo havia o medo porque ela impunha de tal forma que bastava um olhar para nós abaixarmos a cabeça.

O respeito era tamanho só em olhar já sabíamos o que tínhamos que fazer!”.  
(Entrevista concedida em 17/8/2011).

Para Clério Boechat:

“A própria diretora era muito rígida quando dona Zilca chamava um aluno no gabinete ele tremia na base”.

“Para termos uma idéia da rigidez na hora do Hino Nacional ela avisava que não queria ver ninguém se mexer todo mundo deveria permanecer em forma se um marimbondo pousasse no nariz do aluno ele tinha que deixar ser ferroadado não podia bater não. Os alunos levavam a risca a disciplina”.  
(Entrevista concedida em 12/7/2011).

Os fragmentos acima nos indicam pistas reveladoras quanto à representação da diretora e dos professores, isto é, símbolos do saber instituído. Os professores eram vistos pelos alunos como “autoridades”. Os alunos tinham por eles uma relação de respeito e medo.

Nesse cenário a figura do diretor e dos professores estava resvalada pela valorização que a sociedade atribuía a escola. Cabia aos diretores o controle sobre as práticas dos alunos, a organização da escola e o desenvolvimento de normas morais e prescrições de higiene, bem como providenciar aquilo que fosse necessário para que as instruções normativas fossem cumpridas.

No contexto do Grupo Escolar Domício da Gama a figura da diretora remete-nos a vigilância e a fiscalização dos discentes e de todo corpo escolar, no entanto, foi descrita pelos ex-alunos como uma diretora que trabalhava com afinco, zelo, obediência e decência e que acima de tudo buscava elevar os níveis de educação da cidade de Maricá.

### **3.3.1 CLIENTELA DO GRUPO ESCOLAR**

O espaço do Grupo Escolar Domício da Gama se destacou como um ambiente de educação, moralização e inculcação de valores sociais afirmando-se como um *lócus* de instrução e integração social das crianças do Município de Maricá. O Grupo Escolar contava prioritariamente com matrícula inicial de alunos com idades que variavam de sete (7) a quinze (15) anos.

Nos anos de 1950 vimos um significativo aumento de matrículas no grupo escolar, fato justificado pela visibilidade e pela função social apresentada pela escola na cidade de Maricá. Nesse sentido a primeira relação estabelecida refere-se à clientela atendida por este espaço escolar; por estar localizado na área rural da cidade de Maricá tinha em sua maioria alunos oriundos da zona rural da cidade. Como podemos ver na tabela abaixo:

**TABELA IX - BAIROS DE ORIGEM DOS ALUNOS**

Posse	Área Rural
Flamengo	Área Rural
Pedreira	Área Rural
Caju	Área Rural
Saúde	Área Rural
Bairro do Pilar	Área Rural
Ubatiba	Área Rural
Lagarto	Área Rural
Itapeba	Centro- área urbana
Praia de Araçatiba	Centro- área urbana
Cidade	Centro- área Urbana

Fonte: Livro de Registro Escolar- Acervo Colégio Estadual Domício da Gama referente aos anos de 1950 - 1959.

No entanto, ao analisarmos o livro de registro escolar vimos à presença de alunos oriundos do centro urbano - Vila de Maricá. Esse indício evidencia o “prestígio pedagógico” que o grupo escolar exercia no Município. Desta forma, a escola passou a atender a uma clientela heterogênea. Conforme os depoimentos dos ex- alunos:

Para Marli Maria:

“ A escola recebia a todos. Muita gente saía da Vila de Maricá para estudar no Domício da Gama. Não havia preconceito estudavam ricos e pobres juntos. Eu atribuo essa relação pelo fato da escola ser bem vista pela sociedade maricaense, o Grupo era uma instituição de prestígio”. (Grifo meu)(Entrevista concedida em 17/8/2011).

Para Clério Boechat:

“ Eu me lembro da calça ou bermuda de brim azul e da camisa branca com as iniciais D.G referentes ao nome do Grupo Escolar Domício da Gama no bolso para os meninos. As meninas usavam uma camisa branca com um laçarote azul e saia pregueada com sapato tipo boneca. **Os sapatos dos meninos eram chamados de alpargata e a escola disponibilizava para os alunos menos favorecidos os uniformes. A caixa escolar e a renda da escola adquirida com festas, venda de merenda era voltada para a manutenção da escola e também para auxiliar os alunos mais pobres. Todo mundo ia arrumadinho e limpinho para a escola. Era muito bacana! Eu lembro que a maioria dos meus amigos moravam na Vila de Maricá e iam estudar no grupo”** ( Entrevista concedida em 12/7/2011).(Grifos meus).



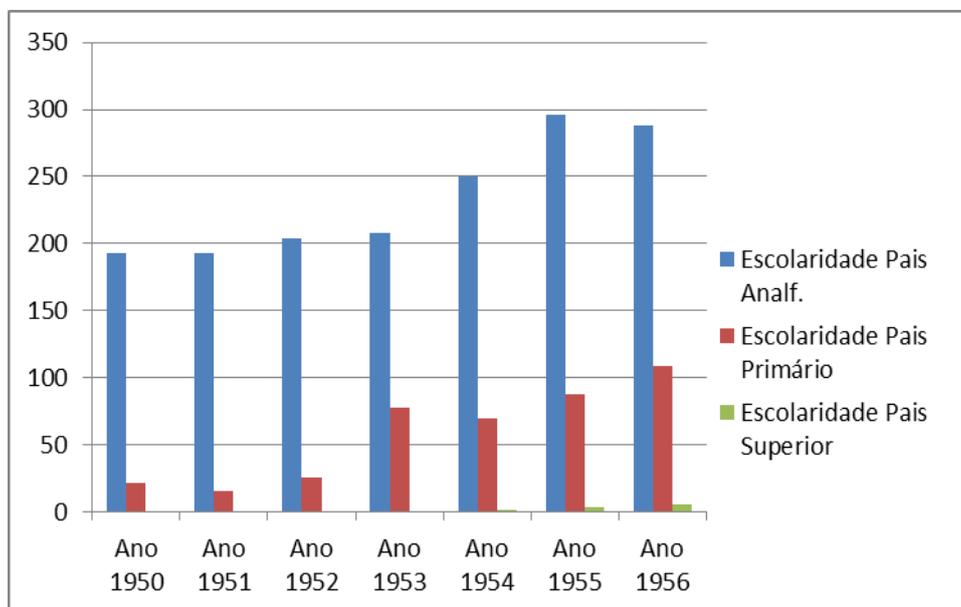
Fonte: Fotografia Alunos uniformizados – Grupo Escolar Domício da Gama.  
Acervo Pessoal Profª Zilca Lopes. Ano - S/d.  
Fotografo: S/i.

As condições socioeconômicas apresentadas pelos alunos do grupo escolar revelam que a maioria dos alunos eram oriundos de famílias de trabalhadores rurais, este fato foi considerado como propulsor da saída de muitos alunos da escola atreladas as dificuldades econômicas de deslocamento e a conseqüente manutenção dos alunos na escola.

Outro fator que contribuía para a forte evasão escolar: a baixa escolarização dos pais, aspecto que acarretava na dificuldade de adaptação das crianças na escola.

Essa relação evidencia-se no índice de escolarização dos pais constante no registro escolar do grupo e nos depoimentos dos ex-alunos:

**GRÁFICO IV - ÍNDICE DE ESCOLARIDADE DOS PAIS**



Fonte: Livro de Termos do Grupo Escolar Domício da Gama – Ano 1950.

Para Clério Boechat:

“Muitos colegas meus não permaneciam na escola pois tinham que ajudar o pai na lavoura. E além de trabalharem não conseguiam cumprir com as exigências do grupo escolar que tinha um ensino muito puxado”.  
(Entrevista Concedida em 12/7/2011).

Para Ana Maria:

“Eu estudei no grupo escolar com muita dificuldade. Eu e minhas irmãs frequentamos a escola por cerca de 2 anos pois tínhamos que ajudar em casa minha mãe lavava roupa e a nós ajudávamos lavando e cuidado dos afazeres domésticos”(Entrevista Concedida em: 17/8/2011).

A análise do gráfico referente ao índice de escolarização dos pais dos alunos do grupo escolar, remete-nos a algumas interpretações, ou seja, a necessidade de escolarizar as novas gerações, sendo necessário um

significativo esforço para romper com os altos níveis de analfabetismo vigente na cidade de Maricá que nos anos de 1950 atingia mais de 70% da população.

### **3.4 AMOR À PÁTRIA FESTEJOS CÍVICOS E DATAS COMEMORATIVAS NO GRUPO ESCOLAR DOMÍCIO DA GAMA**

A história dos grupos escolares inferiu na modernização das práticas educativas, como destaca Souza (1998) os grupos escolares se afirmaram como um dos principais veículos de divulgação dos valores republicanos.

Nesse tocante era preciso torná-los evidentes, exibi-los e soleniza-los, nesse cenário de visibilizar o novo sistema escolar, as festas e as cerimônias escolares configuraram-se como um ritual de apresentação do tempo escolar, bem como, da consolidação da identidade do novo sistema escolar.

As festas cívicas buscavam alargar o sentimento patriótico e consagrar valores como: o culto à pátria, à escola, à ordem social vigente, à moral e aos bons costumes. Souza (1998) evidencia que as festas escolares eram momentos da escola se abrir para a cidade:

[...] constituíram momentos especiais na vida da escola pelos quais ela ganhava ainda maior visibilidade social e reforçava sentidos culturais compartilhados. Elas podem ser vistas como práticas simbólicas que, no universo escolar, tornaram-se uma expressão do imaginário sociopolítico da República. ( Souza, 1998, p.241).

No grupo escolar Domício da Gama a questão patriótica e a ênfase no civismo não eram diferentes. Nesse sentido ao se aproximar das datas cívicas havia uma programação especial. Os desfiles cívicos do dia 26 de maio<sup>19</sup> promoviam a aproximação da população com a escola afirmando-se como o lugar propagador de normas e valores sociais.

Veiga (2000) destaca que as festas escolares, cívicas ou não, foram pensadas dentro da relação da cultura nacional e da educação estética, como um momento de manifestação máxima de emoções. Isto é, a cidade comemorando com a escola a possibilidade da existência de uma identidade nacional única.



Fonte- Fotografia- Pelotão de alunos do Grupo Escolar Domício da Gama.  
Acervo Pessoal Cláudio Boechat - Ano1956. Fotografo: S/í.

No cenário do Grupo Escolar Domício da Gama havia uma grande expectativa e mobilização dos cidadãos e políticos maricaenses para assistirem aos desfiles escolares, no qual o Grupo Escolar Domício da Gama apresentava-se como uma instituição modelar motivo de orgulho para a população maricaense. Nas datas comemorativas os alunos utilizavam uniformes de gala impecáveis dispendo-se perfilados em ordem.

Outro momento festivo para o grupo era o recebimento de visitas ilustres, isto é, políticos e autoridades onde os alunos faziam apresentações, recitavam versos, declamações e prestavam homenagens.

Neste aspecto, os festejos confirmavam a importância da escola entre pais, alunos e professores e também perante a população como um todo. Ao perguntarmos aos nossos entrevistados sobre as lembranças da escola, a grande maioria relatou sobre o nacionalismo, o amor e respeito à pátria enfatizados no espaço escolar.

Para Maria Penha:

**“Quando o Domício da Gama adentrava no centro da cidade já tinha uma multidão esperando o Grupo Escolar Domício da Gama, soltavam-se foguetões.** Dona Zilca preparava tudo ela conseguia donativos com todos os comerciantes e políticos para fazer o desfile de Maricá. O senhor Jacyntho Caetano dono da empresa de transportes, seu Pedro Pereira dono de loja, taxistas que naquela época tinham uma posição

privilegiada, e os comerciantes da Rua Direita ajudavam como podiam. Eu lembro que eu ia abrindo o desfile de bicicleta.

O cabo Paixão não pode ser esquecido quando falarmos dos desfiles, pois era ele quem treinava os alunos para a apresentação cívica

**Quando vinha algum político à Maricá como Miguel Couto, Getúlio Moura entre outros eram os alunos Grupo Escolar que recebiam. Dona Zilca arrumava um grupo de alunos para ir até a Prefeitura de Maricá receber com festa e orgulho.**

**A importância do Grupo Escolar mesmo estando numa localidade rural era tamanha”.( Entrevista concedida em: 17/8/2011) - (Grifos meus).**

Alunos relataram também sobre o civismo. Esses depoimentos chamaram nossa atenção pelo sentimento e envolvimento dos discentes e de toda comunidade escolar referente às datas cívicas.

Para Marli Santos:

**“Quando se aproxima o mês de maio cantávamos o hino de Maricá – Luar de Maricá, pois no dia 26 de maio comemorávamos o aniversário da cidade.** Para o desfile havia todo um preparo o cabo Paixão ensaiava todo mundo para marcharmos com perfeição como um soldado. Tínhamos que estar impecáveis!

“Tinha que ser muito ensaiado para não fazer feio no dia 26 fizesse chuva ou sol os alunos vinham até o centro para desfilar”.(Entrevista Concedida em: 17/8/2011).(Grifos meus).

Para Cláudio Boechat:

“Na época dos desfiles vinham os militares desfilar com os alunos. Lembrome do cabo Paixão que nos ensinava, nos ajudava com o treinamento. Ele era muito rigoroso brigava muito e na época do desfile ele trazia alguns soldados da polícia militar de Niterói que tocavam tarol, tambor e clarim”. Naquela época nós tínhamos que marchar até o final, a escola chamava o policial o cabo Paixão que treinava os pelotões para no dia fazer um bom desfile.

Era um ensinamento parecido com o de um quartel. Os alunos vinham marchando do Flamengo até o Centro de Maricá”. (Entrevista com cedida em 12/7/2011).

Para Clério Boechat:

“A escola passava para nós o sentido patriótico os heróis da pátria eram lembrados e nós aprendíamos as músicas que representavam a pátria. Os heróis eram citados, lembrados e homenageados.Naquela época o colégio passava para nós os heróis da pátria nos dias de 7 de Setembro, 21 de Abril, Dia da Bandeira entre outros” . (Entrevista com cedida em 12/7/2011).

As festas escolares não se resumiam as comemorações das datas cívicas oficiais. No Grupo Escolar Domício da Gama os documentos analisados sinalizam para a realização de outras datas comemorativas, ou seja, as festas

que atuavam como um espaço de formação, na medida em que se constituíam como locais de apropriação de conteúdos, valores, normas e laços de solidariedade.

**TABELA X- DATAS CÍVICAS E FESTEJOS  
DO GRUPO ESCOLAR DOMÍCIO DA GAMA**

Dia 21 de abril
Dia da bandeira
Dia 26 de maio aniversário do Maricá
Parada de 7 de setembro
Dia 15 de Novembro
Festas juninas
Festas de formatura

Fonte: Diário Escolar referente aos anos de 1950-1955.

As festas juninas realizadas no grupo escolar configuravam-se como um espaço de aproximação de toda comunidade escolar. As festas foram narradas como um momento muito especial pelos ex-alunos principalmente pela alegria e envolvimento de pais, alunos e professores como indicam as narrativas abaixo:

Para Maria Penha:

Eu era a noiva todo ano me colocavam de noiva. Era muito lindo eu casava sempre com os sobrinhos dela - (dona Zilca) não sei da onde tiravam um vestido longo e branco que era lindíssimo. Eu me arrumava toda fazia Maria Chiquinha e me pintava.  
Havia um grande envolvimento dos pais que levavam caixas de batata doce, caixa de aipim e garrotes para o leilão da festa junina do grupo escolar. (Entrevista concedida em: 17/8/2011).

Para Marli Santos:

“Outro momento que eu gostava muito era as festas juninas, onde nós ensaiávamos quadrilha para o casamento na roça. As festas populares do grupo eram comentadas e tidas como uma das melhores de Maricá”. (Entrevista concedida: 17/8/2011).



Fonte: Fotografia Festa Junina do Grupo Escolar Domício da Gama.  
Acervo Pessoal Maria Penha - Ano 1957. Fotografo: S/i.

Outro momento festivo recorrente nas entrevistas refere-se às exposições e formaturas com entrega do livro para os alunos alfabetizados realizadas no final do ano letivo.



Fonte: Fotografia de Entrega do Livro. Acervo Pessoal Cláudio Boechat.  
Ano-1958. Fotografo: S/i

Ainda, para Marli Santos:

“Outra lembrança que tenho é sobre as Exposições de Final de Ano. A exposição do final de ano era linda os trabalhos dos alunos eram expostos. Eu bordei várias saias em vagonite para as professores. Era a parte que mais gostava do colégio. As festas de formatura e entrega do livro também eram magníficas.

Os pais iam a escola para ver os trabalhos manuais e as provas dos filhos”.(Entrevista concedida em: 17/8/2011).

E para Maria Penha:

Sobre a disciplina trabalhos manuais, havia no Grupo Escolar uma sala que ficava sob responsabilidade da professora Lora mãe do nosso vereador Castor. Ela sabia fazer de tudo: bordados vazados, ponto cruz, corte e costura, então as meninas eram escolhidas fazia-se uma pré-seleção das meninas que iriam ser alunas de tais cursos.

**Eu sempre fui muito habilidosa, no final do ano havia uma exposição, onde se colocavam todos os trabalhos das meninas e dos meninos para apreciação da comunidade.**

(Entrevista concedida em: 17/8/2011) - (Grifos meus).

As festas de formatura marcavam um tempo especial no ambiente escolar, pois era a consolidação da força da escolarização moderna. Tratava-se de um rito de passagem para condição de alfabetizado nível tão sonhado pela grande parte da população brasileira. Traduzia-se assim, em uma grande conquista social, na medida em que, escolarizar-se constituía-se como condição primordial para ascender socialmente.

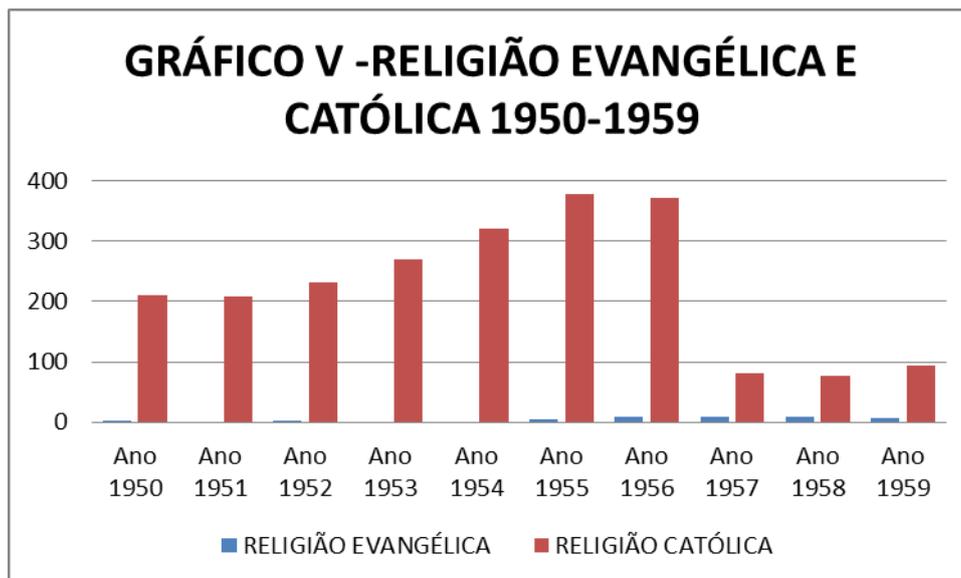
Os registros iconográficos ao qual tivemos acesso também destacam a importância dada as Festas de 1ª Comunhão realizadas no grupo escolar. Este fato, ressalta que religião católica sempre foi marcante no Grupo Escolar Domício da Gama. Segundo os ex- alunos a religiosidade era muito acentuada e a obediência às autoridades religiosas também. Essa relação fica clara nos percentuais de alunos católicos e evangélicos evidenciados nos livro de registro escolar.



Fonte: Fotografia Comemoração da 1ª Comunhão alunos do Grupo Escolar Domício da Gama.

Acervo Casa de Cultura de Maricá- Ano 1955.

Fotografo: S/i.



Fonte- Livro de Registro Escolar- Ano de 1950- 1959. Referente aos anos de 1950-1959.

O gráfico acima evidencia o expressivo contingente de alunos que professavam o catolicismo. No depoimento da ex- professora do grupo escolar Dona - Dilza Fontoura: “O povo da cidade era muito católico e, assim, os professores da escola seguiam a religião e ensinavam aos alunos os preceitos do catolicismo. Era comum rezarmos missas na escola e festas de 1ª comunhão nós enfeitávamos a varanda da escola e os alunos vinham todos de branco. É muito emocionante lembrar isso”.(Entrevista concedida em: 20/2/2012).

### 3.5 O SOAR DO SINAL: A MARCAÇÃO DO TEMPO ESCOLAR

Um dos instrumentos usados no exercício do controle dos grupos escolares era a rigidez no cumprimento dos horários, sendo a pontualidade um requisito primordial no cotidiano escolar. Segundo os entrevistados aquele que chegasse atrasado sofria sanções.

Na configuração modelar dos grupos o tempo escolar era marcado pela disciplina e pela normatização exercida no corpo do sujeito escolar, sendo uma das marcas da civilidade da disciplinarização e do controle dos corpos dos escolares.

Nesse sentido o soar do sinal figurou um outro evocador das práticas escolares, no cenário do Grupo Escolar Domício da Gama, a gestão do tempo escolar estava atrelada ao soar do sinal que indicava mais um dia de aula como se recorda a aluna Marli Santos: “Todos os dias escutava o soar do sinal pontualmente tocado às 7.30 da manhã e às 12:30”.(Entrevista concedida em 17/8/2011).

Souza (1998, p. 85) analisa o tempo escolar com como expressão do tempo social e da disciplina: “respeitar horários e cumpri-los cada coisa no seu tempo certo marcam o processo de institucionalização e racionalização da escola moderna”.

Essa questão é evidenciada no depoimento da ex-aluna Marli Santos:

“Todos os dias nós formávamos perfilados série por série era muito rígido. Aquele que chegasse atrasado tinha que parar e ficar em posição de sentido. Chegando na área da escola ele tinha que a pasta no chão e ficar escutando o hino. Lá de cima diretora dona Zilca estava olhando e se o aluno não ficasse em posição de sentido era chamado atenção. Eu lembro que tinha muito medo! É a questão do medo e do respeito. Eu chegava antes do hino ou depois, pois tinha medo de ter que ficar lá embaixo até o hino acabar. Quando eu me atrasava eu chorava muito”. (Entrevista concedida em: 17/8/2011).

A escola passa a atuar como um mecanismo de controle dos corpos, e nesse sentido a prática escolar do castigo evidencia a organização do corpo no processo de escolarização.

Como destaca Santos (2011, p.4) o rigor das escolas e a racionalização do tempo e do espaço eram atribuições que já vinham sendo despertadas nos quartéis e prisões, mas tardiamente chegavam às escolas primárias com a inserção dos grupos escolares. Era preciso domar os sujeitos e banir os maus costumes, criando corpos dóceis que se moldavam aos sons das sinetas e ao comando dos professores.

As práticas disciplinares foram prescritas na direção dos castigos morais, da exposição, do vexame público, da formação do sentimento de vergonha, acompanhando outros rituais e costumes presentes na sociedade. A disciplina escolar teve origem na disciplina eclesiástica ou religiosa que tinha por objetivo depurar os pecados humanos.

Nesse aspecto o castigo atuava como uma correção, uma benesse pedagógica que contribuía no processo de aprendizagem da criança. Como

afirma Del Priore (2000, p.21) que o castigo não era apenas exemplar, mas também pedagógico aqueles que se negavam a participar do processo doutrinal sofriam corretivos e castigos físicos.

Os depoimentos dos ex-alunos descrevem as práticas disciplinares efetuadas no grupo escolar como ações necessárias para conter, controlar e moldar os alunos que apresentavam um comportamento “desviante”. Os castigos físicos e as humilhações remetem a função de reduzir os desvios, sendo essencialmente atos correccionais que visam sempre à restauração da ordem.

Para Maria Amélia Coelho:

“A disciplina pregada no Grupo ajudou muito na minha formação e na formação de muita gente. Não tinha aquela liberdade aluno e professor e nós não éramos vistos num patamar de igualdade. Os alunos só falavam se houvesse o consentimento do professor e realmente havia uma distância grande do aluno para o professor.

Para irmos ao banheiro tínhamos que levantar a mão e esperar a ordem da professora, nas aulas imperava o silêncio.

A dinâmica das aulas era pautada no silêncio e no respeito, onde os alunos não podiam conversar, somente quando fosse solicitado.

Havia muito castigo. Eu fiquei de castigo uma vez, pois a professora achou que eu discriminei um aluno. O nome dele era João Miguel ele era bem “queimadinho” e ela achou que eu fiz beicinho para ele. A dona Pérola diretora auxiliar me botou de castigo porque eu desfiz do colega João Miguel. Então Dona Pérola falou:

**Maria Amélia vai para o castigo!**

**O castigo era ficar atrás do quadro negro e eu passei debaixo do quadro e fiquei de frente para a parede olhando para a quina da parede. Era humilhante!**

**Eu passei a aula toda atrás do quadro negro. Isso é para você ver como era o respeito, as professoras se impunham em sala e o que elas determinassem era lei.**

Mais eu sei que ela fez isso para o meu bem”. (Entrevista Concedida em: 17/8/2011) -(Grifos meus).

Para Clério Boechat:

**“Eu me lembro que havia um rigor imenso a régua batia na mesa com muita força pedindo silêncio. E nós tínhamos medo dos professores não era respeito não era medo mesmo, então o rigor era grande e a disciplina muito rígida.** Antigamente era assim se fizesse alguma coisa que desagradasse o professor na certa perdia o recreio, só não perdia a merenda mas o recreio perdia comia a merenda em sala. A escola era muito falada no município e muito bem conceituada na época com professoras tidas como rigorosas e exemplares como Dona Zilca, a minha mãe Pérola Boechat, dona Clarice e dona Loura. (Entrevista Concedida em: 12/7/2011) – (Grifos meus).

Para Cláudio Boechat:

**“As professoras eram muito rígidas até porque o professor que não fosse rígido não era bem visto pela sociedade. O pai chegava na escola e exigia que castigasse o filho . A própria diretora era muito rígida e quando dona Zilca chamava um aluno no gabinete ele tremia na base”** (Entrevista concedida em: 12/7/2011) - (Grifos meus).

Deste modo, o castigo era visto como um elemento punitivo ao mesmo tempo em que exercia uma função educativa, na medida em que, servia para implantar modelos de comportamentos moldando e controlando os comportamentos considerados desviantes. Sendo assim, a disciplina configura-se como a ação de um poder que atua na prescrição de normas e de regras visando à manutenção de uma ordem, sendo a utilização dos castigos corporais a expressão máxima de sujeição e controle do corpo.

Os modelos escolares apresentados pelos grupos estavam alicerçados na perspectiva higiênica e profilática, isto é, a inculcação dos preceitos higiênicos correspondia à configuração de um poder disciplinar que visava aplicar mecanismos de moralização, higienização e civilização dos costumes dos alunos.

Na organização dos grupos escolares a questão da higiene e do asseio era vista como primordial, na medida em que, a escola passou a ocupar certa centralidade no processo de modernização e de melhoramento da vida dos brasileiros: “desde as instalações físicas, mobiliário, organização e seleção de métodos de ensino e material pedagógico até a preservação da saúde do aluno e da comunidade escolar”

Nesse aspecto a importância dada aos prédios escolares e ao mobiliário escolar indicavam a presença da higiene no processo de escolarização. Desse modo Gondra (2000) destaca que a entrada da medicina na escola se constituiu como uma estratégia estatal para inculcar hábitos modernos, higiênicos e salubres nos educandos.

A medicina deveria penetrar na sociedade, incorporando o meio urbano como alvo de sua reflexão e de sua prática, e o de que deveria constituir como apoio indispensável ao exercício de poder por parte do Estado (...) na expansão da medicina, a escola não é esquecida nem a educação de um modo mais geral, pois, para formar as novas gerações seria necessário uma intervenção não apenas no espaço público da escola, mas, também no espaço privado da casa (Gondra, 2000, p. 525).

A necessidade de civilizar o país passava pela composição de um projeto de intervenção médico sanitário, onde se observa, então, a preocupação dos intelectuais em promover iniciativas de intervenção sobre as famílias, às escolas e o meio social.

Segundo Bosi (1994, p.431) “lembrança puxa lembrança” as entrevistas dos ex-alunos reconstituíram as práticas da higiene e do asseio no grupo escolar:

Para Maria Penha:

“Havia uma grande preocupação em se controlar epidemias através da observação dos professores, que vigiavam a higiene das crianças. Outra coisa cada um tinha seu copo, sabe aqueles copos que fecha e fica pequenininho cada um tinha seu copo não havia caneca para todo mundo, isso já era uma maneira de higienizar os alunos. Cada um tinha uma cor para identificar e não perder o meu era vermelho e o da minha irmã azul. O banheiro era enorme com vários vasos a porta era estreitinha ficava aberta e as meninas iam em dupla um cuidado da diretora Zilca Lopes”.(Entrevista concedida em:17/8/2011).

Para Clério Boechat:

“Naquela época tinha muito piolho então a inspeção era muito grande. Os alunos chegavam e em determinado momento eram tirados da sala de aula, sendo levados normalmente para o gabinete da direção, onde a professora fiscalizava e se achasse alguma coisa tirava do grupo e comunicava aos pais. Era comum os alunos serem chamados atenção pelo uniforme sujo ou rasgado cheguei a ver isso em sala”.(Entrevista concedida em:12/7/2011).

Para Cláudio Boechat:

“Havia realmente um asseio e higiene muito grande. Era uma época em que se tinha muitas doenças no Brasil e nesse sentido havia muitas campanhas higienistas para combater várias doenças como: tuberculose, malária entre outras. E a cidade de Maricá ficava em uma área problemática, nesse aspecto, o que cabia a escola era feito. As professoras orientavam para tomar banho, catar piolho, lavar as mãos e escovar os dentes. Todo mundo ia de cabelos cortados e arrumados tinha um corte de cabelo famoso na época chamado príncipe Danilo”.(Entrevista concedida em 12/7/2011).

Era dever da escola enfatizar os hábitos de asseio e de ordem, dessa forma, a escola era socialmente entendida como um lugar higienizado que legava aos alunos e a sociedade em geral as marcas da civilidade.

Nessa perspectiva, a escola deveria ensinar bons hábitos de saúde aos alunos, como exercícios ao ar livre, boas maneiras, atendimento dentário e

complementação alimentar, isto é, tornar o lugar adequado para as intervenções da medicina social, na medida em que, inculcava novos hábitos e costumes mediante a higienização escolar.



Fonte- Fotografia Atendimento médico.  
Acervo Casa de Cultura de Maricá- Ano 1959. Fotografo: S/i.

O asseio, a higiene e as vistorias feitas no interior do Grupo escolar Domício da Gama mostram-nos as pistas das prescrições higiênicas realizadas pela escola, uma vez que, a escola primária se configurou como principal foco de ação da higiene e da profilaxia.

Nesse cenário a educação do corpo era primordial para o desenvolvimento de hábitos sociais da criança atrelada a um melhor aproveitamento escolar. Sendo assim, era necessário condicionar um aparato com noções higiênicas no interior da escola que se transportasse para o dia a dia das crianças.

Vimos à incorporação desses cuidados com a higiene pessoal dos alunos na limpeza exigida, no corte de cabelo, na instituição dos copos individuais, no controle do piolho, no controle das cáries dentárias e nas campanhas de vacinação realizada pela escola.

Ao analisarmos a documentação do grupo escolar Domício da Gama notamos grande preocupação com a higiene escolar. Em vários relatórios

vimos o requerimento feito pela diretora do grupo escolar acerca da necessidade de conserto da bomba de água para a manutenção da higiene da escola, bem como, do aproveitamento escolar dos alunos.



Fonte- Fotografia Atendimento Dentário.  
Acervo Casa de Cultura de Maricá- Ano 1959.Fotografo: S/i.

Nesse cenário vimos que a medicina social era indispensável à prática educativa:

um amplo espectro de questões vinculadas à escola, tais como o problema da localização dos edifícios escolares, da necessidade de uma edificação própria e apropriada para funcionar como escola, do ingresso dos alunos, do tempo e dos saberes escolares, da alimentação, do sono, do banho, das roupas, dos recreios, da ginástica, das percepções, da inteligência, da moral e, inclusive, das excreções corporais. (Gondra, 2000, p. 527).

A ênfase no discurso civilizatório incidiu na implementação de um projeto de educação higiênica atrelada a perspectiva de regenerar a sociedade da miséria, da insalubridade, ou seja, características nocivas ao meio social. Havia uma necessidade de mobilização da sociedade frente às epidemias, ou seja, implementar uma verdadeira cruzada higiênica que mobilizou médicos, educadores, engenheiros e todos aqueles ligados com a escolarização pública.

Nessa perspectiva o cuidado com a higiene e com o asseio do corpo cumpria uma rotina educativa no cotidiano reforçando assim, o projeto pedagógico sistematizado pelos grupos escolares, isto é, a ênfase na disseminação de uma educação higiênica e sanitarista fortemente arraigada por essa modalidade escolar.

A análise da trajetória do Grupo Escolar Domício da Gama apontam para a expansão da escolarização na cidade de Maricá, articulada a um projeto estratégico de propagação dos ideais republicanos de progresso e civilidade em curso no Brasil da década de 1950.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Entendemos as considerações finais como parte do processo de estruturação de um texto, no entanto gostaríamos de esclarecer que a presente pesquisa não se encerra aqui, cabe ressaltar que a história da educação maricaense dispõe de inúmeros achados a serem pesquisados posteriormente.

No âmbito desse estudo nos debruçamos na investigação sobre a criação do primeiro Grupo Escolar da cidade de Maricá na década de 1950, pelo decreto lei Nº 4.678 de 25 de março de 1954 e a partir dessa análise buscamos entender o processo de expansão do ensino na cidade aliado às novas práticas pedagógicas, aos dispositivos disciplinares e normativos praticados no cotidiano escolar do grupo

Buscamos alinhar nossa pesquisa partindo da sistematização da constituição dos grupos escolares no Brasil. Como sinaliza Souza (1998):

Os grupos escolares foram considerados o tipo de escola que melhor atendia às necessidades de difusão do ensino primário, portanto o meio mais eficaz para a produção da educação popular, especialmente nos núcleos urbanos, os grupos consistiram em escolas modelares onde era ministrado o ensino primário completo baseado em um programa de ensino enriquecido. Por último, essa modalidade de escola primária implicou em uma nova concepção arquitetônica, assim por mais ou menos sete décadas, os grupos escolares constituíram o modelo preponderante de escola primária no Brasil.(Souza,1998,p.18).

Nesse intento para fundamentarmos a nossa investigação sobre o cenário do Grupo Escolar Domício da Gama mapeamos a criação dessas instituições modelares no Brasil nos anos de 1890 como expressão de modernidade, civilidade e progresso do país.

Embora o grupo tenha funcionado em condições estruturais precárias configurou-se como um importante símbolo da educação maricaense, tendo em vista que a sua trajetória estava alinhada ao processo de modernização da cidade de Maricá. Nesse sentido destacamos a expressão visível do

processos de urbanização mediado pela escolarização da respectiva cidade fica explícito pelo desenvolvimento citadino, isto é, uma cidade que se higieniza, organiza alcançando assim o “status” da modernidade.

Os anos de 1950 se caracterizaram pela necessidade de romper com o estigma do analfabetismo que atingia mais de 70 % da população segundo dados do IBGE a população maricaense em 1950 era de 18.976 habitantes, no entanto somente 5.189 dominavam a leitura e a escrita. A partir da década de 1950, o processo de urbanização da cidade se acelerou em todas as direções, com loteamentos, estrutura pública, asfaltamento de rodovias, transporte coletivo, saneamento básico, escolas e cinema medidas que impulsionaram a organização do espaço urbano da cidade de Maricá.

É pertinente lembrar ainda que, a influência de pensamentos veiculados nacionalmente pôde ser localmente sentida, tendo em vista que o grupo escolar figurou como uma "instituição de referência" pedagógica no que refere-se à difusão de ideais educativos, vastamente difundidos no âmbito da Inspeção de Instrução pública que delineava a ação do grupo escolar na cidade de Maricá como um espaço de promoção da escolarização, da civilização, da ordem e do progresso.

Um dos aspectos que nos chamou a atenção foi à questão de como a escola era estruturada e organizada, mediante a análise documental reconstruímos alguns aspectos da cultura escolar sendo possível perceber os traços das práticas pedagógicas desenvolvidas no grupo, isto é, as exposições, as aulas-passeio, a ênfase na disciplina e na ordem vinculadas à pedagogia moderna.

Outra questão que merece destaque refere-se a forte presença dos valores patrióticos visualizado nas paradas militares e nos desfiles cívicos realizados pelo grupo escolar.

Os desfiles cívicos era um momento muito bem organizado, conforme os depoimentos:

“era uma festa todos esperavam para ver o grupo escolar Domicio da Gama desfilar pelas ruas da cidade”.(Maria Penha- Entrevista Concedida em 17/8/2011).

“Soltavam foguetões quando o grupo entrava na avenida central,nós marchávamos com alegria do Flamengo até a vila”.(Marli Santos- Entrevista concedida em 17/8/2011).

A referência feita as “exposições” ocorridas no final do ano letivo sinalizam um momento de interlocução de professores e alunos, no que refere-se a divulgação de seus trabalhos, ou melhor, para demonstrar aos que ali iam parte do que se ensinava e se aprendia naquela instituição

Outro fator importante refere-se à acessibilidade dos alunos no grupo escolar, no período estudado houve um aumento extremamente significativo do número de matrículas, isto é , o Grupo Escolar Domício da Gama atuou como um importante lócus de expansão do saber. Cabe ressaltar, que no desenvolver da pesquisa não foi possível acompanhar as trajetórias individuais dos alunos mais diante dos índices de acesso e permanência fica evidente que a maior parte dos alunos não terminaram seus estudos, este fato foi fortemente enfatizado pela falta de condições dos alunos mais pobres de permanecerem no ambiente escolar.

Finalmente, através do material levantado, e da riqueza encontrada no acervo do atual Colégio Estadual Domício da Gama foi possível identificar aspectos que destacam a escola como um espaço social privilegiado, e na medida em que analisávamos as fontes documentais, as iconografias e as entrevistas pudemos revisitar os momentos de aprendizagem de conteúdos, de valores, de normas e comportamentos aos quais eram submetidos os alunos do grupo escolar.

Em síntese a presente pesquisa permitiu-nos perceber que o Grupo Escolar Domício da Gama contribuiu significativamente para apresentar os aspectos e as necessidades da vida moderna, na medida em que, se configurou como um espaço formador dos cidadãos maricaenses.

## BIBLIOGRAFIA

AZEVEDO, Fernando de. Introdução ao Manifesto de 1932. In: MAGALDI, Ana Maria; GONDRA, José G. (Orgs.). *A Reorganização do Campo Educacional no Brasil: manifestações, manifestos e manifestantes*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2003.

BRASIL. *Enciclopédia dos Municípios Brasileiros*. Rio de Janeiro, IBGE, 1959.

BRASIL. *IBGE Cidades*. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/>> Acesso em: 13.08.2010.

BRASIL. *Mapas Interativos*. Disponível em: <http://mapas.ibge.gov.br/>. Secretaria Geral de Planejamento Estudos Socioeconômicos dos Municípios do Rio de Janeiro Disponível em: <http://www.inepac.rj.gov.br/arquivos/Marica.pdf>. Acesso 10.05.2011.

BRASIL. Constituição Brasileira de 1934. Disponível [www.planalto.gov.br/ccivil.../constituicao/Constituicao](http://www.planalto.gov.br/ccivil.../constituicao/Constituicao) . Acesso em: 13.08.2010.

BRASIL. *Manifesto dos Pioneiros da Educação*. Disponível em: <http://www.pedagogiaemfoco.pro.br/heb07a.html>. Acesso: 03.06.2010.

BRASIL. *Manifesto dos Educadores: mais uma vez convocados*. Disponível em: [www.pedagogiaemfoco.pro.br/Manifesto59.pdf](http://www.pedagogiaemfoco.pro.br/Manifesto59.pdf). Acesso 24.09.2011.

BRASIL. *Educação nas Mensagens Presidenciais - 1890-1986*. MEC-INEP.

BEIRITH, Ângela. *As escolas isoladas de Florianópolis no contexto da regulamentação do ensino primário (1946-1956)*. Revista Linhas, Florianópolis, v. 10, nº. 02, jul. / dez. 2009. Disponível em: <http://www.periodicos.udesc.br/index.php/linhas/article/viewFile/1415/1473> Acesso:14.07.2011.

BENCOSTTA, Marcus Levy (org.) *Culturas escolares, saberes e práticas educativas: itinerários históricos*. São Paulo: Cortez, 2006.

BENJAMIN, Walter. *Magia e Técnica, Arte e Política: Obras escolhidas*. Vol.1.Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BOSI, Ecléa. *A pesquisa em memória social*. Psicologia USP. São Paulo, nº.1, 1994.

\_\_\_\_\_. *Memória e sociedade: Lembrança de Velhos*. São Paulo: T. A Queiroz: EDUSP/SP, 1987.

BERTUCCI, Liane Maria. *Saúde: arma revolucionária*. São Paulo-1891/1925. Campinas : Centro de Memória – Unicamp, 1997.

BRUM, Cezar. *Contando a história de Maricá*. Maricá, Rio de Janeiro: GBN Designer's, 2004.

BLOCH, MARC. *Apologia da História- O ofício do Historiador*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar. 2001

CAMARA, Sônia; BARROS, Raphael. *Por um projeto escolar modelar: a constituição dos grupos escolares no Distrito Federal em finais do século XIX*. In: VIDAL, Diana (org). *Grupos Escolares cultura escolar primária e escolarização da infância no Brasil*. Campinas: Mercado das Letras, 2006.

CAMARA, Sônia. *Sob a Guarda da República - A infância menorizada no Rio de Janeiro da década de 1920*. Rio de Janeiro: Quartet, 1ª ed. – 2010.

CARVALHO, Marta. *Molde nacional e fôrma cívica: higiene, moral e trabalho no projeto da Associação Brasileira de Educação (1924-1931)*.Bragança Paulista: EDUSF,1998.

\_\_\_\_\_. *Uma biblioteca pedagógica francesa para a Escola Normal de São Paulo (1882): Livros de formação profissional e circulação de modelos*

*culturais*. In: BENCOSTTA, Marcus L. A. (Org.) *Culturas escolares, saberes e práticas educativas*. São Paulo: Cortez, 2007

CARVALHO, José M. de. *A Formação das Almas: o imaginário da República no Brasil*. Rio de Janeiro: Cia. das Letras, 1990.

CERTEAU, Michel de, *A Invenção do Cotidiano: 1. Artes de Fazer*. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Tradução Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, Lar e Botequim*. Campinas: Editora da Unicamp, 2000.

\_\_\_\_\_. *Cidade febril*. São Paulo: Cia. das Letras, 1996.

DEL PRIORE, Maria. (Org). *Revisão do Paraíso: os brasileiros e o Estado em 500*

*anos de história*. Rio de Janeiro: Campus, 2000.

\_\_\_\_\_. *O cotidiano livre da criança livre no Brasil*. In: *História das Crianças no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2000.

ELIAS, Norbert. *Os Alemães: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX*. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro : Jorge Zahar , 1997.

\_\_\_\_\_. *O Processo Civilizador: uma história dos costumes*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

EZPELETA, Justa; ROCKWELL, Elsie. *Pesquisa Participante*. 2ª ed. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1989.

ESCOLANO, AUGUSTÍN. *A Arquitetura como programa. Espaço Escola e Currículo*. In VINÃO FRAGO, Antonio. *Currículo, espaço e subjetividade: a arquitetura escolar como programa*. Rio de Janeiro. DP&A, 2001.

FARIA FILHO, Luciano; VIDAL, Diana. *Os tempos e os espaços escolares no processo de institucionalização da escola primária no Brasil*. *Revista Brasileira de Educação* , Campinas: Autores Associados, n.º14, 2000.

\_\_\_\_\_. *Dos pardieiros aos palácios: cultura escolar e urbana em Belo Horizonte na Primeira República*. Passo Fundo: UPF, 2000.

\_\_\_\_\_. *500 anos de educação no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: história da violência nas prisões*. Petrópolis, Ed. Vozes, 1987.

\_\_\_\_\_. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

- GEREMECK, Bronislaw. *Os Filhos de Caim: vagabundos e miseráveis na literatura européia. (1400-1700)*. São Paulo: Cia das letras, 1997.
- GINZBURG, Carlo. *Sinais: raízes de um paradigma indiciário*. In: *Mitos, emblemas, sinais: Morfologia e História*. 1ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- GIESBRECHT, Ralph Mennucci. *Estações ferroviárias do Brasil*. Disponível em: <<http://www.estacoesferroviarias.com.br>> Acesso em: 13 out.2010.
- GONDRA, José; GARCIA, Inára. *A arte de endurecer "miolos moles e cérebros brandos": a racionalidade médico-higiênica e a construção social da infância*. Revista Brasileira de Educação. Rio de Janeiro, vol.26 n.º 26, 2004.
- GONDRA, José. *Medicina, Higiene e Educação Escolar*. In: LOPES; FARIA FILHO; VEIGA (orgs.). *500 anos de educação no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Homo hygienicus: educação, higiene e a reinvenção do homem*. In: Caderno Cedes: Educação pela higiene: histórias de muitas cruzadas. Campinas, n.º. 59, 2003.
- \_\_\_\_\_. *Artes de civilizar: medicina, higiene e educação escolar na Corte imperial*. Rio de Janeiro: Ed.UERJ, 2004.
- JULIA, Dominique. *A cultura escolar como objeto histórico*. Revista Brasileira de História da Educação. Campinas, vol.91 n.º 1, 2001.
- IANNI, Otávio. *A cidade global*. Revista Cultura Vozes, n.º 2, 1994.
- JOSGRILBERG, Fábio. *Cotidiano e Invenção: os espaços de Michel Certeau*. São Paulo: Escrituras, 2005.
- LAMBRAKI, Alexandra. *Compêndios da história de Marica*. Rio de Janeiro: Cop. Editora e Gráfica LTDA, 2005.
- LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. 5ª. Campinas: UNICAMP, 2003.
- LOPES, Antônio. *Das escolas reunidas ao grupo escolar: a escola como repartição pública de verdade*. In: VIDAL, Diana (org). *Grupos Escolares cultura escolar primária e escolarização da infância no Brasil*. São Paulo, Campinas Mercado das Letras, 2006.
- LOURENÇO FILHO. *Um educador brasileiro: Lourenço Filho*. São Paulo: Melhoramentos, 1959.
- \_\_\_\_\_. *Testes ABC: para verificação da maturidade necessária à aprendizagem da leitura e escrita*. São Paulo: Melhoramentos, 1974.

LUDKE, Menga ; ANDRÉ, Marli. *Pesquisa em Educação: Abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.

MACHADO, Padre Paulo Batista. *Maricá Meu Amor*. Rio de Janeiro, Apex, 1977.

MAGALDI, Ana; SCHUELER, Alessandra. *Educação escolar na Primeira República: memória, história e perspectivas de pesquisa*. Tempo, vol.13, nº26, 2009.

MEDEIROS, Emmanuelle. *Um estudo sobre o desenvolvimento do sistema educacional em Maricá e as políticas públicas para a educação no século XX*. Niteroi, UFF, 2002.

MENDONÇA, Ana; RAMOS DO Ó, Jorge. *A história da profissão docente no Brasil e em Portugal: aproximações e distanciamentos*. Revista Brasileira de História da Educação. Campinas, nº.15, 2006.

MENDONÇA, Ana , et al. Pragmatismo e desenvolvimentismo no pensamento educacional brasileiro dos anos de 1950/1960. Revista Brasileira de Educação, nº. 31, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v11n31/a08v11n31.pdf>. Acesso 14.08.2011.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *O desafio do conhecimento científico: pesquisa qualitativa em saúde*. 2ª edição. São Paulo/Rio de Janeiro: Hucitec-Abrasco, 1993.

NASCIMENTO, Jorge Carvalho do. "A escola no espelho: São Paulo e a implantação dos grupos escolares no Estado de Sergipe. In: VIDAL, Diana Gonçalves (Org.). Grupos escolares: cultura escolar primária e escolarização da infância no Brasil (1893-1971). Campinas: Mercado de Letras, 2006.

NÓVOA, Antonio. (Org). *Os professores e a sua formação*. 2ª ed. Lisboa: Dom Quixote, 1994.

\_\_\_\_\_. *Vidas de professores*. Portugal: Porto, 1992.

\_\_\_\_\_. Relação escola-sociedade: novas respostas para um velho problema. In: SERBINO, Raquel V. (org.) *Formação de Professores*. São Paulo: UNESP, 1998.

NUNES, Clarice. *"Ensino e historiografia da educação: problematização de uma hipótese"*. Revista Brasileira de Educação, n.º1, 2008.

\_\_\_\_\_. Ensino e historiografia da educação. Problematização de uma

hipótese. *Revista Brasileira de Educação*, São Paulo, vol.24, nº.1 Jan./Jun. 1998.

PAULILO, André Luiz. *As estratégias de administração das políticas públicas de educação na cidade do Rio de Janeiro entre 1922 e 1935*. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, vol.14, nº 42, Set/Dez. 2009.

PINHEIRO, Antonio. *Da era das cadeiras isoladas à era dos grupos escolares na Paraíba*. Campinas: Autores Associados, São Paulo: Universidade São Francisco, 2002.

QUAQUÁ Washington; MONTEIRO Roberta. *A magnífica história do trem em Maricá*. *Revista Maricá Já*, nº.13,2003.

RODRIGUEZ, Helio. *A formação das Estradas de Ferro no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, [Sociedade de Pesquisa para Memória do Trem], 2004.

SANTOS, Milton. *A natureza do Espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Hucitec,1994.

SANTOS, Magno Francisco de Jesus. *O quartel infantil: representações dos grupos escolares sergipanos*. *Revista Scientia Plena*. Sergipe: vol.7, nº. 7, 2011.

SEBRAE-RJ. *Relatório de desenvolvimento dos municípios metropolitanos*. Rio de Janeiro, 2004. Disponível em: [http://www.sebraerj.com.br/custom/pdf/cam/sal/08\\_OsCaminhosdoTrem.pdf](http://www.sebraerj.com.br/custom/pdf/cam/sal/08_OsCaminhosdoTrem.pdf).

Acesso: 06.05.2010.

SILVA, Denise. *Ilhas de saber: prescrições e práticas das escolas isoladas no estado de São Paulo (1933-1943)*. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2001.

SOUZA, Rosa Fátima; FARIA FILHO, Luciano Mendes. *A contribuição dos grupos escolares para a renovação da história do ensino primário no Brasil*. In: VIDAL, Diana Gonçalves (org.). *Grupos escolares: cultura escolar primária e escolarização da infância no Brasil (1893-1971)*. Campinas: Mercado de Letras, 2006.

SOUZA, Rosa Fátima; VALDEMARIN Vera Teresa; ALMEIDA, Jane Soares de. *O Legado Educacional do Século XIX*. Araraquara: UNESP,1998.

SOUZA, Rosa Fátima. *Lições da escola primária*. In: SAVIANI, D.; ALMEIDA, J. S.; SOUZA, R. F. de; VALDEMARIN, V. T. *O legado educacional do século XX no Brasil*. Campinas: Autores Associados, 2006.

\_\_\_\_\_. *Templos de civilização. A implantação da escola primária graduada no Estado de São Paulo (1890-1910)*. São Paulo: UNESP, 1998.

SOUTO, Rosiley. *Recrutamento e qualificação de professores primários na Instrução Pública Paulista (1892 – 1933): Um estudo das tecnologias de Estado*. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2005.

WERLE, Flávia. *História das instituições escolares: de que se fala?* In: Lombardi, José Claudinei & Nascimento, Maria Isabel Moura. *Fontes, história e historiografia da educação*. Campinas (SP): Autores Associados, 2004.

TANURI, Leonor. *História da formação de professores*. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro: nº. 14, 2000.

TEIXEIRA, Anísio. *Educação não é privilégio*. São Paulo: Nacional, 1971.

\_\_\_\_\_. *Educação no Brasil*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1999.

\_\_\_\_\_. *Educação para a democracia: introdução à administração educacional/Anísio Teixeira*. Apresentação de Luiz Antônio Cunha. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2007.

\_\_\_\_\_. *O Sistema Escolar do Rio de Janeiro (D. F.). Relatório de um ano de administração*. Boletim de Educação Pública. Ano II, nº. 3 e 4, 1932.

VAINFAS, Ronaldo. *Os protagonistas anônimos da história*. São Paulo, Campus, 2002.

VALLE, Lilian do. *A escola e a nação - As origens do projeto pedagógico brasileiro*. São Paulo: editora Letras e Letras, 1997.

VEIGA, Cynthia Greive. *Pensando com Elias as relações entre Sociologia e História da Educação*. In: FARIA FILHO, Luciano Mendes de (org.). *Pensadores sociais e História da Educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

\_\_\_\_\_. *A escolarização como projeto de civilização*. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Campinas: v. 21, n.º2, 2003. Disponível em: [http://www.anped.org.br/rbe/rbedigital/RBDE21/RBDE21\\_09\\_CYNTHIA\\_GREIVE\\_VEIGA.pdf](http://www.anped.org.br/rbe/rbedigital/RBDE21/RBDE21_09_CYNTHIA_GREIVE_VEIGA.pdf). Acesso 02.09.2011.

VIDAL, Diana; ESTEVES, Isabel. *Modelos Caligráficos Recorrentes: as prescrições para a escrita na escola primária paulista (1920 – 1940)*. In: TAMBARA, Eleomar. *Livros Escolares e Ensino da Leitura e da Escrita no Brasil (séculos XIX –XX)*. Pelotas: Seiva, 2003.

VIDAL, Diana; ABDALA, Raquel Duarte. *A fotografia como fonte para a História da educação: questões teórico-metodológicas e de pesquisa*. Disponível em: <[http://www.fundaj.gov.br/geral/educacao\\_foco/historia-educa.pdf](http://www.fundaj.gov.br/geral/educacao_foco/historia-educa.pdf)>. Acesso em 10 de maio de 2010.

VIDAL, Diana; FARIA FILHO, Luciano. *História da Educação no Brasil: a constituição histórica do campo (1880-1970)*. Revista Brasileira de História. São Paulo: ANPUH, v.23, n.º45, 2003.

VIDAL, Diana. (Org.). *Educação e reforma: o Rio de Janeiro nos anos 1920-1930*. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2008.

\_\_\_\_\_. *O exercício disciplinado do olhar: livros, leituras e práticas de formação docente no Instituto de Educação do Distrito Federal (1932 - 1937)*. São Paulo, Tese (Doutorado em História da Educação), Faculdade de Educação, USP, 1995.

\_\_\_\_\_. *Tecendo História e Recriando Memória da Escola Primária e da Infância no Brasil: os Grupos Escolares em Foco*. Campinas, Mercado das Letras, 2006.

\_\_\_\_\_. *Culturas escolares. Estudo sobre práticas de leitura e escrita na escola pública primária ( Brasil e França, no final do século XIX)*. Campinas: Autores Associados, 2007.

VIÑAO, Antonio; ESCOLANO, Augustín. *Currículo, Espaço e Subjetividade: a arquitetura como programa*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

VICENTINI, Paula; GALLEGOS, Rita de Cássia. *Um, dois ou três turnos? Os embates acerca da redução do tempo diário de aula e a configuração do ensino primário paulista (1908-1932)*. Trabalho apresentado no V Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação, Uberlândia, 2006. Disponível em: <http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe4/individuaiscoautorais/eixo02/Paula%20Perin%20Vicentini/Texto.pdf>. Acesso: 17.08.2011.

ZAGO, Nadir. *A entrevista e seu processo de construção: reflexões com base na experiência prática de pesquisa*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

## ANEXOS

## ANEXO- I

  
 REPUBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL  
**REGISTRO ESCOLAR**  
 (MODELO 1)

**MATRÍCULA, PROFESSORES E APARELHAMENTO ESCOLAR**

ENSINO: Primária  
Comunidade de São Paulo de S. P.

Grupo Escolar ou Escola Agrupada (nome): Escola Estadual de Flamengo

Rua e número: Escola, lado 40

Cidade, vila ou localidade: Flamengo

Distrito judicial-administrativo: \_\_\_\_\_

INDICE		Fol.
1. Introdução		1
2. Instruções aos professores		2
3. Regulamento de matrícula		3
4. Regulamento de ensino		4
5. Regulamento de exames		5

Fonte: Fotografia Livro de Matrículas.  
 Acervo Colégio Estadual do Flamengo - Ano 1950.  
 Fotografo: Milena Melo

ANEXO-II

ANO DE 1954

B - PARTE DESTINADA AOS RESPONSÁVEIS PELOS ALUNOS

NOME DO RESPONSÁVEL	É pai, mãe ou responsável?	RESIDÊNCIA (rua, nº e cidade)	CASAQUADRE DOS PAIS						
			Do pai			Da mãe			
			Nacionalidade	Profissão (de acordo com o programa escolar) - R. 2	Instrução (primária, secundária, superior, ou 2 graus de ensino?)	Religião	Nacionalidade	Profissão (de acordo com o programa escolar) - R. 2	Instrução (primária, secundária, superior, ou 2 graus de ensino?)
Paulo de Souza	Pai	Flamengo	Brasil	Comerciante	Terceiro grau	Católico	Brasil	Comerciante	Terceiro grau
Wilson Ferreira	Mãe	"	"	"	"	"	"	"	"
Antônio Lopes	Pai	Bom Jardim	Brasil	Mecânico	Terceiro grau	Católico	"	"	"
Antônio Augusto Barbosa	Mãe	Flamengo	"	"	"	"	"	"	Primeiro grau
Samuel Figueiredo	Pai	Rio Fundo	Brasil	danador	Terceiro grau	Católico	"	"	"
Antônio Costa Pinheiro	"	Flamengo	"	Comerciante	"	"	"	"	"
Antônio de Souza	"	"	"	"	"	"	"	"	"
Antônio de Souza	"	"	"	danador	"	Mulçum	"	"	"
Antônio de Souza	"	Passo	"	"	"	"	"	"	"

Fonte: Fotografia Livro de Matrículas- Parte B Dados dos Responsáveis dos Alunos do Grupo Escolar Domicílio da Gama- Acervo Colégio Estadual do Flamengo- Ano 1954.

ANEXO-III

GOVERNO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO  
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO  
NRC/MARICÁ

ESTABELECIMENTO : ESCOLA ESTADUAL DOMÍCIO DA GAMA  
LOCAL : AVENIDA ROBERTO SILVEIRA 1.138  
DISTRITO : 1º U.A.:16 0295 CLASSIFICAÇÃO D

HISTÓRICO

Data de criação- 8/3/1912 Decreto Nº 4.678 de 25, publicado a 26/3/1954(63), com a denominação de Domício da Gama, em substituição a de G.R.Flamengo, no município de Maricá.

Portaria Nº 226 de 28/3 publicada a 3/4/63 autorizando o funcionamento de 3 turnos

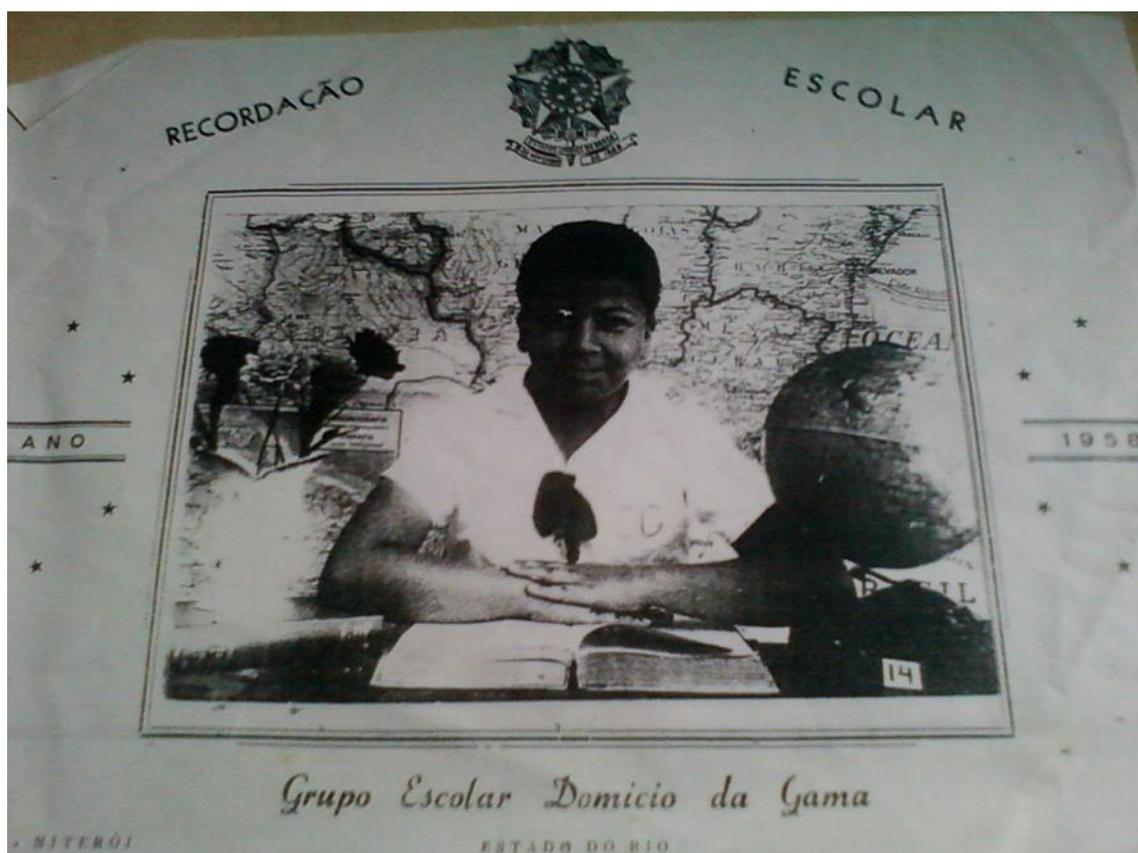
Portaria Nº 76, D.O de 9/4/80, autorizando o funcionamento de Pré-secular

Ofício Nº 209/81 de NRC/Maricá, autorizando o funcionamento de 2º segmento de 1º Grau

Decreto 14.280/69- de 12/9 publicada na D.O. de 15/9/1969- cria a Escola Supletiva Domício da Gama

ATO DE CRIAÇÃO: Decreto Nº 4.678 de 26/3/1954

Fonte: Decreto de Criação do Grupo Escolar Domício da Gama- Flamengo- Maricá.  
Ano – 1954.Acervo- Histórico do atual Colégio Estadual Domício da Gama.



Fonte: LEMBRANÇA ESCOLAR ALUNA EUNICE COELHO.  
Acervo pessoal Eunice Coelho. Ano – 1958.  
Fotografo: Milena Melo



Fonte: Fotografia Desfile de 26 de maio. Acervo pessoal Maria Penha de Andrade-Ano-1956.  
Fotografo:S/i.

ANEXO-VI

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Universidade do Estado do Rio de Janeiro/ Faculdade de Formação de  
Professores  
*Mestrado em Educação - Processos formativos e desigualdades sociais*

### **Termo de consentimento livre e esclarecido**

O pesquisador Milena de Melo Silva, aluna do curso de *Mestrado em Educação – pela Faculdade de Formação de Professores da UERJ*, solicita sua colaboração, concedendo uma entrevista à pesquisa sobre o projeto de pesquisa citado.

Deve-se ter a ciência de que o participante da pesquisa está sujeito a ser filmado ou ter sua fala gravada e eventualmente fotografado durante a realização das entrevistas para que os dados sejam posteriormente analisados.

A participação é voluntária e se participar não terá nenhuma despesa ou receberá pagamento em troca. A vantagem de sua participação é apenas de caráter científico. Mesmo após sua autorização terá o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, independente do motivo e sem qualquer prejuízo à sua pessoa. As informações fornecidas serão utilizadas apenas com finalidades didáticas e científicas. Onde os resultados das entrevistas, fotos, gravações de áudio e filmagens serão confidenciais e fornecidos apenas a mim (pesquisador) ou aos profissionais envolvidos na pesquisa, podendo ser utilizados para fins educacionais e/ou de pesquisa (apresentação em aulas, palestras, publicações etc.) sem que meu nome seja, em momento algum, identificado.

Consentimento Pós-Informação

Eu,

.....  
carteira de identidade nº....., residente  
à.....

.....  
....., entendi a finalidade da pesquisa e aceito participar de  
livre e espontânea vontade. Por isso dou meu consentimento para inclusão  
como participante da pesquisa e atesto que me foi entregue uma cópia desse  
documento.

---

Assinatura do entrevistado

Data São Gonçalo, ...../...../.....

## ANEXO- VII

## ROTEIRO DE ENTREVISTA

- 1- Como era a escola?
- 2- Quais são as suas lembrança ( espaço físico, brincadeiras, colegas e professores)?
- 3- Como era enfatizada a questão da disciplina em sala de aula?
- 4- Quanto a relação professor-aluno, o que pode descrever?
- 5- Quais eram as disciplinas cursadas?
- 6- Como era a preparação dos alunos para o Desfile Cívico nas ruas de Maricá?
- 7- Quais foram os momentos mais marcantes da trajetória do Grupo Escolar Domício da Gama na sua vida como estudante?